UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES PLÁSTICAS

Matizes: diversidades na roda da arte educação:
Por uma universidade plural, antirracista e inclusiva

Beatriz Camargo Martins

São Paulo
2023

BEATRIZ CAMARGO MARTINS

Matizes: diversidades na roda da arte educação:
Por uma universidade plural, antirracista e inclusiva

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para a obtenção do título de Graduação em Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade de São Paulo.

Orientadora: Profa. Dra. Sumaya Mattar

São Paulo

2023

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora, Profa. Dra. Sumaya Mattar, por aceitar conduzir meu trabalho de pesquisa e ter me dado todo o apoio necessário nesse processo, sendo para mim uma fonte de inspiração como docente e pesquisadora.

Aos meus pais, Fabio e Andrea, por todo o suporte emocional, financeiro e educacional. Vocês são um exemplo de que viver de arte educação é possível e que pode ser transformador.

A Elio, pelos anos de amizade, companheirismo e parceria, tendo sempre incentivado os meus projetos e sido o melhor corretor de trabalhos que conheço.

A Rafael, por toda compreensão e carinho, tendo sempre cuidado de mim mesmo nos momentos mais delicados. Você me traz esperança de que é possível sonhar com um outro mundo.

A Estefano e Priscila, pela confiança e disponibilidade ao me cederem entrevistas que compuseram partes importantes deste trabalho.

Aos meus amigos de curso, que estiveram do meu lado nos momentos mais difíceis da graduação, sempre me acolhendo e proporcionando trocas que levo para vida toda.

Aos meus camaradas, por me fazerem entender a importância de se construir uma outra universidade que seja pautada nos interesses do povo.

A todos aqueles que fazem ou fizeram parte do Matizes, por acreditarem ser possível mudar a formação colonial e racista da universidade e apresentar alternativas para a formação em arte educação.

SUMÁRIO

Introdução	5
Parte I – Sankofa: Conhecer o passado para melhorar o presente e construir o futuro.	8
Parte II – Uma conversa com…	15
Parte III – Priscila em três tempos	30
Parte IV – Sobre fins e renascimentos	39
Parte V – No percurso pela autonomia	47
Conclusão	58
Referências	63
Apêndice	65
Anexos	77

Introdução

Primavera
"Apesar da batalha, o pente cheio
As tecnologias ancestrais nós temos
Pra induzir o sonho dentro de um pesadelo
Entre um traçante e outro
Dilatar o tempo e imaginar um mundo novo."
(Don L, 2021)

Quando olho para trás, não tenho como não pensar sobre a minha história com o projeto Matizes. Eu estive presente desde o momento de seu surgimento e, apesar de algumas idas e vindas, continuo fazendo parte dele. O Matizes vive e o que irei contar é apenas um recorte de sua existência até o momento e de minha vivência dentro do projeto. Não tenho como dar conta de tudo que ele foi e é, mas tentarei dar vida a sua história nessas palavras com o intuito de registrar e valorizar essa importante experiência de formação inicial docente que ocorre no Departamento de Artes Plásticas (CAP) da Universidade de São Paulo (USP).

Matizes: diversidades na roda da arte educação é um projeto responsável por formar artistas, educadores e pesquisadores sob uma perspectiva decolonial, criando espaços de trocas entre estudantes da graduação e da pós-graduação do Departamento de Artes Plásticas e resistindo a currículos excludentes e coloniais. O projeto surgiu em 2021 a partir tomada de decisão da Profa. Dra. Sumaya Mattar com seus estudantes da licenciatura frente a um episódio de racismo que aconteceu em uma situação de aula. Esse episódio ajudou a escancarar a necessidade de ampliação e aprofundamento da formação inicial docente no campo da arte educação em torno das temáticas étnico-raciais, de diversidades e interseccionalidades. Apesar da Lei 11.645/08 tornar obrigatório o estudo da história e da cultura afro-brasileira e indígena na Educação Básica, esta não prevê a sua obrigatoriedade nos estabelecimentos de ensino superior para os cursos de formação de professores. Dessa forma diversos currículos de cursos de Licenciatura em Artes Visuais falham em oferecer de uma formação adequada relativa a essas temáticas, mantendo-se, com poucas exceções, um ensino muito pautado pelos valores estéticos, filosóficos e culturais europeus.

Tendo contado com a participação de mais de 25 pessoas, o projeto já organizou diversas ações pedagógicas como: encontros com arte educadores, rodas de conversa, leituras, proposições artísticas e oficinas. Em 2021, o grupo realizou um ciclo de conversas transmitidas de forma online com educadores, curadores, artistas e pesquisadores negros que foram estudantes da USP, com o intuito de ouvir, compartilhar e refletir sobre histórias acerca dos convidados sobre suas formações e vivências tanto pessoais quanto com a arte e a cultura. Com a volta à presencialidade das atividades universitárias em 2022, o projeto assumiu um novo

formato e foram organizados encontros, conversas e oficinas promovidas pelos nossos convidados. Além disso, tornou-se um projeto de extensão universitária, passando a receber bolsistas do Projeto Unificado de Bolsas (PUB)[1]. Já em 2023, o Matizes inaugurou um novo ciclo de vivências com um oficina de bordado ministrada por seus participantes e esteve presente atuando nas mobilizações pela contratação de professores que se deram em toda universidade.

O Matizes faz parte de uma história coletiva, mas também pessoal. Minha presença no projeto sempre esteve relacionada com a consciência de sua importância em uma universidade tão excludente, que dificulta constantemente a permanência de seus estudantes pretos, pardos e indígenas. Sempre reconheci o compromisso que o projeto tem com esses estudantes, mas também com a formação dos estudantes brancos como antirracistas. O Matizes fez e faz sentido para mim, porque é a construção da Universidade Popular[2] dentro do Departamento de Artes Plásticas, de forma coletiva e organizada. Com isso em vista, meu trabalho de conclusão de curso teve como objetivo fazer um registro documental dessa experiência de formação, dando um panorama histórico de todas as vivências proporcionadas até agora pelo projeto. Para isso, resgatei o episódio de surgimento, revisitei as conversas e os saberes oferecidos por cada um dos nossos convidados, retomei todo o material produzido pelo grupo, coletei relatos de seus integrantes e participei da idealização e realização de suas atividades em 2023.

Investigar a história do Matizes me deu a oportunidade de fazer um balanço das atividades realizadas pelo projeto nesses dois anos de existência, pensando nas suas conquistas, em seus recuos e apontando caminhos para o futuro do projeto. Tendo em vista que "quem controla a produção material sobre o passado domina aquilo que se entende como experiência histórica do presente" (GAIOFATO, 2022, p. 204), registrar a história do projeto é fundamental para firmar uma posição política de valorização desta experiência revolucionária dentro do contexto da licenciatura do CAP. Porém, fazer isso não é tarefa fácil, uma vez que a história consiste em uma relação dialética contraditória entre o passado e o presente, composta por objetividades e subjetividades, sendo um grande campo de conflito.

Por conta disso, nessa jornada como pesquisadora foi preciso fazer escolhas conscientes a todo momento. Assim, para realizar essa tarefa tomei como escolha metodológica a História

---

[1] O PUB é uma ação de integrada das Pró-reitoras de Cultura e Extensão, Graduação e Pesquisa e Inovação da Universidade de São Paulo de apoio financeiro à formação de estudantes, que podem se inscrever em projetos de diversas vertentes como estudo, pesquisa e extensão.

[2] A luta por uma Universidade Popular é a convicção que o espaço universitário, como aparelho que compõe a hegemonia burguesa, deve expressar em seu interior a voz e os interesses de campo popular de discentes, docentes e funcionário. Essa é uma luta do movimento estudantil que pauta uma universidade orientada pelos interesses da classe trabalhadora, com educação gratuita, de qualidade, para todos.

Oral, uma vez que esta possibilita oferecer um espaço para que pessoas de diferentes grupos étnicos, culturais e sociais narrem e compartilhem suas experiências, saberes e visões de mundo, sendo um meio potente em resposta às narrativas oficiais excludentes. Tendo como principais fontes de pesquisa minha memória pessoal e a memória dos meus entrevistados, Estefano Fideles da Rocha e Priscila Leonel, busquei costurar uma escrita que respeitasse os seus relatos, mas também incluísse mais informações sobre a vivência coletiva do projeto, por meio dos materiais produzidos pelo grupo como registros, conversas, vivências e reflexões. Além disso, busquei tratar com esse mesmo cuidado a minha bibliografia, tornando esse trabalho um grande processo de escuta e reflexão. No apêndice do texto poderá ser encontrado a transcrição da entrevista com Priscila e, nos anexos, os registros de diversas reuniões. A maior parte dos materiais produzidos pelo grupo se encontra em um Drive coletivo, o qual me dediquei a organizar durante o processo do TCC. Achei importante anexar essas fontes primárias ao final do texto, porque existe um risco de que todos esses materiais desapareçam, uma vez que só estão disponíveis de forma online, dentro de um serviço privado da Google, que pode ser encerrado a qualquer momento.

Para contar essa história, identifiquei alguns momentos vividos pelo projeto, estruturando meu trabalho em cinco partes. Na primeira parte, retomei o episódio que originou o Matizes em 2021, de forma a revisar alguns conceitos errôneos que se apresentaram e identificar qual foi o embasamento teórico-político-pedagógico que guiou suas próximas ações. Na segunda parte, fiz um balanço dos encontros realizados com Marcelo D'Salete, Claudinei da Silva, Amanda Carneiro e Glaucea Britto, dando enfoque ao conteúdo formador presente em cada conversa. Na terceira parte, abordei a mudança de formato do projeto com a chegada da presencialidade e as contribuições formativas do ciclo de vivências com Priscila Leonel. Na quarta parte, tratei sobre os desafios vividos pelo projeto com a volta das atividades presenciais na Universidade e sobre a transformação deste em um projeto de extensão. Na quinta parte, abordei a experiência de organização e regência da oficina *Entre o avesso e o verso* e as movimentações estudantis pela contratação de professores, refletindo sobre como tem sido o percurso de construção da autonomia dos estudantes. Por fim, apresento um balanço das atividades do projeto, pensando em seu caráter formativo, e aponto quais são as expectativas do grupo para o futuro. Apresento também algumas questões que nunca foram resolvidas pelo grupo em relação a sua forma organizacional e possíveis hipóteses em relação à causa disso.

Gostaria de ressaltar que a narrativa construída por esse trabalho não deseja esvaziar outras possíveis interpretações, olhares e conclusões sobre a história do projeto Matizes até o momento. Como mulher cisgênero branca de classe média, não conseguirei dar conta do que o

projeto significou para cada um de seus participantes, mas tentei ao máximo trazer uma narrativa que ouvisse múltiplas vozes, para construir esse registro que vos deixo aqui. O projeto Matizes me deu ferramentas para poder sonhar com uma outra universidade e sociedade. [3]

Parte I – Sankofa: Conhecer o passado para melhorar o presente e construir o futuro.

"Nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou para trás."
(NASCIMENTO; GÁ, 2022, p. 27)

Com essa mensagem, remonto ao significado de Sankofa, um conceito originado de um provérbio tradicional dos povos de língua Akan da África Ocidental, que englobam países que hoje conhecemos como Gana, Togo e Costa do Marfim. Para um desses povos, a civilização Asante, Sankofa possui um símbolo Adinkra, cujo ideograma é um pássaro mítico cujo corpo está voltado para a frente e a cabeça está voltada para atrás. Retomo esse conceito para rememorar como se deu o surgimento do projeto *Matizes: diversidade na roda da arte e educação*. Conhecer as situações que circundam esse momento é fundamental para podermos aprender, revisar e debater conceitos e problemáticas que apareceram e foram determinantes para pensar a linha teórico-político-pedagógica do projeto, que assumiu desde o início um compromisso com a decolonialidade.

O projeto Matizes surgiu em junho de 2021, no segundo ano de pandemia de COVID-19[4], no contexto da Licenciatura em Artes Visuais do Departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP. É preciso ter em mente que diversos fatores e contextos impactaram na criação do projeto, mas foi uma sequência de momentos que se encadearam após uma aula de Metodologias do Ensino das Artes Visuais I com Estágios Supervisionados (MEAV I), que foram determinantes para o seu surgimento. Era dia 10 de junho quando a Profa. Dra. emérita Ana Mae Barbosa foi convidada para participar de uma aula online da disciplina de MEAV I, ministrada pela Profa. Dra. Sumaya Mattar. Sua participação em aula foi divulgada dentro das disciplinas específicas da Licenciatura oferecidas pelo CAP como a última aula de Ana Mae como professora sênior no departamento.

O evento contou com a presença de 50 participantes, dentre eles docentes e estudantes da licenciatura, e Ana Mae versou sobre a mediação no contexto de museus e instituições

[3] O título do trabalho "Matizes: diversidades na roda da arte educação: Por uma universidade plural, antirracista e inclusiva" foi inspirado na reflexão escrita por Leandro de Oliva Costa Penha sobre o projeto. Esta se encontra no Anexo N.

[4] A pandemia surgiu no final de 2019 pelo coronavírus, que dado a sua alta transmissibilidade e índices de mortalidade, ocasionou em medidas preventivas de isolamento social, no qual universidades, escolas e serviços de diversas naturezas passaram a operar de forma remota.

culturais em relação à arte e ao meio ambiente. Foram apresentadas questões relativas ao genocídio indígena da etnia Juma, a crise ambiental e social que o Brasil enfrenta e a importância de fomentar a consciência ecológica no ensino de arte. Além disso, Ana Mae mostrou exemplos de projetos artísticos que dialogam com essas questões como o projeto Árvore, idealizado pelo artista Otavio Roth nos anos 1990, que consiste em uma instalação itinerante de arte participativa formada por folhas de papel pintadas individualmente por crianças do mundo todo. A instalação foi reeditada por sua filha em 2018 e participou da exposição *Para Respirar Liberdade – Setenta Anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos,* no Sesc Bom Retiro (ROTH, A.; ROTH, I., 2016).

Após essa apresentação, que durou em torno de uma hora e meia, abriu-se um espaço para perguntas. Enquanto um estudante branco fazia uma pergunta bastante sensível que tangia questões raciais, o ensino de arte e a construção de repertório do professor, Ana Mae apresentou problemas de conexão e caiu da chamada. Até tentou-se um contato com ela, mas ela acabou não retornando. A pergunta, que já era um pouco deslocada em relação à apresentação feita por Ana Mae, ficou pairando no ar até que uma convidada do evento, que era docente aposentada do Instituto de Biociências da USP, se dispôs a respondê-la. A partir daí ocorreu uma sequência de violências com a disseminação de discursos racistas por parte dos participantes do evento, que encadearam diversas outras situações nas semanas seguintes até a construção do Projeto Matizes. Dentre essas falas, alguns conceitos apareceram de forma distorcida e ocorreram sucessivos erros, que apontaram que certas noções sobre raça e racismo não eram consensuais para todos os presentes ali. Dessa forma, busco aqui fazer uma análise, trazendo importantes contribuições de pensadores e intelectuais negros, para entender a gravidade do ocorrido e a emergência da criação do projeto naquele momento e contexto histórico.

Primeiro é preciso entender que a raça é "um elemento essencialmente político, sem qualquer sentido fora do âmbito socioantropológico" (ALMEIDA, 2023, p. 31). Segundo Silvio Almeida, "a noção de raça como referência a distintas categorias de seres humanos é um fenômeno da modernidade que remonta aos meados do século XVI" (Ibid., p. 24). Essa classificação de seres humanos serviu como "uma das tecnologias do colonialismo europeu para a submissão e destruição de populações das Américas, da África, da Asia e da Oceania" (Ibid., p. 28). Tendo isso em vista, a resposta dada pela docente foi extremamente problemática, uma vez que ela descontextualizou a pergunta e utilizou o seu espaço de fala para apresentar o conceito de raça por uma suposta "abordagem biológica", associando essa à medição do crânio. Essa abordagem possui as suas raízes no espírito positivista europeu do século XIX, o qual transformou as indagações sobre as diferenças humanas em indagações científicas (Ibid., p. 29).

A ciência dentro da civilização moderna ocidental possui a capacidade de produzir um discurso de autoridade em que poucas pessoas têm condição de contestar, principalmente quem não pertence a área do conhecimento. Dessa forma, quando a docente falou, não existia um consenso na turma de que entender a raça por esse viés biológico poderia ser categorizado como mecanismo do racismo cientifico. Esse discurso fabricado pela branquitude foi responsável por sustentar um ideário racista, colonial e eugenista direcionado a população negra e indígena no Brasil de forma a justificar as opressões e violências cometidas pelos brancos à essas populações, algo que perdura até hoje.

Pude conversar sobre o ocorrido com Estefano Fideles da Rocha[5], estudante do CAP que teve papel fundamental no início do projeto e esteve presente naquele dia. Estefano ingressou comigo no departamento em 2019 e cursávamos juntos a disciplina de História do Ensino da Arte no Brasil: trajetória política e conceitual e questões contemporâneas (HEAB), também ministrada pela professora Sumaya Mattar. Segundo ele, as falas da convidada geraram "uma certa comoção em vários alunos, principalmente nos alunos que não eram brancos, mas também num contexto geral de uns alunos que tinham uma percepção mais clara sobre o assunto" (ROCHA, 2023). Alguns estudantes se posicionaram apontando o racismo presente na fala da convidada e de uma docente em exercício que estava no evento e, a partir disso, se instaurou uma discussão sobre o que era racismo, no qual a fala de pessoas brancas foi hegemônica. Dentre alguns dos equívocos racistas professados ali, estavam a ideia de que o racismo pode ser relativizado e que está presente na essência do indivíduo. Ambas as ideias são falsas. O racismo é "uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento" (ALMEIDA, 2023, p. 32). Portanto, não é uma essência, mas sim uma estrutura. Esse pensamento essencialista está ligado a uma concepção individual de que não haveria sociedades ou instituições racistas, mas indivíduos racistas. O que Silvio Almeida nos traz em *Racismo estrutural* é que, na realidade, as instituições e indivíduos são racistas, porque a sociedade é racista. O racismo não é criado pelas instituições, mas sim reproduzido por elas. Na universidade isso aparece de diversas maneiras, desde o acesso à permanência dos estudantes, docentes e funcionários nesse espaço. Além disso, pode se manifestar na forma de violência explícita ou de microagressões incluindo piadas, silenciamento e isolamento. Então, o problema daquela reunião vai além das falas da convidada, mas inclui também todas as microagressões racistas disseminadas ali tanto por estudantes quanto por outros docentes. Assistir ao ocorrido foi horrível e extremamente doloroso, principalmente pensando no quanto as falas afetavam

[5]Entrevista realizada presencialmente com Estefano Fideles da Rocha com duração de 49 minutos do dia 10 de maio de 2023. Foi-se autorizado que apenas trechos da entrevista fossem divulgados para compor o trabalho.

diretamente os meus amigos. Lembro de estar o tempo todo do evento conversando em paralelo em grupos de WhatsApp com amigos sobre o absurdo que estava acontecendo.

Após duas horas de discussão, os convidados e estudantes de outras disciplinas saíram da chamada e ficou apenas a turma de MEAV I conversando sobre o ocorrido com a Profa. Sumaya. Nessa conversa, alguns estudantes apontaram que ela, como professora responsável pelo evento, deveria ter tomado alguma atitude frente as falas problemáticas proferidas, algo que não foi feito. Dentre um dos apontamentos dos estudantes que foram fundamentais para a professora refletir sobre o que ocorrera, foi que se alguém chama o outro de racista, este que tem que se haver com isso e não ser questionado por terceiros se a ação foi racismo ou não. Essa conversa com a turma da disciplina e o acontecimento como um todo foi muito importante para Sumaya refletir e perceber a gravidade da situação e que alguma atitude deveria ser tomada, uma vez que não era possível voltar atrás no que havia acontecido. Assim, ela convocou uma segunda reunião para uma semana depois, no dia 17 de junho, para a qual foram convidados os estudantes de MEAV I, de HEAB e do Programa Residência Pedagógica (que também estiveram presentes na semana anterior), tanto para conversar sobre o ocorrido quanto para debater possíveis encaminhamentos a partir da situação. A Profa. Sumaya deu a liberdade dos alunos se organizarem, na tentativa de fazer um diálogo mais horizontal entre a turma. Ela acreditava que naquele momento os estudantes negros poderiam enfim se manifestar. Mas, como relata Estefano, a organização das falas e do debate foi feita novamente por estudantes que não estavam sendo diretamente atingidos pela discussão racial, dando pouca voz para quem fora realmente afetado e que poderia nesse momento expressar a sua opinião. Sobre as duas reuniões, ele analisa: “Na primeira reunião você teve os alunos negros ouvindo essas falas problemáticas e na segunda reunião você tinha novamente os alunos negros ouvindo sobre eles, sem a possibilidade de falar” (ROCHA, 2023).

O que aconteceu nesses dois encontros precisa ser analisado pelas lentes do que Cida Bento denomina como “pacto da branquitude”. Esse é um “pacto de cumplicidade não verbalizado entre pessoas brancas, que visa manter seus privilégios” (BENTO, 2022, p. 15). O pacto da branquitude tem um componente narcísico de autopreservação “como se o ‘diferente’ ameaçasse o ‘normal’, o ‘universal’. Esse sentimento de ameaça e medo está na essência do preconceito, da representação que é feita do outro e da forma como reagimos a ele” (Ibid., p. 16). Essa reação de medo e ameaça apareceu nas duas ocasiões, uma vez que as pessoas brancas envolvidas na situação se mantiveram em sua posição de dominação e opressão, tentando relativizar o ocorrido. Dessa forma, mesmo que de forma não intencional, criou-se uma estrutura de discussão que impediu os estudantes negros de se posicionarem diante de tantas

violências. Como nos aponta Cida, ao se falar sobre racismo e escravidão, foca-se muito nos "impactos negativos para as populações negras, mas quase nunca se fala na herança escravocrata e nos seus impactos positivos para as pessoas brancas" (Ibid., p. 20). Mesmo que em graus diferentes, todas as pessoas brancas se beneficiam do legado da opressão racial e, por isso mesmo, muitos não conseguiram reconhecer a dimensão do silenciamento propagado. Sobre esses encontros, Estefano narra:

> Eu me senti muito mal, não só por mim, mas pelos outros alunos que provavelmente tinham sido muito afetados pela forma como os debates aconteceram e sem a possibilidade de falar, porque eu não ouvi ninguém. Nenhum aluno negro se pronunciou. Então, eu me senti bastante engasgado, sabe? (ROCHA, 2023)

Esse sentimento motivou Estefano a escrever uma série de mensagens em tom de desabafo em um grupo de WhatsApp de um projeto PUB do qual ele era bolsista, vinculado ao Subprojeto Arte do Programa de Residência Pedagógica, coordenado pela Profa. Sumaya. Visto que no grupo existiam participantes externos ao contexto da licenciatura, ele logo deletou as mensagens. Porém, uma estudante do curso de licenciatura em Música, que também era bolsista, Mariana Meyer, as leu e chamou Estefano para conversar no particular querendo saber se ele estava bem, deixando-o muito emocionado, "porque parecia que finalmente alguém tinha se proposto a ouvir" (ROCHA, 2023). Assim, ele escreveu diversos textos para Mariana, os quais ela incentivou que ele compartilhasse com mais pessoas. Nessa ponderação de como e onde enviar tudo o que tinha escrito, Estefano mandou uma versão para Sumaya, que também adorou o texto. Assim, os dois começaram a pensar como fazer esse compartilhamento com os outros estudantes.

Sumaya também ficara incomodada com o modo em que a segunda reunião fora conduzida, principalmente porque o encaminhamento que se estava articulando entre esses estudantes brancos era a elaboração de uma carta pública, com intenção de denunciar aqueles que proferiram falas racistas. Apesar da denúncia ser algo importante frente a violências, muitas vezes ela não é o suficiente para gerar de fato alguma mudança estrutural. Por isso, ela planejou e convocou um novo encontro para o dia 24 de junho, no qual foi passado como bibliografia prévia a leitura de *Racismo estrutural*, sugestão feita por Camila Vasques, uma estudante de licenciatura em Artes Visuais, para que as situações vividas nas últimas reuniões não se repetissem. Foi decidido que Estefano leria a sua carta nesse espaço e que a reunião não seria gravada e o texto não seria disponibilizado por escrito. Eu estive presente na reunião e me recordo que foi muito forte poder ouvir as palavras de Estefano. Em nossa conversa, pedi que ele rememorasse o que havia escrito:

> Uma das grandes questões que coloco nessa carta era justamente a questão da mediação. A mediação em que a sociedade sempre tenta fazer dos negros com o mundo, como se os negros precisassem de uma tutoria. As pessoas muitas vezes não entendem que o papel das pessoas que não são negras não é uma mediação dos negros com o mundo, não é uma educação do negro para a luta. Isso é uma coisa que todo o negro nasce fazendo, porque é uma questão que a vida já vai te treinando para isso, infelizmente. É na verdade a questão de você entender o seu papel como não sendo pessoa negra nesse sistema para que a gente pense juntos como destruir esse sistema (ROCHA, 2023).

Isso que Estefano aponta demonstra um posicionamento que as pessoas brancas tomam diante da branquitude, que pode se dar de forma acrítica ou crítica. Por um lado, a branquitude acrítica orbita entre as posições de privilégio branco, um estado passivo de herança dos benefícios que os brancos têm independente de seu desejo, por conta da escravidão, e de prerrogativa branca, uma posição ativa em que brancos "buscam, exercitam e aproveitam a dominação racial e os privilégios da branquitude" (BENTO, 2022, p. 49). Por outro lado, tem-se a branquitude crítica, que se refere àqueles que condenam publicamente o racismo, mas que no âmbito privado não sustentam esse discurso nem renunciam aos seus privilégios. Segundo a autora, "esse é um ponto importante a ser debatido para entender e distinguir quando e como um discurso contra o racismo pode se transformar verdadeiramente numa prática antirracista" (Ibid., p. 49).

Era exatamente isso que estava em xeque para Sumaya no momento: diante de tudo que aconteceu, qual atitude tomar que fosse eficiente dentro do curso de Artes Visuais do CAP? Segundo Silvio Almeida, a única forma de instituições combaterem o racismo é por meio da implementação de práticas antirracistas efetivas (ALMEIDA, 2023, p. 48), como: promover a igualdade e a diversidade nas relações internas e com o público externo, remover obstáculos para ascensão de minorias em posições de direção e prestígio, manter espaços para debate e revisão de práticas institucionais e promover o acolhimento de minorias. Desse modo, Sumaya enxergou na situação a possibilidade de criação de um processo político-pedagógico com os estudantes, que realizasse ações concretas e antirracistas. Começou-se a delinear a necessidade de se ter um espaço que pudesse trabalhar com questões étnico-raciais, de gênero e de diversidades com foco no ensino e na aprendizagem da arte no âmbito da formação dos estudantes. Não é como se essa necessidade não existisse antes deste acontecimento, mas apenas naquele momento histórico foi possível tomar alguma atitude que enfrentasse frontalmente o racismo estrutural e suas manifestações no Departamento de Artes Plásticas. Acredito que dois fatores que contribuíram para essa mudança de posição envolvem tanto o aumento do número de estudantes pretos, pardos e indígenas na universidade, por conta das ações afirmativas, quanto ao fato de que diversos alunos de MEAV I cursavam

concomitantemente a disciplina de História do Ensino da Arte no Brasil: trajetória política e conceitual e questões contemporâneas, que, fazendo uso da História Oral, segue um programa investigativo de histórias contra hegemônicas e decolonialidades do ensino.

Com isso em vista, Sumaya apresentou, após a leitura da carta por Estefano, uma proposta para os estudantes inspirada no projeto Entretelas[6], com o objetivo de promover encontros online com artistas, educadores, pesquisadores, ex-alunos do CAP negros que pudessem ajudar a "enfrentar a questão do racismo estrutural e das diversidades" (ANEXO C) no âmbito da universidade. Esses encontros visavam ouvir às histórias de vida e experiências de formação des convidades, dando ao grupo uma oportunidade de formação continuada sobre o assunto. Além disso, Sumaya comunicou que havia tomado a liberdade de convidar o ex-aluno artista e quadrinista Marcelo D'Salete, que é professor de arte na Escola de Aplicação da USP, para o primeiro encontro, que aconteceria no dia 5 de julho, às 19h00. Como metodologia de trabalho, o projeto adotaria como linha teórica-política-pedagógica a decolonialidade e a interseccionalidade.

Ambos os conceitos fornecem postulados muito caros ao que futuramente foi chamado de projeto Matizes. A teoria decolonial busca refletir criticamente sobre o que se entende por senso comum e pelas pressuposições científicas "referentes a tempo, espaço, conhecimento e subjetividade" (MALDONADO-TORRES, 2020, p. 29). Essas foram fabricadas pela moderna civilização ocidental, que inventou uma "narrativa temporal e uma concepção de espacialidade que a fez parecer como o espaço privilegiado da civilização em oposição a outros" (Ibid., p. 36). Embutida na modernidade, a colonialidade propaga uma lógica desumanizante de mundo que perdura até mesmo na ausência das colônias formais. Essa lógica fabricou e impôs aparatos de diferenciação de gênero, raça e classe, por meio da colonização. Assim, a decolonialidade "é a luta pela criação de um mundo onde muitos mundos podem existir, e onde, portanto, diferentes concepções de tempo, espaço e subjetividade possam coexistir e também se relacionar produtivamente" (Ibid. p. 36).

Já a interseccionalidade é um método de análise para pensar sobre "à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado" (AKOTIRENE, 2019, p. 14). Localizado no arcabouço teórico feminista negro, o pensamento interseccional entende que as mulheres negras estão sendo o tempo todo "atingidas pelo cruzamento e sobreposição de

[6] O projeto Entretelas foi uma iniciativa do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) na ECA em 2021 de promover encontros com doutores em artes visuais recém-formados pela escola com doutorandos do programa, de forma a criar um diálogo entre diferentes pesquisadores do campo, evidenciando vínculos e afinidades entre as distintas abordagens das práticas artísticas, teóricas, historiográficas e críticas. Esse projeto foi produzido e concebido por Dora Longo Bahia, Mario Ramiro e Sumaya Mattar.

gênero, raça e classe" (Ibid., p. 19) e que é preciso pensar como essas estruturas se articulam em conjunto, de forma a não universalizar experiências dos indivíduos. Muito aproximada ao pensamento decolonial, "a interseccionalidade se refere ao que faremos politicamente com a matriz de opressão responsável por produzir diferenças" (Ibid., p. 28). Essa matriz a qual Akotirene se refere é o par modernidade/colonialidade. Tanto a linha política-pedagógica do projeto quanto o formato de conversa proposto foram bem recebidos pelos estudantes, que formaram um grupo para organizar o evento. Sobre o desenrolar dessa iniciativa, deixarei para contar na Parte II deste trabalho.

Parte II – Uma conversa com…

Após a tomada de decisão de se organizar um projeto foi preciso construí-lo do zero de forma online. Sumaya fez um convite para que Leandro Oliva, seu orientando de doutorado na época, e também monitor da disciplina História do Ensino da Arte no Brasil: trajetória política e conceitual e questões contemporâneas, participasse desse grupo, dando apoio a suas atividades. Assim, no dia seguinte foi realizada uma reunião com os estudantes interessados para organizar o encontro com Marcelo D'Salete, que aconteceria dali a dez dias. Para pensar o formato desse encontro, Leandro, que era organizador do Entretelas, apresentou como este se organizava para fazer os seus eventos. A partir dessa apresentação, dividiram-se as tarefas em 5 núcleos: contato com o convidado; produção visual e divulgação; mediação do encontro; roda de conversa e parte técnica. Os estudantes podiam livremente escolher qual tarefa queriam executar. O encontro com Marcelo D'Salete seria um projeto piloto, podendo sofrer alterações para os seguintes encontros conforme o necessário. Desde o início, a ideia era ter um grupo que contaria com a participação da Sumaya como coordenadora, mas que poderia ter a sua liderança paulatinamente assumida pelos estudantes (ANEXO D). Além de Sumaya e Leandro, organizaram esse encontro Antônia Perrone, Camila Vasques, Estefano da Rocha, Gabriel Ussami, Guilherme Ferreira, Helena Zilbersztejn, Lais D'Addio, Larissa da Cruz, Lia Moreno, Luiza Latorre, Mariana Meyer, Mirella Basti, Terenah Penhas, Thais Suguiyama e Thiago Correa. O encontro ocorreu na plataforma Google Meets com mediação feita por Estefano e Mirella, contando com a presença de 70 pessoas[7].

[7] A gravação do encontro pode ser acessada no Portal do Grupo de Pesquisa Multidisciplinar de Estudo e Pesquisa em Arte e Educação – GMEPAE em https://gmepae.com.br/projetos/matizes-diversidade-na-roda-da-arte-educacao/

Imagem 1 – Cartaz de divulgação do evento

Fonte: Antônia Perrone, Gabriel Ussami, Helena Zilbersztejn, Larissa da Cruz, Lia Moreno e Luiza Latorre (2021)

Marcelo D'Salete é um artista, quadrinista e educador, licenciado em Artes Plásticas e mestre em Artes pela USP, tendo sido aluno do Departamento de Artes Plásticas. Autor de uma vasta produção de obras como *Cumbe*, *Encruzilhada* e *Angola Janga*, teve os seus trabalhos indicado aos prêmios HQmix e Rudolph Dirks Awards, além de ter sido vencedor dos prêmios Eisner Awards e Jabuti. Seus livros já foram traduzidos para diversos idiomas e *Cumbe* foi incluído como material didático nas escolas em Portugal em 2019. As temáticas presentes em sua produção dialogam entre si, trazendo principalmente aspectos históricos e sociais sobre a população negra no Brasil. Atualmente, Marcelo é professor de arte da Escola de Aplicação da USP (EA-USP), no qual integra o projeto Negritude.

Tendo em vista o objetivo do encontro de ouvir um ex-aluno negro, artista e educador sobre sua vivência, de forma a agregar à nossa formação na universidade, irei ressaltar alguns pontos fundamentais trazidos pelo convidado. Marcelo começou a conversa fazendo uma apresentação sobre sua trajetória, dando enfoque a lugares de formação que frequentou, ao seu

trabalho artístico como quadrinista e à relação deste com sua prática educativa. Ele contou que, antes de ingressar na universidade nos anos 2000, frequentou o cursinho pré-vestibular do Núcleo de Consciência Negra (NCN) da USP, que foi o primeiro no Estado de São Paulo a oferecer uma preparação voltada para jovens negros para aceder ao ensino superior (SAID, 2023). Fundado em 1987, o núcleo foi responsável por pautar a necessidade de ações afirmativas voltadas para o ingresso de pessoas negras na universidade, algo que só ocorreu no vestibular de 2017, fazendo da USP a última universidade do país a aderir ao sistema de cotas (LEMOS, 2023). Segundo Marcelo, esse foi um espaço de formação política essencial para que ele se "entendesse como indivíduo negro, periférico e pobre dentro dessa estrutura e entrasse dentro do curso de Artes Plásticas sabendo que a minha forma de atuação no curso teria também esse interesse e esse foco" (D'SALETE, 2021).

Ao ingressar no curso, Marcelo narra que sentiu a ausência de certas temáticas no currículo relacionadas "a história da arte indígena, africana e periférica" (Ibid., 2021). Nesse primeiro momento, ele se questionou como era possível que existisse esse debate em outros espaços, mas que essa discussão não estivesse presente no Departamento de Artes Plásticas e na ECA. Esse questionamento perdura até hoje, uma vez que das 7 disciplinas obrigatórias do curso, que cursei na área de História da Arte, nenhuma possuía um recorte sobre esses temas. No geral, a formação presente no curso é bastante eurocêntrica e branca, uma vez que nem nas disciplinas de História da Arte do Brasil apresentam-se as contribuições de artistas negros e indígenas. Isso é sintoma do modo em que a USP se estruturou na história, adotando um modelo excludente e predominantemente para os filhos das oligarquias paulistas (IASI; PINHEIRO, 2021, p. 22.). Fundada em 1932 pela elite branca paulista, a concepção da universidade se apoiou na branquitude e no seu projeto de nação, excluindo a presença negra e indígena de sua história. Para Marcelo, mudar esse cenário depende de uma ação institucional e essa só acontecerá vinda de uma cobrança e pressão coletiva dos estudantes. Como relata:

> Essa mudança tem que ser estrutural. Ela não pode ser apenas iniciativa de um ou outro professor. Ela não pode ser apenas uma estratégia que faz com que o professor tenha aquele curso, tenha aquele interesse, aquele debate e realize aquilo durante um ano e quando ele sai por algum motivo, por aposentadoria etc., e aquele debate se perca (D'SALETE, 2021).

Por conta da falta dessas temáticas no currículo universitário, Marcelo procurou acessar essa formação em outros lugares. Seu trabalho de conclusão de curso foi sobre o Museu Afro-Brasil e seu mestrado sobre a curadoria de arte afro-brasileira feita por Emanoel Araújo. Para ele, essa instituição foi "muito relevante para me mostrar alguns artistas que até então eu tinha pouco contato, principalmente o trabalho do Rubem Valentim, mas também dos artistas negros

da Academia Imperial de Belas Artes, a Rosana Paulino e diversos outros artistas contemporâneos" (Ibid., 2021). Além disso, Marcelo ressalta a importância do movimento negro e de suas lutas históricas desde o período da abolição, que são apagadas da historiografia oficial, de forma a evidenciar que as percepções e lutas que temos hoje possuem um passado o qual precisa se aprendido e usado como ferramenta para a luta no presente.

Imagem 2– Registro de *Uma conversa com Marcelo D'Salete*

Fonte: Projeto Matizes (2021)

Foi através dessas lutas que se conseguiu a aprovação, em 2003, da Lei 10.639, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), incluindo no currículo oficial das Redes de Ensino a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura afro-brasileira. Essa lei foi modificada em 2008, com a implementação da Lei 11.645, que adicionou a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura indígena. Segundo Marcelo, "a ideia de você trabalhar essa temática, ou melhor, esse universo, dentro da educação é uma forma de você rever como o Brasil é pensado (...) essa trajetória ela não pode ser compreendida sem essa presença negra no Brasil, se a gente corta isso a gente não entende o que é o Brasil" (Ibid., 2021). Assim, trabalhar com essas temáticas na educação vem ao encontro da ideia de rever a forma que o Brasil foi pensado pela branquitude.

Esse é um dos propósitos do projeto Negritude, que existe desde 2004 na Escola de Aplicação, do qual Marcelo faz parte. O grupo é formado por professores de diferentes áreas e tem como objetivo "mostrar a história e a cultura dos povos de origem africana no mundo e discutir as questões étnico-raciais, tanto do ponto de vista cultural quanto político" (ESCOLA DE APLICAÇÃO, 2021). A ação é direcionada a todo o Ensino Fundamental e oferece aulas

temáticas aos estudantes uma vez por semana no espaço do projeto, trazendo o tempo todo a questão interdisciplinar. Durante o mês de novembro, o projeto costuma levar à escola convidados pesquisadores, militantes, artistas, músicos, entre outros, de forma a criar um momento especial para os estudantes, marcando positivamente a sua história escolar. A iniciativa constitui-se, portanto, como uma ação afirmativa, que busca incentivar uma atitude positiva em relação à identidade negra, principalmente no que diz respeito à formação da identidade afrobrasileira. Realizei meu estágio de observação de gestão escolar no primeiro semestre de 2023 na EA-USP e pude observar como esta é um importante centro de pesquisa na área educacional, além de ser uma referência que aponta caminhos possíveis a serem tomados diante de problemas múltiplos que aparecem em todas as instituições escolares. Dessa forma, tomar conhecimento sobre o projeto Negritude serviu como fonte de inspiração sobre como atuar diante desse tema na escola.

Ao fazer um balanço sobre o encontro com Marcelo D´Salete[8], o grupo que o organizou avaliou que foi possível conduzi-lo mesmo com um tempo apertado de preparação e que o encontro teve uma mediação muito boa. Em relação à parte técnica, foi-se decidido manter para os próximos encontros o sistema de inscrições para a participação e realizar o evento pelo Google Meets. Antes da realização do evento, desejava-se realizar uma roda de conversa depois do encontro para pensar as questões trazidas pelo convidado, porém foi discutido a possibilidade de deixar essa para um momento futuro. Para o grupo, o convidado "trouxe muitas experiências e abrangeu as suas várias áreas de atuação e trouxe elementos importantes para entendermos a questão étnico racial no CAP. Pouco se modificou em relação a isso desde a passagem do Marcelo pelo CAP" (ANEXO E). Essa observação evidencia a presença estrutural dessas questões e como elas não são resolvidas apenas pela passagem do tempo, mas exigem uma luta coletiva em busca dessas mudanças. Além disso, se discutiu uma mudança de formato da condução da mediação após uma crítica feita por uma participante. Ela achou que a conversa pareceu mais uma palestra e que isso era contraditório, visto que a proposição do projeto é amparada na decolonialidade (ANEXO G). Assim, foi decidido que os próximos eventos seriam divididos em três momentos para haver um equilíbrio entre as partes: primeiramente, seria feita pergunta síntese da história do convidade, depois, seriam colocadas questões de sua vida que pudessem ser atreladas ao Matizes, e, por fim, se abriria um espaço para intervenções do público geral (ANEXO G).

[8] Para mais informações ver Anexo E.

Após um primeiro encontro bem-sucedido, o grupo começou a estruturar de fato o projeto, batizando-o de *Matizes: diversidades na roda da arte educação*. Foram feitas reuniões semanais, nas quais os estudantes começaram a se dividir em tarefas como: a produção do logo do projeto, dos canais de comunicação e divulgação, a edição do material da entrevista para sua publicação e o cronograma dos futuros convidados. Dentre eles, foi considerado convidar Claudinei Roberto, Rosana Paulino, Silmara Guajajara, Gustavo Caboclo e Vivian Braga, entre outros. Claudinei, que fora citado por Marcelo como sugestão de convidado, aceitou o convite para participar de uma conversa com o Matizes no mês de agosto. A partir desse momento, o projeto desenvolveu um formato característico de organização que perdurou nas demais conversas feitas em 2021. As tarefas básicas para todos os eventos envolviam: a elaboração de um formulário de inscrições, a confecção de um cartaz de divulgação junto com um texto, a preparação da mediação do encontro e a elaboração de certificados aos participantes do evento. Os membros do grupo rotacionavam as funções a partir de cada encontro. Uma das coisas discutidas para serem feitas no ano seguinte seria poder realizar a curadoria dos convidados em duplas, sem necessariamente envolver o grupo todo nessa discussão. Além disso, a intenção era eventualmente trazer convidados de diferentes áreas, tais como música e artes cênicas, exatamente por acreditar que as produções artísticas estão conectadas (ANEXO F). A mediação era responsável por fazer uma pesquisa densa sobre o universo do convidado, dando enfoque a suas publicações, obras e projetos, e preparando uma condução de conversa que se guiasse pela pergunta: "No que essa pergunta soma em nossa formação?". Dessa forma, seria possível manter em mente o porquê do projeto e sua matriz formativa, enquanto princípio fundamental (ANEXO H).

Uma conversa com Claudinei Roberto da Silva[9] aconteceu no dia 31 de agosto, com mediação de Helena Zilbersztejn e Luiza Latorre. Claudinei é um artista, educador e curador graduado pelo Departamento de Artes Plásticas da USP. Ele atuou no setor educativo de instituições como MAC-USP, MIS, Espaço das Artes, American Alliance of Museums e Museu Afro Brasil, além de ter feito a curadoria de diversas exposições, entre elas, a *13ª Bienal Naïfs do Brasil*, no Sesc Piracicaba, *Pretatitude: Insurgências, emergências e afirmações – Arte afro-brasileira contemporânea*, em várias unidades do Sesc São Paulo, e *O Banzo, o Amor e a Cozinha de Casa,* de Sidney Amaral, no Museu Afro Brasil. Cofundador do espaço O Oço em São Paulo, teve textos críticos publicados nos catálogos das exposições, como *Territórios: Arte*

[9] A gravação do encontro pode ser acessada no Portal GMEPAE em https://gmepae.com.br/projetos/matizes-diversidade-na-roda-da-arte-educacao/

Afro-Brasileira, no Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo e *Histórias Afro-Atlânticas - Antologia 2,* no MASP, em 2018.

Imagem 3 – Cartaz de divulgação do evento

Fonte: Antônia Perrone, Gabriel Ussami, Lia Moreno, Mirella Basti (2021)

O encontro começou com Claudinei contando um pouco sobre sua trajetória e sua relação com o mundo da arte. Sua ligação com a arte começa fora da universidade, tanto ao se engajar em um num movimento cultural periférico quanto ao ter sido militante do Partido Comunista do Brasil (PCdoB). Para ele, essas experiências anteriores à sua entrada no Departamento de Artes Plásticas da USP foram muito importantes para conseguir entender o que encontrou e vivenciou ao ingressar nesse espaço. Uma das coisas que ele ressaltou foi sobre como essas vivências o fizeram entrar na USP se enxergando como privilegiado. Ele rememora:

> Eu não pensava nos termos de que exercia um direito que me era garantido pela constituição, porque a constituição garante o direito ao ensino público e de qualidade, só que esse direito se constitui em privilégio na medida em que ele não pode atender a todos aqueles que o pleiteiam. É um direito que para mim e para muitos que eu conheci no Departamento de Arte, inclusive o Marcelo D'Salete muito posteriormente. Para mim e para muitos, esse direito se constituía em um privilégio e a gente tinha que lidar com essa contradição. Aliás, contradição é a nossa condição dentro de um capitalismo periférico e senzaleiro como o nosso. Nós vivemos na contradição, mas era preciso de alguma maneira responder a ela (SILVA, 2021).

A forma que essa resposta tomou para Claudinei foi a organização de um coletivo de estudantes artistas chamado Olho SP, que buscou organizar exposições que dessem visibilidade às suas produções, que não correspondiam com as expectativas do circuito da arte, mas que também dessem uma espécie de devolutiva social, uma vez que essas exposições foram realizadas fora do espaço da universidade, em locais que Claudinei caracterizou como "de interesse social, locais de interesse arquitetônico que estivessem correndo algum tipo de risco

por falta de visibilidade ou por descuido do Estado" (SILVA, 2021). Para ele, essa experiência foi muito importante e demonstra que não existe nenhuma contradição entre a produção de arte e a militância, algo que a mediação colocou como questão. Para Claudinei (2021):

> parece evidente que num país como o nosso, onde as carências são tão imensas, onde a educação é tão deficitária, a atividade artística está por si só revestida de uma significação e de uma dimensão pedagógica muito grande. Eu tenho essa impressão de que a atividade artística está investida dessa dimensão pedagógica e política muito grande. E, quando eu digo política, eu me refiro a uma política progressista, uma política que procure aprofundar nossa noção de democracia.

Imagem 4 – Registro de *Uma conversa com Claudinei Roberto da Silva*

Fonte: Projeto Matizes (2021)

Uma das principais contribuições que Claudinei trouxe na conversa foi ressaltar a todo o momento a dimensão da classe em interligação com a raça. Para ele, até pouco tempo, qualquer produção que fugisse do cânone ocidental era caracterizada como popular ou primitiva. Isso se dá principalmente pela formação colonizada que predomina nos cursos de artes, os quais consideram a História do Brasil a partir da invasão dos portugueses na América. Essa falta de vocabulário que a historiografia tem em relação à produção artística não hegemônica está ligada ao fato que esta não condiz com a produção da classe dominante e não se refere a esse grupo social. Como relembra Claudinei, "nosso radar é de classe. É ele que está pautando o nosso gosto" (Ibid., 2021). Desta forma, ele identifica que ainda há um despreparo para lidar com as discussões trazidas pela produção que integra o acervo do Museu Afro Brasil. A inclusão da chamada arte afro-brasileira na história da arte do Brasil é, infelizmente, muito

recente e impacta diretamente no modo que o mundo da arte reage a determinados acontecimentos.

Uma discussão importantíssima acontecida no encontro com Claudinei, que evidencia essa ideia, ocorreu a partir da pergunta realizada por Estefano envolvendo o coletivo que incendiou uma estátua em homenagem ao bandeirante Borba Gato, em Santo Amaro. A imprensa hegemônica e a opinião pública associaram a ação principalmente ao vandalismo e à destruição do patrimônio público, ignorando toda a simbologia colonial da figura do Borba Gato, que escravizou negros e indígenas no Brasil. Sobre isso, Claudinei (2021) refletiu:

> Não se fala muito sobre os motivos que levam os sujeitos a se insurgir contra esse tipo de monumento. Você não pode chamar de vândalo uma mãe que, revoltada, organiza a sua comunidade e põe fogo num ônibus, porque o seu filho foi assassinado pelas forças de segurança do Estado. Quem é o vândalo aí? É o Estado que assassinou o jovem. A gente sabe disso. O mapa de violência infelizmente nos informa que quando a gente estava conversando aqui 4 jovens negros foram assassinados em alguma periferia das grandes cidades do Brasil. De 20 em 20 minutos um jovem negro é assassinado na periferia de uma grande cidade do Brasil. Muito frequentemente pelas forças de segurança do Estado. Então, a revolta contra essa situação é absolutamente legítima. Você não pode criminalizar o processo contra a perenização de símbolos que sacralizam um racismo histórico e estrutural. Mas a destruição desses monumentos traz um problema que é o do apagamento também. Me preocupa pensar que não se sabe quem, qual foi o prefeito que tornou possível uma instalação daquela homenagem ao Borba Gato. Quem é o prefeito? Porque é isso que a gente tem que perguntar: quem é o prefeito? Qual foi a comissão? Qual era o Departamento de Cultura? Porque aquilo não apareceu ali. (...) você tem alguém que instala lá o Borba Gato.

Magistralmente, Claudinei mostra em sua fala tanto a violência que é imposta a população negra e indígena ao ter que conviver com esse monumento quanto à problemática envolvendo a sua destruição, que implica a desresponsabilização e o apagamento das figuras responsáveis por erguê-los. Inclusive sugere que esses monumentos fossem retirados de seus locais públicos e levados a um novo lugar em que pudesse ter uma equipe de educadores que mediasse a interação do público com essas obras, partindo de seu valor artístico e dando enfoque à sua existência histórica.

Fazendo um balanço sobre o encontro, uma das coisas que mais chamou a atenção do grupo foram os cruzamentos da fala de Claudinei com as de Marcelo e o despreparo que temos como estudantes para trabalhar em uma instituição como o Museu Afro Brasil, por conta das lacunas curriculares do curso. Num quesito de forma, foi levantada a questão de como poderíamos garantir uma acessibilidade nos encontros futuros para pessoas com deficiência visual. Com isso em mente, passou-se a fazer uma audiodescrição dos mediadores e também des convidades nos próximos encontros. No dia 13 de setembro entrei no Matizes junto com Leticia Moraes, que à época era a outra bolsista PUB do Projeto de Pesquisa Acervo de Múltiplas Vozes: narrativas de experiências com arte e educação, coordenado por Sumaya. Nós

passamos a frequentar as reuniões do grupo e ficamos responsáveis por realizar a transcrição das entrevistas, com o intuito de que essas pudessem compor o acervo e acompanhar a gravação da entrevista. Eu havia assistido aos encontros com Marcelo e Claudinei e estava bem animada de poder contribuir com o grupo. Eu acabara de ser eleita representante discente na Comissão de Organização do Curso de Artes Visuais (CoC) e também já militava havia seis meses no Movimento por uma Universidade Popular (MUP). Dessa forma, acreditava que era essencial somar a essa iniciativa por ser um projeto que, para mim, era a expressão da luta pela universidade que fosse feita pelo povo para o povo no meu departamento.

Na primeira reunião que participamos, foi anunciado que Amanda Carneiro tinha aceitado o convite para a conversa em outubro. Em paralelo, o grupo já havia definido que Glaucea Helena de Britto seria a convidada do mês de novembro. Assim, a organização dos encontros aconteceu simultaneamente. Além disso, o Matizes foi apresentado oficialmente no Conselho do CAP, podendo agora emitir certificados e receber bolsistas. Um das coisas que já começou a aparecer nas reuniões era a falta de tempo para refletir coletivamente sobre o conteúdo trazido nos encontros pelos convidados. Uma vez que o projeto tinha como propósito um aprofundamento formativo, esse era realizado principalmente por aqueles responsáveis pela mediação dos encontros, e foi analisado que o grupo precisava se engajar mais nesses estudos e debates sobre o convidado, de forma que esse conhecimento fosse construído coletivamente. Também foi discutida a importância de se ter em mente a integração do projeto com outros campos da arte e de saberes. Apesar dessas discussões, o grupo não alterou muito sua estrutura nos encontros com Amanda e Glaucea e não há nenhum registro de atas de meados de outubro até o início de 2022. Recordo-me que o encontro com Amanda teve de ser adiado algumas vezes em decorrência da sua disponibilidade limitada e que ambas as conversas aconteceram num curto espaço de tempo, deixando o grupo bastante atarefado no final do ano de 2021.

Uma conversa com Amanda Carneiro[10] ocorreu no dia 25 de outubro, com mediação de Camila Vasques e Caio Bonifácio. Amanda é curadora, assistente de mediação e de programas públicos no MASP, mestre em História Social pela USP com a pesquisa "Lute como uma mulher: Josina Machel e o movimento de libertação em Moçambique (1962-1980)". Ela trabalhou como educadora no Museu Afro Brasil e foi gestora de conteúdo e formadora no ÍRÈTÍ - Formação em Cultura Negra para Educadores. Hoje, ela participa como pesquisadora do projeto *Arte e descolonização* - parceria do MASP com Afterall - Centro de Pesquisa e Publicação da Universidade de Artes de Londres. Como Amanda não autorizou que o material

[10] A gravação do encontro pode ser acessada no Portal GMEPAE em https://gmepae.com.br/projetos/matizes-diversidade-na-roda-da-arte-educacao/

produzido na entrevista fosse divulgado, irei recuperar algumas lembranças sobre o encontro, uma vez que cheguei a produzir com Leticia a transcrição de sua conversa. Dessa forma, conseguirei registrar o que aconteceu, mas também preservar a privacidade da convidada.

Amanda trouxe como principal tópico de conversa as possibilidades de atuação dentro de espaços institucionais como os museus, que em sua gênese são conservadores, de forma a produzir mudanças em seu interior. Ela falou sobre a dificuldade para os profissionais negros que possuem uma formação acadêmica em universidades públicas de encontrarem lugares adequados no mercado de trabalho que condizem com a sua formação e como isso é uma expressão do racismo. Além disso, rememorou a importância que o Museu Afro Brasil teve no sentido de acolher diversos desses profissionais do campo da arte, garantindo um trabalho com uma remuneração decente.

Apenas em 2018 Amanda conseguiu entrar na equipe do MASP, sendo uma das primeiras profissionais negras a trabalhar na instituição como curadora. Ela contou que sua entrada ao museu se deu no mesmo momento em que algumas obras de artistas negros passaram a integrar a coleção do museu. Até então, o museu possuía muitas lacunas em seu acervo e não realizava exposições que abrangessem obras de artistas mulheres, negros e indígenas, tendo uma coleção majoritariamente composta por obras feitas por homens brancos. Essa lacuna ainda existe, mas o museu tem tentado avançar em medidas que tornem a instituição mais plural e diversa. Fundado em 1947 pelo empresário brasileiro Assis Chateaubriand, o Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP) se denomina como o primeiro museu *moderno* do país, o que aponta para a dimensão colonial da instituição. Amanda comentou que existe uma dificuldade em adquirir obras de artistas fora do cânone da branquitude, visto que falta um orçamento para a aquisição de novos trabalhos, fazendo com que o museu dependa de doações para diversificar o seu acervo. Porém, existe outro desafio relacionado a essas doações, tanto pela falta de colecionadores ou galeristas que estejam dispostos a pagar por esses trabalhos para então efetuar uma doação, quanto por colocar esses artistas num lugar perverso ao terem que abdicar do valor de seu trabalho, algo que já lhes é historicamente negado, para conseguirem visibilidade no espaço institucional.

Imagem 5 – Cartaz de divulgação do evento

Fonte: Antônia Perrone e Laura Sapucaia (2021)

Fiz uma visita à exposição *Acervo em Transformação,* em 2023, para observar algumas das coisas pontuadas por Amanda na conversa. Apesar das novas aquisições se encontrarem num lugar de destaque do acervo, ocupando suas primeiras fileiras, é possível evidenciar a desigualdade de gênero entre os artistas, já que a presença feminina negra e indígena é quase nula. Dentre alguns artistas presentes, tínhamos os trabalhos de Emanoel Araújo, Maria Auxiliadora, Flávio Cerqueira, Eustáquio Neves, No Martins, Dalton Paula, Heitor dos Prazeres, Paulo Nazareth, Abdias do Nascimento, Rubem Valentim, Brendan Fernandes e Denilson Baniwa. Desde 2020, o MASP tem adotado como política um trabalho de incorporação de obras que tenham participado de exposições anteriores na instituição. Assim, é possível notar que a maior parte desses artistas citados teve trabalhos compondo as exposições desses últimos anos, como: *Histórias Afro-atlânticas, Rubem Valentim: construções afro-atlânticas, Histórias Brasileiras, Dalton Paula: histórias brasileiras* e *Abdias Nascimento: um artista panamericano*. Apesar dessas práticas, como mudança de narrativa curatorial, de políticas de expografia e aquisição de obras irem ao encontro de uma descolonização do museu, para Amanda, não existe a possibilidade de o museu ser decolonial, porque a ideia de decolonialidade parte de um pressuposto epistemológico que vai contra a extração colonial de recursos e conhecimentos, algo que o museu afirma como lugar.

Essa discussão sobre decolonialidade também aparecerá em *Uma conversa com Glaucea Helena de Britto*[11]. Esta aconteceu no dia 8 de novembro, com mediação de Antônia Perrone, Guilherme Ferreira e Thais Suguiyama. Glaucea é pesquisadora, mestre em Artes pelo programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte da USP. Formada em Licenciatura em Artes Plásticas pelo CAP, foi assistente de coordenação do núcleo de educação do Museu Afro Brasil, assistente artístico-pedagógica na Fábrica de Cultura Brasilândia e arte-educadora para as relações étnico-raciais na Secretaria Municipal de Educação. Foi também coordenadora proponente do projeto *A Journey Through the African Diaspora* e atuou como pesquisadora no projeto *Leituras de Acervo* do Museu Afro Brasil. Atualmente, é integrante do grupo de pesquisa História(s) da Arte: historiografia e epistemologia e gestora do Terreirão Cultural - Realização de Projetos de Arte, Educação e Cultura, além de supervisora de mediação e programas públicos no MASP.

Imagem 6 - Cartaz de divulgação do evento

Fonte: Helena Zilbersztejn, Lia Moreno e Mirella Basti (2021)

Para Glaucea (2021), o espaço museológico continua sendo um dispositivo colonial de poder e precisa ser repensado na forma que atua dentro dessa estrutura. Ela pontua que não é possível apagar a herança colonial dessa instituição e que lidar com a contradição que esta evoca não é tarefa simples e "exige vontade política e coragem de bancar até o final" (BRITTO, 2021). Por conta disso, realiza uma crítica à apropriação que o mundo da arte e o mercado faz da teoria decolonial, distorcendo-a e usando-a superficialmente. Como conta, muitas vezes a tentativa de

[11] A gravação do encontro pode ser acessada no Portal GMEPAE em https://gmepae.com.br/projetos/matizes-diversidade-na-roda-da-arte-educacao/

mudar os espaço museológico se dá mais num sentido do discurso, trazendo novos conteúdos e narrativas àquele espaço, do que num sentido organizacional de compreender mais horizontalmente as produções de conhecimento e de arte. Por isso, se questiona o que fazer na prática quando a decolonialidade não existir mais: "quando a gente não tiver essa palavra? Quando for outra? O que que a gente faz? Para tudo que está fazendo e vai fazer outra coisa? Então, não valeu nada do que a gente fez agora, vamos correr atrás de fazer outras coisas?" (Ibid., 2021). Por isso, pensa que é mais importante olhar para o trabalho e a poética de artistas que já trazem essa discussão antes da formulação teórica da decolonialidade de forma a aprender com essas produções, como a obra do fotógrafo carioca Walter Firmo, que buscou fazer uma espécie de inventário sobre a sociedade brasileira, retratando diversas regiões do Brasil e figuras públicas importantes. Para ela, a decolonialidade ou outras teorias de pensamento:

> não podem ser só o pensamento pelo pensamento. "Ah, eu vou falar disso só porque eu estou pesquisando, mas na minha casa tem a empregada doméstica que é quase da família, tá há 50 anos sem receber nada." Ou: "Ah, eu sou uma ótima curadora, faço exposições incríveis com essa temática, mas não consigo dar bom dia nem falar o nome do funcionário negro que tem uma função que eu considero subalternizada". Eu falo tudo isso de experiência própria gente e é ótimo falar em primeira pessoa porque eu não estou só lendo um livro e reproduzindo aquilo que os teóricos disseram. É como eu coloco, é uma questão do pensamento, mas é uma questão da prática, uma questão física também porque no limite a gente morre. Quando a gente fala de racismo, quando a gente fala de estrutura desigual não é só para ficar legal na pesquisa, na tese, no quadro, na exposição e ganhar prêmio internacional e tudo. Não, não é. No limite a gente morre, sabe? Eu estou falando de um risco que eu corro, que a minha família corre. Pessoas que parecem comigo, que tem essa trajetória próxima da minha são muitas pessoas. É a maior parte das pessoas. No limite, elas morrem. No limite, elas não conseguem um emprego. No limite, elas não conseguem e não é porque é menos ou porque não tem a habilidade, ou, voltando lá no vestibular, porque não tem o conhecimento, porque não tem... Não é por isso não. É porque existe um projeto que favorece uns em detrimento de outros. Isso está em tudo que a gente faz. (Ibid., 2021).

Esse projeto de dominação também determinou na história quais sujeitos podem produzir e consumir arte, negando seu acesso a pessoas racializadas. Ela ressalta que não é possível pensar a história da arte sobre uma lente de neutralidade e que essa na verdade é uma história sobre oportunidades de acesso ao conhecimento e à formação:

> Quem vai dizer o que é arte? Quem vai produzir arte? Quem vai usufruir dessa arte que é desde sempre, pelo menos desse período histórico que a gente fala de Brasil, 500 anos, hierarquizado? Existe uma hierarquia das Belas Artes. Hierarquia da arte e das artes outras que, no caso, são as artes populares. A arte afro-brasileira entra nesse contexto. A arte primitiva já entrou nesse contexto. A arte naif e outras denominações também. A gente sabe a que projeto ela serve. (Ibid. 2021).

Em virtude disso, Glaucea acredita que a educação é fundamental no processo de mudar a realidade em relação ao racismo e ao preconceito. Para ela, "não adianta a gente produzir, falar e pesquisar se a gente não tiver um processo forte, contínuo e profundo de educação"

(Ibid., 2021). Esse processo precisa colocar na centralidade as pautas que dizem respeito à maior parte da população brasileira, que é racializada, de forma a conseguir fazer mudanças concretas na realidade.

Imagens 7 – Registro de *Uma conversa com Glaucea Helena de Britto*

Fonte: Projeto Matizes (2021)

Sobre essa primeira fase do projeto, é possível dizer que o seu objetivo inicial de ouvir artistas e educadores negros que tiveram suas formações na USP a partir de uma pesquisa profunda sobre o seu universo foi atingido. Durante o semestre, o grupo contou com a colaboração de 19 estudantes organizadores, com uma média de 14 pessoas ajudando por encontro. Foi bastante formador ouvir as falas des convidades, principalmente por perceber que em muitos pontos elas se tocam. Me senti especialmente tocada com as falas de Claudinei sobre arte e militância. Existe um estigma em relação a isso, principalmente quando a narrativa crítica hegemônica aborda a questão da arte produzida por comunistas no século XX. Como Claudinei aponta, uma suposta contradição entre arte e militância é uma discussão bastante burguesa e ignora o fato de que toda arte é ideológica. Evidentemente que certos trabalhos não terão como centralidade a discussão política, mas, como diz Glaucea, isso não significa que a produção seja neutra. Acredito que é com essa sensibilidade que temos que olhar para a história, para as instituições e para a produção artística. A conversa com Glaucea encerrou as atividades do grupo naquele ano, deixando uma lacuna no quesito da reflexão sobre o que fora apresentado nas conversas. Em março do ano seguinte, tive que sair da bolsa do projeto de pesquisa "Acervo de Múltiplas Vozes: narrativas de experiências com arte e educação" por conta de um estágio

que consegui e acabei me afastando um pouco do Matizes devido à sobrecarga de trabalho. Apesar disso, mantive-me atenta às atividades do grupo, frequentando algumas delas como participante. Sobre o desenrolar deste novo ciclo de atividades do projeto, irei narrar na próxima parte do trabalho.

Parte III – Priscila em três tempos

"Ah, comigo o mundo vai modificar-se.
Não gosto do mundo como ele é"
(JESUS, Carolina Maria de; 1986, p. 97)

A primeira reunião de 2022 ocorreu no dia 4 de março[12] de forma online. Mesmo com a retomada das atividades presenciais na universidade, o grupo optou por manter sua organização de forma remota num primeiro momento, uma vez que ainda pairavam dúvidas sobre quais seriam os protocolos de saúde adotados pelo Departamento de Artes Plásticas. Neste dia, a Profa. Sumaya comunicou ao grupo que se afastaria um pouco das atividades, deixando Leandro Oliva como responsável por conduzir e apoiar o grupo. Apesar da justificativa apresentada na reunião ter sido a sobrecarga de trabalho com a volta presencial, Sumaya me contou que convidou Leandro para assumir essa posição para que os estudantes pudessem se sentir mais à vontade no grupo, deixando a relação mais simétrica entre os participantes, visto que ele também era estudante, ainda que de pós-graduação. Ela continuaria sendo coordenadora do Matizes, algo que garantiria futuramente a transformação deste num projeto de extensão, mas seria Leandro quem daria suporte ao grupo em termos organizativos e de operacionalização das ações. Nesse dia, também foi apresentada como pesquisadora colaboradora Priscila Leonel, pós-doutoranda supervisionada por Sumaya, com o projeto de pesquisa "Pedagogia cerâmica decolonial". Priscila foi uma parte fundamental do Matizes na transição do projeto para a vida presencial. Tive o prazer de conversar com ela em junho de 2023 para recuperar algumas memórias do que foi vivido pelo Matizes em todo o momento de sua estadia[13]. Seus relatos me auxiliaram a construir as partes III e IV deste trabalho.

Priscila conheceu Sumaya em 2015 quando cursou uma disciplina de pós-graduação com ela na USP, durante o período de seu mestrado, que culminou na dissertação "Ação educativa como elo entre museu e sociedade" na UNESP. Durante o período de realização de

[12] Ver ANEXO I
[13] Entrevista realizada com Priscila Leonel de Medeiros Pereira, com duração de 66 minutos, no dia 1 de junho de 2023, através da plataforma Google Meets. A transcrição da entrevista está disponível no Apêndice A.

sua tese de doutorado intitulada “Museu dos Afetos - Uma cerâmica que afeta, cura e conecta à ancestralidade”, ela começou a trabalhar com questões decoloniais e chegou a participar como espectadora dos encontros promovidos pelo Matizes com Claudinei e Glaucea. Ao se encaminhar para o pós-doutorado, retomou o contato com Sumaya para ser sua supervisora em uma pesquisa que relacionasse a decolonialidade com sua prática como professora de cerâmica. Sua participação no projeto faria parte de suas atividades do pós-doutoramento.

Nessa mesma reunião, Priscila foi chamada para ser a próxima convidada do Matizes. Porém, o formato utilizado no ano anterior parecia não fazer mais sentido com a retomada das atividades presenciais após a pandemia. O grupo sentia que faltava tempo para fazer uma discussão e reflexão mais aprofundada sobre os encontros e es convidades, dada a frequência mensal que se deram os eventos no ano anterior. Assim, se debateu uma primeira mudança de formato do projeto, no qual ainda traríamos um convidade para falar sobre sua história de vida e pesquisa, mas teríamos quatro momentos diferentes com elu. Sua presença no projeto teria a duração de um trimestre e tinha como objetivo “possibilitar um aprofundamento, por diferentes meios, nos campos de pesquisa e saberes de cada convidade”. (PERRONE, 2022).

A partir desta discussão, definiu-se que primeiro se realizaria um momento de estudo junto com o convidade sobre o seu universo pessoal, no qual ficaria aberto para decidir se seria uma atividade interna do grupo ou se seria aberto ao público. Então, seria feito um encontro com base nas pesquisas e na história de vida do convidade, seguindo o formato de conversa virtual pelo Google Meets, aberto ao público, como fora realizado anteriormente. Já num terceiro momento, seria feita uma oficina aberta ao público presencial com um limite de participantes e inscrições prévias. Por fim, aconteceria um momento interno de avaliação e reflexão dentro do grupo sobre as vivências deste ciclo.

Nos meses de março a maio, Priscila esteve no Matizes vivendo a experiência desse novo formato com o grupo. Ela recorda de participar de algumas reuniões de organização, no qual pode observar um pouco do trabalho feito por Leandro com o grupo e também como os estudantes se autogeriam para realizar as tarefas. Priscila achou interessante como existia uma disposição e proatividade das pessoas para fazer as atividades acontecerem. Uma semana depois da reunião, no dia 12 de março, foi marcada uma visita com ela à exposição *Carolina Maria de Jesus: Um Brasil para os brasileiros*, no Instituto Moreira Salles (IMS), com curadoria de Hélio Menezes e Raquel Barreto. Autora do fenômeno editorial *Quarto de despejo* (1960), a exposição era dedicada à trajetória e à produção literária de Carolina e tinha como objetivo apresentar sua produção como escritora e também como compositora, cantora e artista circense.

A exposição se propôs a fazer um diálogo do trabalho de Carolina com obras realizadas entre 1951 e 2021 de 69 artistas visuais brasileiros (MENEZES; BARRETO, 2022).

Não pude realizar essa visita com o Matizes, mas eu a fiz com os meus colegas do Programa Residência Pedagógica quando estagiava na EMEF Espaço de Bitita com a professora Carolina Cortinove. Essa visita foi muito significativa, pois a história de Carolina é muito importante para aquela comunidade escolar, uma vez que a instituição está localizada no bairro do Canindé, onde a autora viveu grande parte da sua vida. A escola viveu uma luta histórica para mudar seu nome, que antes homenageava o colonizador português Infante D. Henrique. Lembro que uma obra impactante da exposição foram as casinhas do projeto Quebradinha, do artista Marcelino Melo, também conhecido como Nenê. O artista faz uma série de esculturas de casas que ilustram a vida nas periferias de forma afetiva e íntima, enquanto apresenta uma leitura crítica das problemáticas e violências vividas nesses espaços.

Segundo registros da visita, Priscila convidou o grupo para uma roda inicial de conversa, seguida de uma hora de visita à exposição e, então, uma roda final de troca e reflexão. Ela destacou que pensou em visitar essa exposição específica por haver diversos cruzamentos entre as histórias contadas pelos artistas por meio de suas obras, a história de Carolina e a sua própria história. Assim, convidou a todos que escolhessem uma obra que dialogasse com sua história de vida individual. Após todos visitarem a exposição ou parte dela, o grupo se reuniu para uma roda de reflexão. Priscila conta que o grupo ainda era completamente estranho para ela, visto que não conhecia ninguém ali. De certa forma, sentiu-se um pouco como uma mediadora de museu, que a cada visita interage com um novo público e grupo. Apesar disso:

> acho que a gente conseguiu uma conversa muito boa, porque estava todo mundo muito aberto para trazer as suas experiências, para discorrer o que já tinha visto na vida sobre questões de racismo e foi uma conversa linda. A gente se sentou lá embaixo, não no térreo, mas no primeiro andar e a gente conversou bastante. Foi lindo! Eu fiquei muito satisfeita de ver como é lindo ter um grupo de pessoas que estão interessadas nesse tema da identidade negra, que realmente estão querendo fazer uma mudança dentro da universidade. Então, aquele dia ficou muito marcado para mim. Eu lembro que voltei para casa caminhando nas nuvens. Pensando: “Nossa, a revolução é possível!” (risos). (LEONEL, 2023).

Imagens 8 e 9: Visita à exposição *Carolina Maria de Jesus: Um Brasil para os brasileiros*

Fonte: Projeto Matizes (2022)

Essa conversa permitiu que o grupo pudesse começar a criar intimidade com Priscila, tendo sido o primeiro encontro presencial entre os integrantes do Matizes. Após a visita, o grupo passou a se preparar para realizar a roda de conversa pública. Em virtude da sua presença em todo o processo de elaboração, os estudantes já estavam bastante familiarizados com sua história e a sua pesquisa, diferindo da experiência do ano anterior, na qual apenas os mediadores tinham estudado e se aproximado da vida do convidado. Já com Priscila, todo mundo havia lido sobre a sua tese, conhecia sua produção e havia conversado informalmente com ela sobre a sua história. Assim, no encontro não havia informações biográficas novas para o grupo, mas esse aprofundamento permitiu que as perguntas fossem muito contundentes e nem um pouco superficiais, aumentando a qualidade da troca feita com o público. Segundo Priscila (LEONEL, 2023), isso a fez se sentir muito à vontade para contar suas histórias pessoais naquele ambiente.

Imagem 10 - Cartaz de divulgação do evento

Fonte: Antônia Perrone e Caio Bonifácio (2022)

Quem mediou a conversa foram Laura Sapucaia e Luiza Latorre, no dia 25 de abril. Ao fazer uma avaliação do encontro[14], Laura apontou que um aspecto positivo foi a participação do público por microfone e chat e que isso pode ter ocorrido em decorrência do convite feito na fala inicial para as pessoas interagirem. O grupo também avaliou que a conversa foi bem fluída e que o contato anterior com a Priscila ajudou na criação de um ambiente que a deixasse confortável. Um aspecto que preocupou o grupo foi o número menor de inscritos e participantes no evento. Coletivamente, foi avaliado que, com o retorno presencial, as pessoas deixaram de participar de eventos online, principalmente pelo formato ser bastante cansativo e repetitivo. Por conta disso, esse aspecto do formato da conversa iria ser reavaliado em encontros futuros.

Em relação as contribuições da conversa à formação, uma das reflexões mais importantes trazidas por Priscila foi a importância de acessar e se reconhecer no espaço museológico. Em seu mestrado, ela se propôs a visitar 40 museus num período de 40 semanas. Durante essa jornada, percebeu que a razão pela qual fazia essas visitas era para tentar encontrar um ponto de conexão e de reconhecimento da sua história pessoal como mulher negra naqueles espaços. Para ela, mesmo que a história de sua família não esteja representada no museu, esses estão mostrando a história oficial inventada pela narrativa europeia colonial e é completamente fundamental que o outro lado da história também se faça presente nesse espaço. Priscila conta que até ter conhecimento sobre a arte africana, também não se sentia representada no Museu Afro Brasil, visto que "não conseguia ver essa conexão entre a minha vida, a vida das minhas tias, a vida da minha avó, com aquilo que estava no Museu". (LEONEL, 2022). Segundo ela, essa falta de reconhecimento é fruto do distanciamento do "olhar que a gente tem sobre a gente. Negligenciar a nossa própria história nos livros de História, nos livros de Arte, é tirar da gente a possibilidade de sonhar com outras possibilidades de futuro, pensar outras possibilidades para a gente e para o mundo, para as próximas gerações" (LEONEL, 2022).

Imagem 11 – Registro de *Uma conversa com Priscila Leonel*

Fonte: Projeto Matizes (2022)

[14] Ver ANEXO J

Esse olhar de Priscila para o espaço museológico auxilia-nos a compreender mais profundamente a potência da proposta feita por ela durante a visita à exposição de Carolina Maria de Jesus ao Matizes. Ao pedir que os membros do grupo escolhessem obras que se relacionassem com a sua história, ela, na realidade, estava perguntando ao grupo se eles se reconheciam naquele ambiente e na história contada pela curadoria. Apesar de ser uma importante referência para movimentos sociais, movimentos literários periféricos, negros, slams e cultura popular, até pouco tempo atrás, Carolina Maria de Jesus não tinha um reconhecimento oficial por suas produções literárias e intelectuais. Dessa forma, a exposição é importante por colocar em evidência no espaço museológico a história deste símbolo cultural brasileiro.

Priscila ressalta como o apagamento das histórias negras também é reproduzido nas escolas públicas, onde a maioria de seus estudantes são pardos ou negros e não se enxergam nos conteúdos apresentados em sala de aula. Segundo ela (LEONEL, 2022):

> Interfere muito quando a gente não se vê, porque você fica querendo assumir o que é do outro. Você fica querendo ser o outro. Você fica querendo alisar o seu cabelo. Você fica achando que a história europeia é a sua história. Então, causa um distanciamento da gente mesmo, que é a pior coisa que pode existir. A gente estar longe da gente.

Com isso em mente, Priscila começou a pensar na possibilidade de se construir uma outra educação ao ocupar o lugar de professora substituta de cerâmica no curso de Artes Visuais na UNESP de Bauru em 2019. Ela conta que os estudantes estavam muito eufóricos por terem aula com uma professora negra, uma vez que era a única no corpo docente. Para ela, para conseguir mudar a educação básica é preciso modificar a formação docente no ensino superior. Sobre construir suas aulas na graduação, Priscila conta:

> Eu não tive essas referências, mas eu gostaria que os meus alunos tivessem. A minha pesquisa tem caminhado para tentar construir e pensar o que pode ser essa aula. Vamos ser os sujeitos do nosso próprio discurso - Lélia Gonzales, esse lugar é importante. São pessoas negras construindo arte, são pessoas negras pesquisando e são pessoas negras falando sobre a sua arte, sobre a sua pesquisa e ensinando dentro da universidade. (LEONEL, 2022).

Nesse caminho de pensar sobre mudanças na universidade foi que ocorreu o terceiro momento com Priscila, com a oficina *Argila, Ancestralidade e Memória*. Eu estive presente na oficina como participante e me recordo de ser uma experiência muito rica. No ano em que entrei no CAP, ainda havia um professor de cerâmica, porém, como a disciplina era de primeiro semestre, não pude realizá-la. No ano seguinte, ficamos sem professor e isso se prolongou até 2023. Assim, quando Priscila propôs a oficina, teve um grande número de inscritos, porque muito estudantes tinham interesse em participar e ter o seu primeiro contato com a cerâmica,

seja pela falta de professor, seja pelo período de isolamento social. Para além da técnica, a proposição decolonial também era algo incomum no CAP, o que atraiu a atenção dos estudantes. Como a oficina tinha um número de vagas limitado por conta de questões de biossegurança e do espaço do ateliê, as vagas foram distribuídas de acordo com a ordem de inscrição, privilegiando-se a diversidade de gênero, raça e envolvimento com a docência na educação pública.

A oficina aconteceu na tarde do dia 26 de maio no ateliê de cerâmica do CAP. Priscila começou contextualizando a ação dentro do ciclo de vivências do Matizes. Então, fez uma proposta para rememorarmos um pouco das nossas próprias histórias e da nossa ancestralidade, para que então nos entregássemos ao processo de modelagem do barro. Chegamos a ter uma conversa em roda na parte exterior do CAP, onde ficamos em silêncio, sentindo a natureza e deixando que as peças e as ideias viessem a nós. Lembro-me de fazer um pilão, rememorando a história pessoal de minha avó que veio de Dom Viçoso, na roça mineira. Tenho uma imagem afetiva de ir visitar minha família lá e de comer paçoca feita em casa no pilão. Enquanto modelávamos, Priscila ia acompanhando a turma, passando pelas mesas, dialogando e ouvindo cada pessoa sobre o seu processo. Ao final, fizemos uma reflexão sobre como foi a experiência.

Imagens 12, 13 e 14: Registros da oficina *Argila, Ancestralidade e Memória*

Fonte: Projeto Matizes (2022)

Quando perguntei sobre a oficina, ela me contou que normalmente inicia contando a sua história e depois incita as pessoas a pensarem em suas próprias histórias. Porém, como o grupo já estava familiarizado com sua história, isso a provocou a sair de sua zona de conforto e elaborar uma oficina diferente. A experiência vivida no ambiente externo foi baseada em uma vivência que Priscila teve em Roraima com as mulheres Macuxi. Ela me contou que quando elas vão retirar o barro da natureza, param, pedem licença para pegar o barro e para agradecer às divindades. Depois, ao fazerem a caminhada de volta às suas casas, também passam por um momento de ficar "quietinho e fechar o olho, como se fosse receber uma ideia das peças que vão produzir". (LEONEL, 2023). De fato, foi nesse momento de silêncio e reflexão que consegui ter mais clareza sobre as peças que produzi durante a oficina.

Sobre o fim desse primeiro ciclo de vivências, Priscila recorda de algo que conversou com Leandro sobre como essa experiência permitiu que ela se pensasse em três tempos. Num primeiro momento, ela se viu como mediadora de museu, função que exerceu por muito tempo e foi seu tema de mestrado. No segundo momento, pode se pensar na posição de entrevistada e, de certa forma, de arte educadora, uma vez que a conversa com ela foi uma espécie de aula. Por fim, teve que sair da sua zona de conforto e repensar sua prática pedagógica decolonial com a cerâmica. Fora a oficina, não pude participar de perto desse momento vivido pelo Matizes, mas pelo registro das vivências, pelo relato de colegas e pela própria conversa com Priscila, posso dizer que foi bastante formador poder passar um trimestre pensando um convidado em três tempos. Sua presença no projeto me fez perceber a importância de se ter uma coerência entre pesquisa e prática, tanto no âmbito artístico como no pedagógico, quando se assume um compromisso com a decolonialidade. Isso pode ser observado na forma como ela atua em espaços museológicos, como formula suas aulas e conduz o seu trabalho em cerâmica. Além disso, Priscila inspira em mim a possibilidade de fazer mudanças dentro da universidade. Atualmente, como professora efetiva na Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC) da UNESP, fundou as disciplinas de Decolonialidade I e II no curso de Artes Visuais. Essa é uma conquista que evidencia que a mudança dos currículos de formação de professores no ensino superior é possível, e que, através da luta, esse objetivo também pode ser concretizado no curso de Artes Visuais na USP.

Com o fim desse ciclo de vivências, iniciaram-se os processos para encontrar um próximo convidado para o Matizes. Foram feitos convites para Rosana Paulino e Silmara Guajajara, porém ambas não tinham disponibilidade. A partir dessas negativas, o grupo percebeu que dar continuidade a esse formato trimestral não seria mais viável, porque seria

difícil encontrar alguém que tivesse tempo e disposição para se dedicar tanto ao projeto como aconteceu com Priscila. Então, passou-se a pensar o que seria feito a seguir. Tanto ela quanto Leandro e Sumaya tinham uma preocupação de que o grupo não fosse só um lugar de produção, mas também de reflexão sobre esse material produzido. Assim, segundo registros[15], foi decidido que o grupo passaria a se debruçar sobre o conteúdo produzido anteriormente, de forma a poder pensar como atuaria a partir de então e qual seria o formato do projeto. Esse momento de retomar o que fora produzido coincidiu com a celebração de um ano de projeto. Estiveram presentes 14 pessoas naquela reunião e essas se dividiram em duplas ou trios para estudar as entrevistas realizadas anteriormente. A ideia era que depois desse estudo se realizariam rodas de conversa abertas e presenciais no quintal do CAP com uma certa periodicidade, nas quais esse material seria compartilhado e aberto para discussão. Para Leandro, isso seria uma forma de concretizar a descrição do projeto *Matizes: diversidade na roda da arte-educação*.

Na reunião seguinte, a última do semestre, foram feitas divisões de tarefas para o estudo de cada convidado no período das férias e foi votado que essa nova fase do projeto se chamaria Matizes: Retomadas[16]. Além disso, Leandro anunciou que precisaria se afastar do projeto para conseguir concluir sua tese de doutorado "Das frestas dos muros: o ensino de arte em diálogo com o território, a partir de Paulo Freire", que foi defendida no final do primeiro semestre de 2023. Tendo em vista que sua presença foi fundamental nesse primeiro ano de projeto, pedi que que ele fizesse uma reflexão sobre sua vivência no Matizes. Em seu texto, ele me contou que desde a primeira conversa, diferentes conteúdos passaram a integrar a produção de sua tese de doutorado e os encontros do Projeto Social PALCO, que coordena desde 2014. Ele percebeu seu corpo "afetado pelas dimensões estéticas, éticas, políticas e sociais presentes em cada uma das narrativas"[17] des convidades, não sendo possível seguir sua trajetória como pesquisador, professor, coordenador, artista e estudante "sem considerar o que aprendeu e aprende a partir do compartilhamento de experiências acadêmicas, profissionais, repertórios teóricos de intelectuais negros"[18]. Dessa forma, ele conta que segue vigilante em relação ao exercício de sua cidadania e de suas responsabilidades na "busca coletiva por um mundo em que direitos, oportunidades e maiores expectativas de vida não sejam privilégios"[19], refletindo constantemente sobre a escolha de referências na elaboração de aulas, textos e projetos, priorizando autoras e autores não-hegemônicos, ficando atento à suas ações e hábitos cotidianos

[15] Ver ANEXO K
[16] Ver ANEXO L
[17] Ver ANEXO N
[18] Ver ANEXO N
[19] Ver ANEXO N

e reforçando seu compromisso de integrar e colaborar "com a constituição de equipes de trabalho e pesquisa formadas, em sua maioria, por mulheres, pessoas pretas, indígenas, LGBTQIAPN+, com deficiência e/ou com modo de vida periférico" [20]. Para mim, Leandro sempre foi uma inspiração como arte educador e pesquisador, e sua presença marcou profundamente aqueles que puderam acompanhar sua atuação no projeto. Por conta de sua saída, Priscila Leonel foi indicada para tomar a frente da organização do grupo, uma vez que tinha acompanhado intensamente as atividades do grupo e o Matizes se relacionava com o tema de seu pós-doutorado. Sobre o desenrolar dessa mudança de liderança e a transformação do Matizes em um projeto de extensão, deixarei para contar na próxima parte deste trabalho.

Parte IV – Sobre fins e renascimentos

No dia 15 de agosto de 2022 aconteceu a primeira reunião presencial do Matizes desde o seu surgimento. Na época, eu havia retomado o contato com Sumaya e com o grupo e estive presente nesse encontro em particular. Estavam lá algumas orientandas da Sumaya, como Karina Bacci e Priscila Akimi, além de Priscila Leonel, Luiza Latorre, Laura Sapucaia, Leandro Oliva e Gabriel Ussami. A reunião começou com o anúncio de que o Matizes havia sido contemplado pelo edital do Programa Unificado de Bolsas de Estudos para Apoio à Formação de Estudantes de Graduação (PUB), sendo concedido ao projeto 3 bolsas. O PUB é uma "ação integrada das Pró-Reitorias de Cultura e Extensão, Graduação e Pesquisa e Inovação da Universidade de São Paulo, que visa ao engajamento do corpo discente em atividades de ensino de graduação, pesquisa, cultura e extensão, de forma a contribuir para a formação cidadã, acadêmica e profissional". (USP, 2023). O projeto entrou na categoria de Cultura e Extensão por ser uma iniciativa colaborativa que produz e difunde conhecimentos, envolvendo o público externo à USP. Sumaya também comunicou que estava realizando a seleção dos bolsistas e que esses chegariam no projeto em setembro. Para a seleção, deu-se prioridade aos candidatos seguindo um critério de diversidade de gênero e étnico-racial.

Após esse comunicado, aconteceu uma rodada de falas das duplas sobre o material estudado para o Matizes: Retomadas. As duplas se atentaram sobre o conteúdo apresentado pelo entrevistado, tanto num aspecto organizacional de suas falas quanto nos temas trazidos, além de elaborarem ideias sobre proposições a partir dessas contribuições. A Laura e a Luiza refletiram sobre o encontro com o Claudinei Roberto; Gabriel e Carla sobre o encontro com

[20] Ver ANEXO N

Marcelo D´Salete, e Priscila Akimi e Karina sobre o encontro com Priscila Leonel. Os membros responsáveis pelo estudo dos materiais de Amanda e Glaucea não estiveram presentes na reunião. Em decorrência disso, lembro de complementar as falas realizadas com comentários acerca da entrevista de Claudinei, Amanda e Glaucea, visto que eu havia entrado em contato profundo com esse material ao fazer a transcrição dessas entrevistas. Após esse compartilhamento, foi combinado que as duplas trariam para o próximo encontro uma imagem poética, a partir dos convidados, para começarmos a pensar nas rodas.

Ao recordar sobre esse momento do Matizes: Retomadas, Priscila (2023) comenta que começou a sentir um pouco do esgarçamento do grupo depois dessa reunião. Apesar da chegada dos novos bolsistas, cinco dos membros antigos pararam de frequentar o grupo nos meses seguintes. Muitos deles estavam se formando naquele ano e não tinham mais tempo para se dedicar às tarefas e atividades do projeto. Eu mesma não voltei a frequentar o grupo no segundo semestre como participante, por ter virado bolsista PUB no Projeto de Pesquisa do Laboratório de Impressão Fotográfica no CAP. Acredito que essas saídas foram muito significativas, fazendo o projeto perder forças.

Na reunião seguinte[21], começou-se a delinear qual era o novo grupo de estudantes organizadores do projeto. Agora, este contaria com os bolsistas PUB Iago Cerqueira, Gabriel Ussami e Thiago Correa. Além deles, continuaram presentes Luiza Latorre e Priscila Akimi, com coordenação de Priscila Leonel. Durante o mês de setembro, ocorreram reuniões semanais de planejamento, porém a impressão era de que não se estava avançando muito na construção das rodas do Retomadas. Isso adivinha da saída dos membros antigos e do sentimento de que muitas ideias surgiam, mas pouco se concretizavam. Para Priscila (2023),

> o Retomadas foi isso. Ele foi esse processo da gente olhar para o que foi feito. Mas sabe o que acontecia? Quem estava olhando era o pessoal que não tinha participado antes. Era o Iago, era o Thiago. O Ussami tinha participado então ele contribuía, mas eu acho que a ideia do Retomadas era que as próprias pessoas que participaram fizessem essa retomada e isso não aconteceu.

Dessa forma, o Retomadas não fazia mais sentido para o corpo de estudantes que compunham o projeto. Por conta disso, Priscila recorreu a Sumaya, que sugeriu que se planejasse uma ação para ocorrer em outubro, de forma que colocasse os membros do grupo novamente em movimento. Parecia que o grupo funcionava quando cada participante assumia um compromisso e se responsabilizava por dar conta de sua tarefa (LEONEL, 2023). Assim, foram divididos dois grupos para trazerem propostas de mediação para a reunião do dia 23 de setembro e foi escolhida a proposta feita pelo grupo do Gabriel, do Iago e do Thiago, que viria

[21] Ver ANEXO M.

a se chamar *Encruzilinhas*. Nas semanas seguintes, o grupo se dedicou a preparar a atividade e o material gráfico de divulgação.

Imagem 15 – Cartaz de divulgação do evento

Fonte: Thiago Correa (2022)

A roda de conversa *Encruzilinhas* ocorreu no dia 17 de outubro, na sala B3 do CAP. Eu estive presente no encontro como participante. Estávamos em 12 pessoas, apenas uma delas nunca tinha feito parte do Matizes. A proposta mediada por Gabriel, Luiza e Iago consistia em que os participantes traçassem o percurso que faziam de suas casas para a universidade num mapa da Grande São Paulo. Esse momento inicial permitiu que o grupo visualizasse os diferentes territórios que cada um habita e circula e os entrelaçamentos com o caminho dos outros. Num segundo momento, iniciou-se a exploração desse mapa com uma discussão aberta sobre as experiências de cada participante nos espaços institucionais de arte na cidade em relação às experiências dentro da universidade. Lembro de conversarmos sobre como os espaços institucionais de arte e cultura estão predominantemente na região central da capital e como isso dificulta o acesso, principalmente para quem mora e trabalha distante. Também foi abordado sobre como cada um dialoga com as exposições nessas instituições, principalmente com aquelas que trazem eixos temáticos críticos à hegemonia no sistema de arte. Então, a mediação apresentou a trajetória do projeto e como as temáticas levantadas pelos convidados anteriores convergiam em alguns aspectos, principalmente na questão da ausência de formação crítica dentro do curso de artes visuais sobre as questões étnico-raciais no campo das artes, levando os convidados que foram alunos do CAP a recorrerem a outros espaços culturais para

realizar tais investigações. Ao final, a mediação convidou os participantes a retornarem ao mapa inicial para registrarem e indicarem espaços fora da universidade que fizeram ou fazem parte das suas trajetórias artísticas e pelos quais passam no caminho para universidade.

Imagens 16, 17, 18 e 19: Registros da roda de conversa *Encruzilinhas*.

Fonte: Projeto Matizes (2022)

Lembro que foi difícil para mim colocar algum espaço de cultura que eu frequentasse sem que fosse uma instituição artística formal. Meus pais, como professores de arte, me levaram desde criança em diversas exposições no Sesc, no MASP, na Pinacoteca, na Bienal, entre outras. Além de ser um privilégio de classe, uma vez que muitas dessas intuições são pagas, as narrativas contadas nos museus são apoiadas na branquitude. Dessa forma, por muito tempo não reconheci as ausências e os apagamentos feitos sistematicamente por esses espaços. Além disso, morando tão perto da Universidade, não consegui recordar, num primeiro momento, de espaços culturais os quais eu passava em meu caminho. Apenas quando comecei a ver os registros dos meus colegas, pensei na Praça Elis Regina e no Morro do Querosene como lugares de confraternização e cultura no Butantã, sediando blocos de carnaval, arraial, as festas do boi, feirinhas e rodas de samba.

Por fim, o mapa com as referências adicionadas pelos participantes foi disposto em um corredor do Departamento de Artes Plásticas, com o intuito de que outras pessoas pudessem preencher com seus percursos e suas sugestões de atividades culturais. Refletindo um pouco

sobre o encontro, Priscila (2023) recorda que além de Chibueze Obi, não foi ninguém de fora do Matizes na roda. Ela não via problema em que o evento acontecesse apenas para os próprios membros do grupo, mas o problema era não estar entrando ninguém novo. Ela ficou bastante incomodada ao se deparar com diversas reuniões em que apenas os bolsistas estavam presentes e comprometidos a tocar o projeto.

Nesse contexto que se deu a preparação para a conversa com o Chibueze. Ele era orientando do Martin Grossmann em Poéticas Visuais na ECA, com a dissertação "IGBO: Construções Imagéticas Africanas". Como artista visual, ele trabalha com diversas técnicas como pintura, escultura, criações digitais e instalações que se relacionam, trazendo em sua produção questões referentes a cultura e arte africana, questões sociais, de identidade e ancestralidade. Em sua pesquisa, Chibueze busca investigar, representar e apresentar uma história tão rica, embora distanciada e silenciada. Ele esteve no *Encruzilinhas* e, ao final do encontro, a Sumaya o chamou para ser o próximo convidado do Matizes. Como não pude estar presente nesse dia, Priscila me contou um pouco sobre o evento e a organização do grupo durante os meses de novembro e dezembro.

Uma coisa que estava ocorrendo em paralelo às atividades eram os momentos de estudo e formação interna do grupo. Ao assumir a posição de condução do grupo, Priscila se propôs a fazer algumas leituras em conjunto, algo que tanto ela como Leandro sentiam que faltava. Durante o mês de setembro, por sugestão da professora Sumaya, foi feita a leitura de alguns capítulos de Políticas da Inimizade, de Achille Mbembe, que acabou não sendo retomada; e depois, em outubro, começou-se a leitura de Pedagogia das Encruzilhadas, de Luiz Rufino. Chibueze chegou a participar de algumas reuniões, inclusive com o intuito de entrar no grupo. Ela lembra que tiveram debates feitos de forma online sobre a leitura, o que auxiliou o grupo e, principalmente, Thiago a preparar a sua mediação. Segundo Priscila (2023), preparar esse encontro foi um desafio por conta de Chibueze não ter textos escritos publicados ou documentos disponíveis na internet. Ela recorda que ele chegou a mandar algumas fotos pessoais e compartilhou algumas leituras importantes que tinha feito, para auxiliar a pesquisa da mediação. Inclusive o grupo sugeriu que ele preparasse uma oficina prática, porém ele preferiu fazer uma proposição mais reflexiva.

Imagem 20 – Cartaz de divulgação do evento

Fonte: Luiza Latorre (2022)

Esse encontro aconteceu no dia 1 de dezembro, na sala B3 do CAP. Segundo Priscila, Chibueze fez "uma apresentação super bonita do trabalho dele e ele foi mostrar as raízes de onde ele se inspirava (...), ele mostrava as inspirações de quando ele tinha despertado para a identidade negra" (LEONEL, 2023). Após uma apresentação inicial, houve um momento para perguntas feitas pela mediação e o público. Em seguida, Chibueze fez uma proposta de conversa muito potente para o grupo sobre qual havia sido o momento em que foram despertadas, na vida de cada um dos participantes, questões relativas à identidade negra. Ela recorda que essa proposição "foi muito forte porque as pessoas queriam falar e queriam contar. Ele realmente cutucou as pessoas e achei que quando as pessoas falaram a conversa foi rendendo. Foi super gostoso, foi um encontro bem produtivo".

Imagens 21 e 22: Registros de *Uma conversa com Chibueze Obi.*

Fonte: Projeto Matizes (2022)

Depois desse encontro, o grupo não conseguiu manter um contato com Chibueze e acredita-se que isso ocorreu em decorrência de sua demanda de trabalho. Assim, o grupo continuou a leitura do Pedagogia das Encruzilhadas e Priscila fez uma proposição para os componentes do grupo apresentarem um pouco de sua poética artística e a relação desta com o Matizes. O intuito dessa atividade era entender qual era o sentido que cada um dos participantes atribuía para si sobre o projeto, uma vez que Priscila não tinha clareza do motivo daquelas pessoas estarem ali ligadas ao Matizes para além da bolsa PUB. Assim, cada integrante trouxe alguns trabalhos e a produção de todos foi discutida, olhando especialmente para essa questão de identidade. Acredito que a conversa do Chibueze tenha ressoado no grupo nesse sentido de entender como o discurso do grupo também aparecia nos trabalhos poéticos pessoais dos integrantes, tal como a ancestralidade Igbo influenciou na produção artística de Chibueze.

Para encerrar o ano de 2022, o grupo marcou um encontro de confraternização no dia 12 de dezembro, no qual ocorreu um lanche coletivo junto com mais uma rodada de leitura, além de combinar um amigo secreto para acontecer no início do ano seguinte, em que cada um produzisse uma obra para outro colega de presente. A última parte da leitura e a produção das obras foram deixadas para o período de férias. As atividades do Matizes voltariam na primeira semana de fevereiro, visto que essas horas precisavam ser contabilizadas por conta dos bolsistas. Porém, nesse meio tempo, Priscila foi aprovada no concurso para professora de artes da UNESP em Bauru e teve que se mudar em janeiro para que suas filhas pudessem começar o ano letivo lá. Em virtude disso, esse último encontro de fechamento não foi feito.

Imagem 23: Registro do último encontro de 2022. Da esquerda para a direita: Gabriel Ussami, Priscila Leonel, Thiago Correa, Iago Cerqueira e Luiza Latorre.

Fonte: Projeto Matizes (2022)

Sobre essa experiência como pesquisadora colaboradora durante o segundo semestre, Priscila conta que foi muito diferente do que já tinha vivido antes como professora. Fazendo um comparativo das experiências, ela relata:

> uma coisa é você ter uma turma de alunos. (...) eu sei que eu sou a professora. Eu sou a responsável por esse grupo. Eu sei onde a gente começa e aonde a gente tem que chegar. Quais os recursos que a gente precisa. Eu posso reelaborar as metodologias ao longo do caminho, mas a turma vem para mim no dia da aula querendo que eu fale alguma coisa. Você conduz o processo. Mesmo que a turma seja autônoma, eles querem alguém que esteja conduzindo o processo. Isso era uma coisa que eu não me sentia à vontade no Matizes. Não sabia se era eu que estava conduzindo o processo, porque quando eu acompanhei o Matizes lá no começo durante eu ser a entrevistada, eu sentia que os alunos puxavam para si o que estavam fazendo e organizavam. Então, eu ficava com muito medo de ser "ditadora". Eu não quero dizer o que vai fazer, o que não vai fazer. Então, eu tentava mediar, criar situações. “E aí o que vocês acham? O que nós vamos fazer?” Eu ia tentando mediar esses processos, mas eu nunca sentia uma firmeza de “Vamos fazer isso! Nossa, eu vou fazer isso, pegar essa tarefa”.

Esse cenário que Priscila presenciou no primeiro semestre dificilmente se repetiria se fosse colocada na equação a questão da volta à presencialidade. Tendo estado presente desde o início do projeto, percebo que a dinâmica do grupo mudou muito se comparado ao seu surgimento. É importante considerar que o grupo surgiu num contexto pandêmico, no qual as pessoas estavam vivendo há um ano e meio o isolamento social. Existia uma necessidade pungente de criar-se vínculos e fazer parte de um grupo, uma vez que o tecido social de relações afetivas estava desmantelado. Além disso, como a maior parte das atividades se mantinham remotas, as pessoas não gastavam uma quantidade absurda de tempo se deslocando para os lugares. Participar de atividades online estava ao alcance de um clique. Isso mudou muito com a retomada total das atividades presenciais. Os integrantes pararam de ter a mesma

disponibilidade que tinham na pandemia e muitos saíram do projeto por conta disso ou porque concluíram a graduação.

Com essas saídas, o comprometimento daqueles que ficaram tinha que ser mais intenso para que o projeto pudesse viver. Se antes havia um grupo com uma média de 14 pessoas fazendo tarefas, se por ventura alguém tivesse um imprevisto e não pudesse participar ativamente, isso não era um problema. Porém, isso muda quando o grupo é composto apenas por 5 membros. Na opinião de Priscila (2023), faltou trazer para o projeto mais pessoas interessadas e que realmente acreditassem na proposta do Matizes. Acredito que trazer novos participantes teria sido fundamental para dar um novo gás ao grupo. As poucas pessoas que entraram no projeto durante a sua atuação presencial, acabaram não se enraizando nele. Por isso a institucionalização do Matizes foi tão importante para garantir que tivessem pessoas comprometidas em organizar e realizar suas atividades.

Essa situação coloca uma importante questão para a continuidade do Matizes: como organizar um projeto que se sustente na presencialidade? Como fazê-lo sem a presença de seus membros fundadores? Como trazer novos interessados que assumam um compromisso de fato com o projeto? Qual forma organizacional que o projeto precisa ter para continuar atuando? Como os estudantes podem assumir de forma autônoma o projeto, garantindo a sua sobrevivência independentemente de coordenadores? Essas são algumas questões que trarei na próxima parte do trabalho que compreende o espaço temporal até o momento presente do projeto e suas aspirações futuras.

Parte V – No percurso pela autonomia

Alguns dos desafios que o Matizes enfrentou no final do ano anterior continuaram a existir durante o ano de 2023. Além de Priscila Leonel, a Luiza Latorre se formou e saiu do projeto e a Priscila Akimi passou a se dedicar ao projeto de pesquisa Acervo de Múltiplas vozes: narrativas de experiências com arte e educação e ao seu mestrado. Nesse meio tempo, comecei a me reaproximar do projeto em virtude do meu TCC e Sofia Kamamoto[22] começou a participar. Ela me contou que já estava em contato com o grupo desde a roda de conversa *Encruzilinhas*, mas não conseguia frequentar as reuniões semanais por causa dos horários. Sua participação de fato como organizadora iniciou junto com a primeira reunião do ano, no final de fevereiro, com a presença dos bolsistas PUB e da Sumaya. Mais uma vez a questão do formato e da dinâmica

[22] KAMAMOTO, Sofia. Comunicação pessoal, 2023.

das relações entre os participantes surgiu como pauta. Até o momento, o grupo funcionou sempre com a presença de um coordenador que liderava o grupo, tendo sido eles a Sumaya, o Leandro e, então, a Priscila. Desde o surgimento do projeto tinha-se a vontade de que ele fosse apropriado pelos estudantes, mas isso ainda não tinha acontecido. Assim, pretendo contar e refletir um pouco sobre esse desafio e quais têm sido as dificuldades que temos encontrado nesse percurso pela autonomia dos estudantes.

Nesta reunião, começou-se a pensar em uma nova dinâmica entre os membros do grupo, de modo que o projeto pudesse paulatinamente ser assumido como um processo coletivo e colaborativo dos estudantes, tendo continuidade ao longo do tempo num grande processo de formação continuada dentro do departamento. A forma que isso tomou foi a definição de um núcleo base do projeto, que fosse composto por quem está de fato comprometido com o Matizes, assumindo certas responsabilidades. A existência desse núcleo não implica na diminuição de esforços para envolver novos participantes, sobretudo do CAP, para somar nessa construção. Essa necessidade por um núcleo que inspirasse a participação de outras pessoas me lembrou da época em que fui militante pelo Movimento por uma Universidade Popular. O MUP é o movimento de massas na vertente da educação do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Por ser a expressão dessa luta na universidade, ele acaba recebendo bastante suporte da União da Juventude Comunista (UJC). Para ser militante do MUP não é necessário estar organizado em nenhuma outra instância do partido, algo que difere de quem compõem a UJC. Durante minha contribuição por um ano e meio no MUP, a UJC sempre representou esse núcleo que movia o resto da militância. Acredito que essa necessidade do núcleo base esteja exatamente relacionada à necessidade maior do Matizes se organizar de uma forma que as ações sejam de fato concretizadas por aqueles que estão comprometidos e que tenha um caráter organizativo que possibilite a sua renovação e propagação pelo tempo.

Assim, definiu-se que esse núcleo base seria composto nesse momento pelo Iago, Thiago, Gabriel, eu, Sofia e Camila. Uma vez que a maioria de nós já estava no momento final da graduação, tendo acumulado diversas experiências em disciplinas, estágios e dentro do próprio Matizes, esse pareceu ser o momento ideal em que nós estudantes pudéssemos assumir o papel de propositores, trabalhando com temas relacionados ao interesse pessoal, mas que fossem condizentes com o propósito do projeto. Apesar disso ter representado um passo para a autonomia do grupo, isso não significava que o núcleo estava tendo que se articular sozinho. A Profa. Sumaya voltou a frequentar as reuniões, dando um direcionamento para as atividades do núcleo como coordenadora. A partir disso, começamos a esboçar nosso planejamento do ano em torno de três tipos de atividade que poderiam estar interligadas, compondo uma mesma

ação: um grupo de estudo e leitura; ações artísticas e oficinas; e encontro com convidados e rodas de conversa.

Na reunião seguinte, cada membro do Matizes apresentou para o grupo um pouco sobre o que tinha vontade de abordar naquele semestre pensando nesses tipos de atividades. Lembro de compartilhar a minha vontade de fazer alguma intervenção artística coletiva que refletisse um pouco sobre a história e a memória dos estudantes dentro do departamento, colocando em evidência a história não oficial deste lugar. Lembro que Thiago apresentou sua vontade de fazer uma oficina de bordado e Iago falou sobre criar uma caixa para que as pessoas dessem sugestões sobre obras e artistas que faltavam em suas formações e de semanalmente intervir no espaço trazendo essas referências. Além disso, todos apresentaram uma vontade de se aproximar de textos literários, uma vez que, até aquele momento, todas as leituras feitas tinham sido de textos teóricos. Pensamos que esse poderia ser algo que atraísse mais pessoas para participarem do Matizes.

Assim, a partir da tangência entre os temas de cada um, nos dividimos em dois grupos com o objetivo de selecionar um texto literário para colocar o grupo de leitura em prática. Trouxe de sugestão para o meu grupo o conto “Manto de apresentação”, de Itamar Vieira Jr., presente em seu livro “Doramar ou a Odisseia: Histórias”. Nele, o autor explora o universo do artista Arthur Bispo do Rosário, trazendo diversas referências biográficas e artísticas em um discurso que não possui ponto final separando suas frases. A impressão que fica durante a leitura de suas seis páginas é que o conto guia o leitor da mesma forma que as vozes que Bispo escutava o guiavam. Bispo foi um artista sergipano que passou grande parte de sua vida internado na Colônia Juliano Moreira no Rio de Janeiro, por ter sido diagnosticado com esquizofrenia paranoide. O artista produzia com materiais encontrados no lixo e com objetos trocados com outros pacientes, acumulando mais de 800 obras, tais como faixas, estandartes, vestimentas, miniaturas e vitrines. Para realizar seus bordados, desfiava tecidos encontrados, principalmente dos uniformes azuis da Colônia. Itamar, em seu texto, traz essas informações em trechos como “se te faltar linha, que a faças com teus próprios métodos, descosendo as vestes velhas” (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 110). O que achei fascinante no conto foi exatamente essa forma poética como o autor conseguiu fazer a tradução da obra e da história do artista em prosa.

Imagem 24 – Cartaz de divulgação do evento

Fonte: Thiago Correa (2023)

No dia da partilha optamos por utilizar esse texto como âncora para criar uma proposição artístico-pedagógica que envolvesse a ideia do Thiago de realizar uma oficina de bordado. Nas semanas seguintes, começou-se a delinear o planejamento desse encontro de forma que alcançasse o objetivo tanto de criar um espaço de convivência e troca entre estudantes no CAP quanto de enraizar o projeto no cotidiano da comunidade universitária. A oficina de bordado "Entre o avesso do verso" ocorreu nos dias 25 de maio e 1 de julho. Optamos por fazer dois encontros para dar conta da totalidade de nossa proposta. No primeiro encontro, Thiago ficou responsável por fazer uma regência, na qual ensinaria os participantes a fazerem pontos básicos do bordado. O objetivo dessa atividade era dar os meios técnicos para que a proposta da aula seguinte fosse concretizada, bem como firmar laços com os participantes. A roda de bordado se apresenta como um espaço de trocas acolhedor, uma vez que a atenção de cada um consegue se dividir entre o fazer e a fala. Após esse momento prático de conversa e exploração da técnica, fizemos a leitura coletiva do texto "manto de apresentação", na qual cada pessoa, na roda, lia um trecho do texto. Com essa provocação literária, fizemos o convite para que os participantes

retornassem na semana seguinte para continuar a exploração poética na obra do Bispo e a técnica do bordado.

Imagens 25, 26, 27, 28 e 29 – Registro do primeiro encontro da oficina

Entre o avesso do verso

Fonte: Projeto Matizes (2023)

Um grande receio que tivemos foi que a turma não voltasse na semana seguinte. De fato, esse distanciamento entre semanas e a forma que foi conduzido o encontro na parte final com a leitura do texto podem ter contribuído para a redução da turma, que contou com 18 participantes no primeiro dia e 8 no segundo. Apesar disso, foi possível realizar a proposta na

aula seguinte sem grandes dificuldades. Eu e Iago ficamos responsáveis por fazer a apresentação sobre a vida e a obra de Bispo, fazendo relações desta com o texto apresentado na aula anterior e com a obra de outros artistas que utilizaram o bordado como técnica. Algo que fiz questão de enfatizar durante a minha mediação foi a falta de um olhar crítico ao se falar sobre a vida e a obra de Bispo em relação à instituição em que ele ficou aprisionado por mais de 50 anos. O artista só foi descoberto pela mídia e crítica de arte em 1980, ao aparecer em uma reportagem do Fantástico feita pelo jornalista Samuel Wainer Filho denunciando as condições precárias das instituições psiquiátricas no Brasil. A lógica dessa instituição atua de forma a perpetuar o *status quo* e separar o dito produtivo do improdutivo. Assim, "loucos" eram reclusos em instituições fechadas como forma de controle social, por serem vistos como incapazes e perigosos. Nesse sentido, não somente pessoas em sofrimento psíquico eram colocadas em manicômios, como também todos aqueles que fugiam à "ordem" e à produção de capital, como pessoas com deficiências, a população negra e LGBTQIAP+. Bispo foi uma das incontáveis pessoas negras institucionalizadas e isso revela uma condição estrutural dessa instituição. Nesse sentido, é importante destacar o importante papel da luta antimanicomial na área da saúde, para garantir a proteção dos direitos das pessoas com transtornos mentais, desenvolvendo estratégias de saúde coletiva que considerem os determinantes sociais.

Nessa mediação, também demos enfoque à obra de Bispo reconhecida como Manto de Apresentação, na qual o artista construiu para si um manto para representar sua importância não só como Arthur Bispo do Rosário, mas também como Jesus Filho, no dia do Juízo Final. Pelo longo processo de sua construção, o manto carrega entrelaçados fatos, momentos e acontecimentos de diferentes etapas de sua vida. No avesso do manto, Bispo registrou um inventário de pessoas que teria conhecido. A partir dessa inspiração poética dos nomes bordados no manto, fizemos um convite aos participantes para que recordassem o significado de seus nomes e os bordassem em um pedaço de tecido. Com isso, pretendíamos construir um manto coletivo com os nossos nomes, que pudesse ficar em exposição nas paredes do departamento. A intenção dessa proposição era refletir um pouco sobre a ancestralidade e a identidade pessoal de cada um, que está contida primordialmente em seu nome. Ali, criou-se um ambiente de troca e escuta em que cada participante pôde contar um pouco de sua história para o grupo. Essa proposta nos fez refletir sobre a importância do nome como elemento de identidade de cada povo e etnia e como esse direito foi negado à população negra e indígena do Brasil, por conta da colonização europeia. Foi possível observar o impacto direto nos participantes da oficina que, de forma espontânea, afirmaram que dariam continuidade à prática do bordado, inclusive entrando em contato com os propositores depois da oficina para perguntar sobre a compra de

materiais. Houve também a intenção de se criar um grupo de bordado para continuar as trocas de conhecimentos manuais. Essa ação foi essencial para o fortalecimento e integridade do projeto no início de 2023.

Imagens 30, 31, 32 e 33 – Registro do segundo dia da oficina *Entre o avesso do verso*

Fonte: Projeto Matizes (2023)

Após a oficina, Iago informou ao grupo que deixaria de ser bolsista para realizar um estágio de monitoria em uma exposição de arte, e Alicia Magalhães, que é estudante do primeiro ano, entrou em seu lugar. Ao fazermos um balanço sobre a oficina, percebemos a potencialidade de apresentar o manto criado na exposição Laboratório do Semestre de 2023, realizada no Espaço das Artes (EdA), na USP, entre os dias 3 de julho e 6 agosto. Além da exposição, realizamos uma ação na abertura da mostra, na qual propusemos que os visitantes também fizessem o exercício de bordar os próprios nomes, anexando-os, depois, ao manto coletivo iniciado na oficina anterior. Essa foi a primeira vez que a licenciatura apresentou de forma grupal um trabalho em um espaço que é predominantemente ocupado por estudantes do bacharelado. Ficamos posicionados bem na entrada da exposição e avaliamos que a ação foi bastante positiva, inclusive para difundir o grupo para mais estudantes do departamento.

Imagem 34: Registro da oficina no Laboratório do Semestre

Fonte: Projeto Matizes (2023)

Imagem 35: Reprodução fotográfica do manto após a oficina

Fonte: Beatriz Camargo (2023)

O segundo semestre de 2023 começou com uma onda de indignação entre os estudantes do CAP. Foi anunciado uma semana antes do início das aulas que os três professores temporários contratados no início do ano haviam sido subitamente demitidos, implicando no cancelamento de diversas disciplinas. Isso, somado à falta de professores que o departamento sente há anos, resultou no não oferecimento de 11 disciplinas no segundo semestre, incluindo

uma disciplina obrigatória. Esse acontecimento foi propulsor para que os estudantes construíssem uma série de mobilizações pela contratação de professores. Esse problema não é só sentido pelo CAP e pela ECA, mas é sintoma de um desmonte sistemático que tem acontecido na universidade desde 2014. Durante o mês de agosto, ocorreram diversos atos e ações no âmbito da ECA, em que o CAP teve bastante protagonismo. Pela primeira vez, o Matizes como grupo identificou a importância de se somar nesse momento de luta, construindo atividades em conjunto com o departamento. Essa iniciativa foi tomada completamente pelos estudantes, independente da Profa. Sumaya. Este foi o momento em que o núcleo base do projeto começou a assumir a liderança do Matizes. Esse núcleo mudou um pouco sua configuração com a formatura de Camila e a saída de Gabriel como bolsista, ficando com a Sofia de colaboradora voluntária e eu, Thiago e Alicia como os novos bolsistas PUB.

A consciência da necessidade de integrar as mobilizações que estavam acontecendo vieram tanto da importância de firmar posições de valorização da licenciatura dentro do contexto do departamento quanto de entender que essas contratações não podem ser clamadas em abstrato. Se buscamos construir uma universidade que seja diversa e inclusiva, é fundamental lutar por ações afirmativas que de fato garantam a entrada de professores pretos, pardos ou indígenas (PPI) em processos seletivos e concursos públicos na universidade. Apesar da Reitoria ter adotado medidas nesse sentido em maio desse ano, elas dependem do número de vagas de disputa do concurso. Assim, apenas se o número de vagas oferecidas para certo cargo for igual ou superior a três, 20% dessas vagas existentes serão reservadas a esse público (CRUZ, 2023). São raros os concursos que disponibilizem esse número de vagas, ainda mais com a falta de professores generalizada na USP, sendo insuficiente essa medida na mudança do perfil do corpo docente.

Com isso em mente, propusemos a realização de uma oficina de cartazes no dia 28 de agosto para integrar o Grande Ato na ECA pela contratação de professores no dia 30. O ato iniciou na frente do prédio central e foi percorrendo os departamentos da ECA, convidando os estudantes a saírem de suas aulas e somarem as mobilizações. Foram feitas falas que denunciavam a situação vivida pelo corpo discente, palavras de ordem foram puxadas e diversos lambes e cartazes marcaram o percurso que fizemos. Depois, nos encaminhamos para a frente da Reitoria, onde o ato finalizou-se. Nesse momento final, Sofia fez uma fala importante apontando que não basta termos novas contratações, mas que precisamos pensar quais professores queremos que ocupem lugares de poder dentro da universidade.

Imagens 36 e 37 – Registro do Grande Ato na ECA

Fonte: Beatriz Camargo (2023)

Como resultado dessas mobilizações, o reitor adiantou 18 contratações para a ECA que já estavam programadas para chegarem à Escola até 2025. Apesar de ser uma conquista, isso não pode ter sido declarado como uma vitória, visto que essas contratações não dão conta da quantidade real que cada departamento precisa para funcionar plenamente. Nas semanas seguintes, outros institutos começaram a se mobilizar, de forma que o movimento se unificou para construir uma greve geral que pautasse a contratação de professores e a permanência estudantil. A greve foi declarada no dia 21 de setembro e fizemos uma avaliação dentro do núcleo base do Matizes de que não faria sentido parar nossas movimentações nesse período. Assim, percebemos que aquele seria o momento ideal para realizar o encontro de aproximação com os estudantes que tínhamos vontade de fazer havia um tempo.

Imagem 38 – Cartaz de divulgação do evento

Fonte: Thiago Correa (2023)

Matizes Convida foi um encontro ocorrido no dia 27 de setembro na sala B3, compondo o calendário de mobilizações do CAP. Além do núcleo base, estiveram presentes 8 estudantes, para quem apresentamos o projeto de modo informal, e, coletivamente, pensamos sobre as próximas ações do projeto durante a greve e após a retomada das atividades. Exatamente pela preocupação de termos um projeto construído pelos estudantes, queríamos entender quais eram as novas necessidades sentidas pelos alunos mais novos no curso em relação à presença de temáticas relativas a gênero e raça e de que forma o Matizes poderia atuar para preencher essas lacunas, principalmente num viés curricular. Escolhemos realizar essa apresentação do projeto durante a greve, tanto por ser um momento em que condições necessárias para os estudantes terem uma educação de qualidade na universidade estavam em pauta, quanto pela relação política que o próprio Matizes tem com as questões de contratação e permanência estudantil. É evidente que a permanência está relacionada com a necessidade objetiva de moradia, transporte e alimentação dos estudantes de baixa renda, mas também possui um aspecto subjetivo, relacionado a currículos excludentes e uma estrutura pedagógica que não consegue dar conta dos novos corpos que ocupam a universidade.

Algumas ações levantadas pelos participantes foram: a possibilidade de convidarmos alguém para dar uma aula pública no momento de greve, criarmos uma nova forma de comunicação, visto que muitos desconheciam as movimentações do grupo, formarmos um grupo de leitura com encontros mensais e trazermos novos convidados para conversar no departamento. A partir disso, criamos uma comunidade no WhatsApp apenas com estudantes, a qual se divide em um grupo de informes sobre reuniões e ações e outro para planejamento. Convidamos todos a se unirem ao grupo de planejamento, porém apenas Daniel Alexsander quis entrar no núcleo base. Tentamos pensar em convidar alguém para ministrar uma aula pública, porém não conseguimos nos articular para colocar esta ideia em prática, principalmente com o desgaste que a greve gerou e a desmobilização que ocorreu dentro do departamento após algumas conquistas anunciadas pela Reitoria. A ECA saiu da greve no dia 16 de outubro e o Matizes, nesse momento, se organiza para definir nossas próximas ações.

Considerando o que foi exposto, é possível fazer algumas reflexões sobre o percurso do grupo até o momento. Desde o surgimento do Matizes, os estudantes se colocaram à frente da produção de material gráfico, mediação de palestras e divulgação dos eventos. Neste ano, além dessas funções, os estudantes estiveram à frente da idealização, do planejamento e da regência das atividades desenvolvidas. Apesar desse protagonismo dos estudantes, o grupo sempre contou com a figura de um líder que era responsável por agendar reuniões, conduzir as conversas e dar um direcionamento às vontades do grupo em longo prazo. O líder nunca ditou

o que o grupo tinha de fazer, uma vez que todas as suas sugestões eram debatidas e democraticamente eleitas, porém era a sua presença que animava as ações do grupo e a sua continuidade. Desde o segundo semestre, essa figura não existe mais. Atualmente, a Profa. Sumaya oferece um apoio distante ao grupo, no entanto, são os estudantes do núcleo base que assumiram a posição de liderança do projeto. É fundamental que esse núcleo entenda o que implica exercer esse papel, uma vez que ausência da liderança pode levar ao seu fim.

Nesse momento, avalio que o grupo tem tido um pouco de dificuldade para estar engajado com o Matizes. Acho que isso advém de uma perda do entusiasmo de se estar junto construindo esse projeto. Alguns fatores que podem ter contribuído para esse desânimo são o desgaste momentâneo ocasionado pela greve, a diferença entre os estudantes bolsistas e não bolsistas e o fato de não terem entrado novas pessoas no grupo. Além disso, desde a volta presencial dedicamos a maior parte do tempo fazendo muitas atividades voltadas para os alunos do departamento e muitas vezes deixamos de lado a dimensão da extensão, deixando de dar enfoque à comunidade externa à universidade. Desse modo, o tal esgarçamento sentido por Priscila no ano passado parece se repetir novamente no fim desse ano. Seria esse um problema crônico da coletividade dentro de um mundo neoliberal? Ou seria um reflexo do pacto da branquitude atuando novamente, visto que mesmo com um projeto institucional pautando questões étnico-raciais, de gênero e diversidades, continuam não sendo prioridades dentro de uma universidade branca, classista e elitista? Priscila me disse algo em nossa conversa que reverberou bastante em mim:

> É muito importante saber quando é o começo e quando é o fim. Eu acho que as pessoas têm uma tendência a segurar até o fim. Se eu sei onde é o fim: "Vamos lá!". Mesmo que eu esteja cansado no caminho, eu sei onde é o fim. O fato do Matizes não ter um fim pode ter sido uma questão, porque a graduação de muitas pessoas estava acabando e talvez para elas esse fosse o fim desse processo, mas não era o fim do Matizes. (LEONEL, 2023).

Encontrando-me agora no fim de minha primeira graduação, pergunto de que forma posso contribuir para que o Matizes não acabe quando eu e Thiago nos formarmos. Considerando que seremos bolsistas PUB até a metade do ano que vem, penso que esse será o tempo que teremos para, coletivamente, entender como reacender a chama do projeto. A certeza que tenho é de que a história do Matizes ainda está sendo escrita.

Conclusão

O projeto Matizes surgiu a partir da necessidade de se criar um espaço dentro do Departamento de Artes Plásticas da USP que pudesse trabalhar com questões étnico-raciais, de

gênero e de diversidades no campo da arte educação, de forma a contribuir com a formação de seus estudantes e coibir manifestações de racismo. Essa necessidade se tornou urgente após o caso de racismo que se sucedeu da aula de MEAV I em junho de 2021. Naquele momento, a Profa. Sumaya tomou uma decisão de, em conjunto com os estudantes, criar um projeto que pudesse enfrentar frontalmente, de forma política e pedagógica, essa questão. O Matizes foi muito além das conversas iniciais realizadas com artistas e educadores negros ex-alunos do CAP e passou a promover ações educativas dentro do departamento que colocam na roda curricular e extracurricular saberes e fazeres não dominantes - e, portanto, contra hegemônicos -, deixando em evidência linguagens rejeitadas pelo "cânone" institucional, de maneira a difundir a diversidade e a multiplicidade de códigos estéticos e de formas de expressão e aprendizagem artística.

Até então, não existia na ECA um projeto institucional que buscasse pautar uma perspectiva decolonial nas artes e em seu ensino. Exatamente pela consciência de que muitos problemas que o Matizes se propõe a mitigar são estruturais, o horizonte de luta dentro e fora do departamento se torna infinito e se retroalimenta. Os avanços fora da universidade abalam sua estrutura e vice-versa. As falas feitas pelos convidados que participaram do projeto apontam caminhos e a maioria delas coloca a educação como algo central para que haja essa mudança estrutural. Tendo isso em vista, manter o projeto como esse lugar de formação vivo e em movimento é fundamental para avançar essas lutas na universidade. Vale lembrar que esses avanços são possíveis, tal como ocorreu no curso de artes visuais da UNESP em Bauru com a criação da disciplina Decolonialidade por Priscila.

Para isso, é preciso repensar a forma como o projeto se organiza nos dias de hoje. Em seu início, o Matizes conseguiu aglutinar uma grande quantidade de participantes, tanto pelo envolvimento destes com o ocorrido, quanto pela ânsia de fazer parte de um grupo num contexto pandêmico de isolamento social. O grupo dava força para o projeto e vice-versa. Porém, na urgência de se promover essas conversas, faltou que o grupo dedicasse um tempo para refletir sobre os conhecimentos que estavam sendo construídos coletivamente. Essa necessidade foi sentida no fim de 2021 e sua resolução se traduziu na forma em que se deu o ciclo com Priscila Leonel. Acredito que aquela sequência de vivências consegue exprimir o projeto em sua essência: a dedicação de um tempo longo e profundo estudando o universo de um convidade em todas as suas facetas e vivenciando em conjunto toda a potencialidade que essa troca pode proporcionar.

Com a retomada total das atividades presenciais após a pandemia, a realidade concreta impôs desafios materiais também concretos para a manutenção do projeto. A vida presencial

demanda muito tempo, energia e esforço, principalmente vivendo em uma cidade de dimensões monumentais como São Paulo. A maioria dos estudantes mora longe da universidade e também trabalha, o que dificulta que o Matizes volte a ter um grande número de estudantes de fato dedicados a ele. Por conta disso, dificilmente o projeto voltará a ter o mesmo ritmo de seu início, conseguindo planejar um evento por mês. Apesar disso, acredito que seja possível trazer mais e novos estudantes para o seu núcleo base. Olhando para nossas últimas ações, como a oficina de bordado, a oficina de cartazes e o encontro *Matizes Convida*, é possível notar que existem estudantes do CAP interessados em dar continuidade a construção de uma educação antirracista na universidade. Para que esse interesse se transforme em vínculo e comprometimento, é preciso que o núcleo base consiga acolher esses novos estudantes, de forma que esses possam se enraizar no projeto. É preciso garantir que o grupo se reúna com uma frequência semanal ou quinzenal, de forma a integrar o Matizes na rotina de cada membro do núcleo base. Penso que esses encontros podem fortalecer seus participantes e o projeto, principalmente fazendo suas ações acontecerem.

Nesse último ano, nos dedicamos a pensar em proposições que dialogassem mais com o departamento para enraizar o projeto como cultura do CAP. Acredito que isso foi totalmente coerente com o movimento interno dos estudantes para conseguirem assumir a liderança do projeto. Porém, após de ter feito esse trabalho de revisitar tudo o que produzimos, fico pensando que deixamos de lado um pouco o aspecto da extensão do projeto. Como mostra a fala dos nossos convidados, além da universidade, o mundo também ensina muito. Por isso, acho importante também começar a construir ações que transbordem os muros da universidade, para levar esses acúmulos para outros ambientes.

Em uma última conversa que tive com Sofia, ficamos pensando sobre como contornar esse momento de falta de engajamento do núcleo base. Ao longo da sua existência, o Matizes existiu em diversos formatos e isso foi muito positivo para entender e explorar a multiplicidade de coisas que podem ser feitas num âmbito artístico-pedagógico para enfrentar estruturas coloniais na universidade. O Matizes sempre será muitas coisas, mas talvez, nesse momento, seja necessário criar um formato que possa ser um modelo de funcionamento anual do projeto, para que o grupo não fique estagnado após a conclusão de alguma ação.

Me aventurei a imaginar uma possibilidade de organização do grupo para o ano que vem. Penso que neste final de ano, poderíamos nos dedicar a fortalecer o vínculo entre os membros do núcleo base para que, logo no início de 2024, possamos planejar um evento de acolhimento dos novos estudantes na Semana da Recepção dos Calouros, trazendo um convidade ex-estudante do CAP para conversar com os ingressantes. Depois dessa acolhida,

poderíamos dedicar um período para a formação interna do grupo, promovendo conversas e trocas de referências poéticas, artísticas e teóricas, com o intuito de criar vínculos com os novos participantes do projeto. Então, poderíamos chamar algum convidade para conversar ou ministrar uma oficina aberta ao público dentro do departamento. Essa atividade poderia ser seguida de uma proposição de oficina feita pelos próprios membros do Matizes. Então, poderíamos buscar levar essa proposição para um espaço fora da universidade, como instituições escolares ou culturais públicas. Como fechamento do ano, poderia ser feito um encontro de confraternização interno e começar a construção do evento para a Semana de Recepção seguinte. Pela natureza dialógica do Matizes, de forma alguma penso que esse é o único formato possível que o projeto possa assumir e nem que este tenha que seguir uma estrutura rígida, sem reavaliações de sua forma segundo seu desenrolar. Porém, espero que essa proposição de formato possa revelar caminhos para que o grupo continue atuando como projeto e continue a se renovar no tempo, mesmo sem seus membros fundadores.

Para concluir, perguntei aos meus colegas no núcleo base do Matizes sobre quais são as suas expectativas relativas ao futuro do projeto. Agradeço cada um deles por terem compartilhado isso comigo e deixo a seguir os seus relatos:

> Tenho grandes expectativas para o futuro do projeto Matizes. Almejo que ele se torne não apenas um ambiente acolhedor, mas um verdadeiro lar para os novos estudantes da graduação, proporcionando um espaço seguro e diverso de aprendizagem. Na minha visão espero que o projeto continue promovendo ativamente temas de inclusão na arte educação, contribuindo assim para a construção de uma comunidade diversificada e colaborativa – Alicia Magalhães[23]

> Eu espero que o Matizes possa ser um refúgio para os alunos do departamento. Que seja um lugar de trocas, de acolhimentos para que mesmo em meio aos problemas estruturais da universidade os estudantes possam ter uma construção própria e mostrar modelos em que possamos pensar a arte de uma maneira transgressora e coletiva. Espero que outras pessoas possam se juntar ao grupo, principalmente pensando no início do ano que vem. Que cada pessoa que participe do projeto traga a potência das artes nas quais tem afeto, enxergam significado para além da arte acadêmica. Espero também que o Matizes possa levar esses ideias de arte para fora da universidade e juntando com a educação futuramente promover oficinas, aulas, encontros para diversas idades e ambientes – Sofia Kamamoto[24]

> Eu espero mudanças permanentes no departamento, desejo que o projeto solidifique no CAP avanços nos estudos de arte de artistas negros e também a pesquisa dos temas que perpassam a negritude nas artes. Desejo que nossa presença como projeto no departamento prove de uma vez por todas que nossas existências (alunos negres) não são marginais, nós estamos na USP, produzimos artes, produzimos artigos, teses, trabalhos; é impossível há muitos anos negarem nossa presença e mais impossível ainda nossas necessidades, por isso desejo que o projeto possa ser essa ferramenta de legitimação, e que os alunos racializados possam ter amparo nele – Thiago Correa[25]

[23] MAGALHÃES, Alicia. Comunicação pessoal, 2023.
[24] KAMAMOTO, Sofia. Comunicação pessoal, 2023.
[25] CORREA, Thiago. Comunicação pessoal, 2023.

Para mim, espero que o projeto continue inspirando os alunos das futuras gerações do departamento a realizar mudanças estruturais na maneira que o curso de Artes Visuais se organiza na universidade. Que o projeto tenha força para pautar isso e ser um espaço de convívio, estudo, aprofundamento e acolhimento, principalmente para os seus estudantes racializados e também para aqueles que buscam uma formação antirracista. Espero que cada vez mais o projeto ganhe reconhecimento dentro da instituição e também possa levar seus acúmulos para fora dos muros da universidade. Desejo que sua história, sua forma de existência e resistência sejam fonte de inspiração para outros estudantes e docentes, dando ferramentas para que se permita sonhar com um mundo novo.

Referências:

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade.** São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Jandaíra, 2023.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude.** 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BRITTO, Glaucea Helena. **Uma conversa com Glaucea Helena de Britto.** Entrevista concedida ao Projeto Matizes. São Paulo, 8 nov. 2021. Arquivo .mp4 (110 min). Disponível em: https://youtu.be/GEDyCAfyAb0?si=tvpQFnIpYSfpSHqq Acesso em: 17 out. 2023.

CRUZ, Adriana. USP adota cotas para concursos e processos seletivos de docentes e servidores técnico-administrativos. **Jornal da USP.** 22 mai. 2023. Disponível em: https://jornal.usp.br/?p=642050. Acesso em: 31 out. 2023

D'SALETE, Marcelo. **Uma conversa com Marcelo D'Salete.** Entrevista concedida ao Projeto Matizes. São Paulo, 5 jun. 2021. Arquivo .mp4 (124 min). Disponível em: https://youtu.be/D0WQQgb2XKs?si=8tkkrSlYXgbCKfmc Acesso em: 17 out. 2023.

ESCOLA DE APLICAÇÃO. **Negritude.** 2021. Disponível em: https://www3.ea.fe.usp.br/negritude/ Acesso em: 17 out. 2023.

GAIOFATO, Gustavo. **As coisas brutas e refinadas: materialismo histórico e psicanálise.** *In:* Marxismo, psicanálise, revolução. São Paulo: Lavrapalavra, 2022.

IASI, Mauro; PINHEIRO, Milton. **Universidade popular: uma perspectiva de luta.** *In:* A universidade popular. São Paulo: ICP, 2021.

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p. 97.

L, Don. Primavera. *In:* **Roteiro Pra Aïnouz, Vol. 2.** São Paulo: Independente, 2021. Disponível em: https://youtu.be/bs5B5VLhqlk?si=e76c0AcSPy-WkKrc Acesso em: 16 set. 2023.

LEMOS, Lívia. Aprovação da Lei de Cotas foi marcada por discursos racistas e defesa de hierarquia social. **Jornal da USP**. 19 set. 2023. Disponível em: https://jornal.usp.br/diversidade/aprovacao-da-lei-de-cotas-foi-marcada-por-discursos-racistas-e-defesa-de-hierarquia-social/. Acesso em: 28 out. 2023.

LEONEL, Priscila. **Uma conversa com Priscila Leonel.** Entrevista concedida ao Projeto Matizes. São Paulo, 25 abr. 2022. Arquivo .mp4 (93 min). Disponível em: https://youtu.be/03NlquOEHPA?si=_T8HZcnqe0jDLRq-

LEONEL, Priscila. **Entrevista com Priscila Leonel.** Entrevista concedida a Beatriz Camargo Martins. São Paulo, 1 jun. 2023. Arquivo mp3 (66 min).

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFOGUEL, Ramón (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 27-54.

MENEZES, Hélio; BARRETO, Raquel. Carolina Maria de Jesus: Um Brasil para os brasileiros. Texto da curadoria. **IMS**, 2022. Disponível em: https://ims.com.br/2022/01/11/carolina-maria-de-jesus-um-brasil-para-os-brasileiros-texto-da-curadoria/. Acesso em 06 out. 2023.

MENEZES, Hélio; BARRETO, Raquel. Carolina Maria de Jesus: Um Brasil para os brasileiros. Textos da exposição. **IMS**, 2022. Disponível em: https://ims.com.br/2022/02/01/carolina-maria-de-jesus-um-brasil-para-os-brasileiros-textos-da-exposicao/#apresentacao. Acesso em 06 out. 2023.

NASCIMENTO, Elisa L.; GÁ, Luiz C. (org.). **Adinkra: sabedoria em símbolos africanos.** 2.ed. Rio de Janeiro: Cobogó: Ipeafro, 2022.

PERRONE, Antônia. *In:* **Uma conversa com Priscila Leonel.** Entrevista concedida ao Projeto Matizes. São Paulo, 25 abr. 2022. Arquivo mp4 (96 min).

ROTH, Ana; ROTH, Isabel. A árvore. **Otávio Roth**, 2016. Disponível em: https://www.otavioroth.com/a-arvore. Acesso em: 11 de set. de 2023.

SAID, Tabita. Com inscrições abertas, cursinho da USP une tradição e resistência na luta pela igualdade racial. **Jornal da USP.** 11 jun. 2023. Disponível em: https://jornal.usp.br/?p=658499. Acesso em: 31 out. 2023.

SILVA, Claudinei Roberto da. **Uma conversa com Claudinei Roberto da Silva**. Entrevista concedida ao Projeto Matizes. São Paulo, 31 ago. 2021. Arquivo .mp4 (123 min). Disponível em: https://youtu.be/BA12UsDBr5U?si=VnS109axd30Szv9m Acesso em: 17 out. 2023.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Pró-Reitoria de Graduação, Pesquisa e Cultura e Extensão. **Edital Programa Unificado de Bolsas de Estudos para Apoio à Formação de Estudantes de Graduação.** São Paulo, 2023. Disponível em: https://uspdigital.usp.br/juno/bnfArquivosPublicos.jsp?tiparq=1&anoprg=2023&codm?codmnu=10872. Acesso em: 19 out. 2023.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Doramar ou a odisseia: histórias.** São Paulo: Todavia, 2021.p. 109-115.

APÊNDICE

APÊNDICE A

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA[26]
Entrevistado: Priscila Leonel de Medeiros Pereira
São Paulo, 1 de junho de 2023.
Duração: 1h 6min
Realizada através da plataforma Google Meets

Beatriz - (...)[27]
Priscila - Que loucura, né? Ficou um vão exatamente no período que você não estava, mas tranquilo. Eu acho que vamos ver o que consigo contar, porque não preparei um texto, sabe? Eu fiquei pensando… vamos ver o que eu lembro. Vai ser tudo muito natural.
Beatriz - (...)[28]
Priscila - Não sei se eu entendi, porque aconteceu muita coisa na minha vida até chegar no departamento.
Beatriz - (...)[29]
Priscila - Agora ficou melhor que você encurtou. Bom, eu vou começar um pouquinho antes só para fazer um adendo de quando eu conheci a Sumaya. Eu conheci a Sumaya em 2015 quando eu fiz uma disciplina com ela, uma disciplina da pós, do mestrado. Eu fiz o meu mestrado na UNESP. A gente tem que fazer uma disciplina fora normalmente e eu fiz essa disciplina com a Sumaya que era "Cartografias…", alguma coisa nesse sentido. Foi bem bacana. Então, eu fiquei com a Sumaya guardada nesse lugarzinho. Aí, eu fiz o doutorado na linha de processos de arte, fugindo um pouco da arte educação, fui para processos artísticos. Eu fui acompanhando a Sumaya. Então, como eu já a conhecia, fui acompanhando também a aproximação dela dessa relação com a decolonialidade, isso por conta da Clarissa Suzuki. Teve um grande evento que a Clarissa promoveu na ECA e eu fui super acompanhando assim. Então, eu estava de olho. Teve uma vez que a Sumaya me mandou o convite para as coisas do Matizes, alguma coisa assim, foi aquele artista Claudio, aquele curador…
Beatriz - O Claudinei.
Priscila - Isso, e eu era louca para ouvir ele falando, porque ouvia as pessoas falando dele, mas eu também não conhecia o que ele fez, quem ele é. Aí eu falei "Eu vou nesse encontro para conhecer um pouquinho mais dele" e foi aí que eu descobri que o Matizes existia. Mas, até então, o Matizes estava muito vago na minha cabeça, o que era o Matizes e tal, as pessoas que estavam participando, que estavam mediando aquela conversa, para mim não estava muito claro ainda. Eu participei do encontro com o Claudinei e participei do encontro com a Glaucea. Eu assisti o da Glaucea também e foi isso. Aí eu estava seguindo a minha vida comecei a dar oficina em vários lugares, a trabalhar com a questão da decolonialidade sem saber. Eu ainda não tinha dado esse nome, ainda não tinha me aproximado desse nome, mas eu estava trabalhando com a questão da identidade negra, que foi uma questão que surgiu no meu doutorado. Quando terminei o doutorado pensei… olha só, eu tinha me inscrito para o programa de adoção e

[26] O estilo de transcrição escolhido se propôs a corrigir questões gramaticais e fazer outras adequações, sem mudar o sentido da fala da entrevistada.
[27] Devido a um problema técnico na gravação, as minhas primeiras falas não ficaram gravadas. Em viés de contextualização, minha primeira fala se deu na linha de como eu e Priscila nos desencontramos durante a trajetória do Matizes, uma vez que saí do projeto quando ela entrou e voltei a ele com a sua saída.
[28] Nessa segunda fala pedi para Priscila contar um pouco sobre a sua trajetória até o momento em que entrou no pós-doutorado na ECA.
[29] Nessa terceira fala, repeti a pergunta fazendo um recorte sobre essa trajetória englobando o período em que ela saiu de seu doutorado e decidiu fazer o pós-doutorado.

normalmente demora. Normalmente demora 6 meses a um ano até eles encontrarem a criança certa para você. Aí eu pensei: “Eu terminei o doutorado. Agora não tenho nada para fazer. Vou fazer um pós-doutorado enquanto as crianças não chegam!” (risos) Eu adoro estudar, né? Vou fazer o pós-doutorado, uma coisa rápida assim (risos). Aí eu me lembrei da Sumaya e dela estar inclinada para essas questões e mandei um email para ela mostrando o meu trabalho, falando das coisas que eu ia fazendo e mostrando o meu interesse. Naquele momento, quando fui falar com a Sumaya, eu estava como professora substituta aqui na UNESP dando a disciplina de cerâmica. Eu estava achando incrível, porque quando eu cheguei aqui em 2019 os alunos acharam, "Meu deus! Uma professora negra!", sabe? Eu era a única professora negra que tinha aqui e os alunos levavam isso muito a sério. Eles estavam muito felizes. Eles me paravam no corredor, conversavam comigo, queriam conversar, estavam com um anseio e isso me chamou bastante atenção. Aí eu comecei a trazer muitas referências sobre isso para a aula. Eu estava com um material muito bom sobre isso, mas é engraçado porque quando fui falar com a Sumaya, fui falar para ela sobre o pós-doutorado pensando na aula de cerâmica online, que era o que eu tinha feito durante a pandemia. Tive dois anos de cerâmica online aqui na UNESP. Aí a Sumaya falou: “Não, Pri. Ninguém mais quer saber de aula online. Acabou a pandemia, ninguém mais quer saber disso”. Aí ela disse: “Por que você não fala das coisas incríveis que você tem feito com relação à decolonialidade na cerâmica?”. Eu não tinha pensado nisso como um tema naquele momento. Aí comecei a pensar e a Sumaya me indicou um texto do Mignolo sobre a decolonialidade e falei: “É isso! Vou fazer um projeto sobre isso!”. Aí eu também me debrucei para entender o que era o Matizes. Eu voltei atrás naquele congresso que a Clarisse tinha feito, fui me inteirando sobre as coisas que estavam acontecendo no departamento principalmente a partir da Sumaya daquele Acervo de Múltiplas Vozes. Fui olhar para tudo isso. Foi a partir de tudo isso que fiquei pensando também que queria fazer coisas no departamento. A Sumaya estava de braços abertos. Qualquer ideia que você tem, ela: “Nossa Pri! Vai fazer, vai dar certo!”. Ela abraça as ideias. No começo, nem levava muito a sério. Eu falava: “Nossa, não é possível que ela acate todas as minhas ideias”. Eu cheguei para ela ano passado e falei: “Nossa Sumaya, tudo que você falou, aconteceu. Deu certo mesmo. A gente conseguiu fazer tudo”. E foi incrível isso, porque a gente fez um grupo de estudos que era... eu esqueci o nome agora. Meu Deus, eu devia ter me preparado. A gente fez um grupo de estudos que tinha professores do Brasil inteiro. Tinha até gente de fora do Brasil, da América Latina. A gente estudou o texto da Grada Kilomba. Bem legal. Consegui trabalhar com a Sumaya no curso para professores. Entrei no Matizes. Consegui dar o meu curso lá. Acompanhei a disciplina dela. Então, realmente, tudo o que a gente queria propor no departamento foi acontecendo. Mas é engraçado… Apesar de eu ter vivido o departamento intensamente no ano passado… Por isso que eu falei da adoção, porque foi um ano que eu mandei os documentos para o pós-doutorado no final do ano e minhas filhas chegaram em março.

Beatriz - Nossa!

Priscila- Em março, eu nem estava dentro da pós ainda. Eu entrei no começo de abril. Então, as meninas chegaram e eu estava começando o pós-doutorado, sabe? Foi uma loucura. Eu cheguei, sentei com a Sumaya e falei: “Eu acho que vou largar” e a Sumaya falou: “Não, a gente vai junto. Você dá conta. Uma coisa vai se relacionar com a outra, você vai ver como uma coisa alimenta a outra”. Ela estava super certa, mas foi isso. Eu não vivi o departamento 100% porque tinha todo aquele limite de entrar de máscara também. Você tinha que dar o seu nome para poder entrar e eu estava morando em Sorocaba e tinha que ir a São Paulo. Eu ia duas vezes por semana, estava no departamento duas vezes por semana. O resto, eu estava em casa louca criando três filhas. Foi uma loucura. Foi assim que me aproximei do departamento. Muito por conta da Sumaya. Foi assim que eu entrei no Matizes. Primeiro como convidada e depois eu fui ficando. O Leandro precisava sair por conta do doutorado e eu assumi esse lugar, porque precisava de alguém para meio que coordenar as coisas e ajudar o pessoal.

Beatriz - Eu queria começar perguntando, nesse primeiro momento, quando você chegou, não sei se você chegou a participar dessas discussões sobre isso, que era a mudança do formato do projeto. Na forma online estava se dando pelas conversas e estamos pensando em como fazer isso no presencial. Fazia sentido fazer um encontro? Tinha um medo da limitação, porque às vezes a gente conseguia muita gente online e talvez no presencial não tivesse esse mesmo impacto. Não só isso, mas existia essa vontade do grupo em se aprofundar talvez mais. Se dedicar mais a um convidado, porque acabou que no primeiro ano... (Travou a conexão). Enfim, começou a se pensar nesse formato, que foi o formato da sua chegada, de ter esse primeiro momento do convidado com o grupo, depois outras ações. Eu queria saber como foi participar disso como convidada e também organizadora. Eu acho que ficou uma relação muito grande entre você e o grupo. Eu queria que você me contasse desde a questão da exposição da Carolina Maria de Jesus, depois a conversa que aconteceu online e depois terminando na oficina. Como foi esse primeiro momento?
Priscila - Olha, depois você me manda esse vídeo?
Beatriz - Mando sim!
Priscila - Vai ser muito bom para minha escrita lembrar das coisas. Então, foi assim. Quando a gente foi na exposição… eu estava nas primeiras ações. Eu participei acho que de umas duas reuniões de organização e era muito mais uma escuta. O pessoal pedia um texto e eu estava ali disponível. Foi bom para ir observando como a coisa estava indo. Fui observando como o Le trabalhava com o grupo e como também as pessoas se autogeriam. Cada um já ia assumindo uma tarefa, isso era bem bacana. O que eu gostava era de ver uma disposição de cada um que ia assumindo e já ia fazendo. Eu achava isso interessante. Aí a gente combinou de ver a Carolina. Naquele dia foi uma delícia, mas era um grupo completamente estranho para mim. Eu não conhecia ninguém. Assim, claro que as pessoas estavam super acolhedoras, mas era como quando você vai a um museu e tem um grupo que você não conhece ninguém. É isso quando você é mediador em museu. Foi meio assim. Era um grupo que eu não conhecia ninguém. Acho que a gente conseguiu uma conversa muito boa, porque estava todo mundo muito aberto para trazer as suas experiências, para discorrer o que já tinha visto na vida sobre questões de racismo e foi uma conversa linda. A gente se sentou lá embaixo, não no térreo, mas no primeiro andar e a gente conversou bastante. Foi lindo! Eu fiquei muito satisfeita de ver como é lindo ter um grupo de pessoas que estão interessadas nesse tema da identidade negra, que realmente estão querendo fazer uma mudança dentro da universidade. Então, aquele dia ficou muito marcado para mim. Eu lembro que voltei para casa caminhando nas nuvens. Pensando: "Nossa, a revolução é possível!" (risos). Aquele dia foi muito bom. Depois teve a conversa. No dia da conversa pública, o grupo já sabia tudo, na verdade. A gente já tinha tido um monte de conversa. Eu já tinha contado a minha história um monte de vezes, eles já tinham lido a tese, já tinham lido tudo. Não sei se você estava lá, mas todo mundo já tinha lido tudo. O que eu achei legal é que o pessoal realmente tinha se preparado para a conversa. Eles tinham perguntas que eram muito contundentes. Não eram perguntas superficiais, sabe? Eram perguntas de quem leu, de quem estudou, de quem preparou e eu achei que isso foi bem legal. Eu realmente me senti muito bem. Muito valorizada. Mesmo nessa entrevista, isso deixa a gente à vontade para contar as nossas coisas, eu me senti super à vontade. Bom, ai depois disso teve a oficina... que eu estou tentando lembrar (risos)
Beatriz - Tudo bem, eu estava lá (risos). Foi uma oficina de um dia, uma tarde, em que você fez uma proposta da gente rememorar um pouco as nossas próprias histórias, eu lembro que cheguei a fazer um pilão até por conta da minha avó que é mineira e veio da roça e eu acabei indo por esse universo na hora de modelar. Eu nunca tinha usado argila, eu lembro que isso foi uma experiência muito legal para vários estudantes nesse sentido e depois a gente chegou a ter uma conversa em roda lá fora.

Priscila - Lembrei! Foi lindo aquilo. A gente ficou em pé lá fora, verdade. Um negócio de fechar o olho e sentir.
Beatriz - Sim!
Priscila - Sabe o que eu me lembrei? Sabe o que aconteceu? Normalmente eu dava oficinas em que eu contava a minha história. Normalmente eu conto a minha história e depois eu incito as pessoas a pensarem na sua própria história. Só que o que tinha acontecido: as pessoas já estavam cansadas da minha história. Eu pensei: "O pessoal do Matizes já ouviu muito a minha história". Então, foi legal, porque isso me provocou a pensar numa oficina diferente. Então, eu pensei naquela coisa que a gente fez lá fora. Foi baseada numa experiência que tive lá em Roraima. As mulheres Macuxi quando vão tirar o barro da natureza, elas param e meio que rezam para pedir licença para agradecer. Depois que se tira o barro, na hora que está voltando para a casa, que tem uma caminhada e tal, também tem esse parar e ficar quietinho e fechar o olho como se fosse receber as peças que você vai fazer. Eu lembrei disso. Foi um pouco isso que a gente fez lá fora. Foi sentir um pouco a natureza, deixar chegar as coisas que a gente podia fazer. Foi legal por isso, porque foi uma experiência diferente em que tive que sair do meu lugar de conforto e pensar numa oficina diferente. É isso, uma coisa que eu tinha conversado com o Le foi provocativo de pensar em mim em três tempos. Me pensar como mediadora de uma visita ao museu, porque isso foi tema do meu mestrado, foi com o que eu trabalhei muito tempo. Eu como entrevistada, palestrando, que é uma aula. Você acaba dando uma aula ali. E o terceiro é a oficina, que me tirou um pouco do lugar de conforto. Então, foi bem interessante. Foi profunda aquela relação com o Matizes naquele momento. Você fica pensando sobre aquilo. Você tem que se preparar, teve um deslocamento. Tive que ir a São Paulo. Fora a entrevista que foi online, o resto tive que ir a São Paulo. Então, teve uma dedicação. Eu estava nesse processo de doação para o Matizes. Estava tentando entender o que era. Não que eu tivesse muito claro para mim. Nos textos que a Sumaya escreve sobre o Matizes, as pessoas sempre falavam nas reuniões de que tinha acontecido uma coisa muito grave no departamento, mas ninguém falava o que era. Eu fiquei sem saber o que era e tudo bem, é uma coisa que ficou no passado. E também tinha isso de ser uma iniciativa dos alunos. Tinha essa outra questão. Mas de resto, eu estava tentando entender o que era esse grupo. Eu ficava observando muito a relação do Le com o grupo. O Leandro apresentava muito essa preocupação do grupo não ser só produção. Então, logo depois, quando eu fiquei incumbida dessa tarefa de organizar as próximas ações do Matizes, fiquei com o foco nisso de que o grupo não ficasse só na produção, mas que a gente fosse também um lugar de estudo.
Beatriz - Eu queria até ir nessa pergunta, porque acho que foi um pouco do caminho depois desse momento do primeiro ciclo. Vendo documentos e registros, depois optou-se por não repetir esse ciclo. Não selecionar um novo convidade que ficaria todo esse tempo, até pela preocupação dessa questão da dedicação. Você estava numa situação inserida num pós-doutorado com a Sumaya. Talvez um convidado externo não tivesse essa disponibilidade para estar ali todo esse tempo. Tem um pouco uma falta de registro disso e começa o projeto do Matizes: Retomadas, que, pelo que entendi, é um pouco olhar para o material que o grupo já tinha produzido. Depois do que existem desses materiais que o grupo produziu com o retomadas, existia um plano inicial também de fazer algo com essas retomadas. Aí, novamente, dá uma perdida nos registros.
Priscila - Está certo (risos)
Beatriz - Depois chegam os bolsistas PUB, que são o Thiago, o Iago e o Gabriel, que vão levar depois ao *Encruzilinhas*. Enfim, queria saber se você se recorda um pouco sobre esse período dessa mudança de formato, que é uma coisa que me interessa. Entender como mudou esse formato.
Priscila - Teve o Matizes: Retomadas, o Matizes: Encruzilinhas e teve um terceiro que foi o encontro com o Chibueze.

Beatriz - É, eu ia perguntar depois.
Priscila - O que aconteceu foi que a gente entendeu que outras pessoas não estariam disponíveis quando a gente convidou outras pessoas e as pessoas não estavam disponíveis. Se eu não me engano, convidaram a Rosana Paulino e convidaram a Sonia Guajajara, que negaram por conta da disponibilidade. Então, a negativa que veio também foi um ponto de partida para pensar em fazer outra coisa. Acho que foi a partir dessa negativa que a gente começou a pensar que esse formato não desse certo. A Sumaya apresentou isso e um incômodo que eu apresentava, acho que eu também tinha pontuado bastante dessa coisa do grupo estar só produzindo e não estar pensando e estudando sobre aquilo que se produzia. A gente fez um encontro que foi um encontro bonito pessoalmente. Acho que foi nosso primeiro encontro presencial com algumas orientandas da Sumaya, a Karina Bastos e a Priscila Akimi. Você estava nesse dia?
Beatriz - Olha, não tenho certeza.
Priscila - Mas tinha bastante gente nesse dia, tinha bastante gente das antigas.
Beatriz - Eu acho que estava nesse dia, eu lembro que teve uma reunião nesse meio tempo, eu lembro que a Sumaya chegou e falou "Be, o que você acha?" e eu não sabia o que responder porque tinha ficado longe um tempão. Respondi: "Não sei o que eu acho, vamos ouvir primeiro o grupo".
Priscila - Eu acho que foi nesse dia. Aquela foi a nossa primeira reunião presencial que deu para conhecer o grupo mesmo. Os novos e os antigos. Mas eu acho que foi engraçado. Ali já deu para sentir um pouco… a gente deixou algumas pontas abertas naquela reunião. As pessoas ficaram com tarefas para depois só que, quando a gente conversava com as pessoas depois, as pessoas estavam indo para outros lugares. “Agora o Matizes não está mais na minha vida. Agora não tenho tempo para estar nessa dedicação”. Então, muita gente saiu naquele momento, depois daquela reunião. Então, isso também foi um lugar importante da gente ter separado duplas ou trios para fazer as retomadas e isso ficou super solto. Por mais que a gente se encontrasse e reencontrasse, a gente sentia que vinham muitas ideias, mas a gente não concretizava. Acho que foi isso. Chegou uma hora que o pessoal começou a ficar cansado de tentar propor, tentar retomar e sentir que estava o povo esgarçando. Eles sumiram. Eu anotei muita coisa sobre essa época. Tenho um caderno de anotações, porque ficava muitas vezes pensando sobre isso. Depois eu posso tentar compartilhar algumas coisas com você.
Beatriz - Seria ótimo!
Priscila - Eu tenho um caderno só disso. Eu estava esperando o momento certo, porque eu não sabia exatamente. Claro, a vida segue o seu rumo. As pessoas vão trabalhar, é normal que elas sigam um novo caminho. Mas a gente também não sabia quem estava chegando, quem estava vindo, quem que vai continuar? A gente pensava nessas retomadas a ideia das retomadas era a gente reapresentar os artistas e chamar mais gente. A gente pensou em fazer encontros fora da USP, no centro da cidade. A gente pensou em fazer encontros no gramado. Eu sei que, por fim, esses encontros…a gente imaginou… na minha cabeça aconteceu muita coisa. As pessoas falavam do que se queria fazer. Roda de conversa, seminários que nunca aconteceram, porque a gente não tinha força. Eu sinto que o grupo foi perdendo muita força ali. Muita gente foi saindo e essa coisa de retomadas foi gerando um esgarçamento na minha opinião. A Clara entra num momento assim. A Clara é uma pessoa de presença, não sei se você conhece ela.
Beatriz - Sim, a Clara Moreno.
Priscila - Ela é uma pessoa de presença. Ela falava, animava o pessoal, mas também não sabia se queria ficar ou se não queria. Muitas vezes ela saía no meio. Ela estava participando do debate e no meio ela saía. Então, o que aconteceu é que muitas reuniões acabaram ficando eu, o Iago, o Thiago. Isso aconteceu muitas vezes. Isso foi uma coisa que me incomodava bastante, só os bolsistas estarem comprometidos a ir. E o Ussami, o Gabriel Ussami, é da natureza dele ser uma pessoa comprometida, mesmo ele não queria. Tinha dias que ele vinha, tinha dias que ele não vinha. Mas quando ele se comprometia a fazer alguma coisa ele fazia. Mas não tinha

uma vontade assim. Eu acho que um dia ou outro eu cheguei a comentar isso com a Sumaya, mas sempre cheia de dedos, porque, você chega no projeto e o projeto acaba (risos). E é muito diferente, porque uma coisa é você ter uma turma de alunos. Fazendo um comparativo, né? Eu sei que eu sou a professora. Eu sou a responsável por esse grupo. Eu sei aonde a gente começa e aonde a gente tem que chegar, os recursos que a gente precisa. Eu posso reelaborar as metodologias ao longo do caminho, mas a turma vem para mim no dia da aula querendo que eu fale alguma coisa. Você conduz o processo. Mesmo que a turma seja autônoma, eles querem alguém que esteja conduzindo o processo. Isso era uma coisa que eu não me sentia à vontade no Matizes. Não sabia se era eu que estava conduzindo o processo, porque quando eu acompanhei o Matizes lá no começo durante eu ser a entrevistada, eu sentia que os alunos puxavam para si o que estavam fazendo e organizavam. Então, eu ficava com muito medo de ser "ditadora". Eu não quero dizer o que vai fazer, o que não vai fazer. Então, eu tentava mediar, criar situações. “E aí o que vocês acham? O que nós vamos fazer?” Eu ia tentando mediar esses processos, mas eu nunca sentia uma firmeza de “Vamos fazer isso! Nossa, eu vou fazer isso, pegar essa tarefa”. Eu não sentia isso com o grupo e eu comecei a sentir talvez isso. Também tinha uma coisa da presença da Sumaya, porque ela aparecia de vez em quando nas reuniões e aí eu não era mesmo o líder, entendeu? Tinha a presença dela como líder oficial. Tinha o grupo que, de certa forma, deveria ter uma autonomia e tinha eu que estava ali, tentando mediar esse processo. Então, de alguma forma, se eu posso assumir a minha parcela de culpa é porque, talvez, eu não sabia o que fazer no meio desse processo.

Beatriz - Mas eu acho que nem é sobre culpados...

Priscila - Não, mas já que você perguntou, já que me lembrou desse momento, eu fiquei com aquele incômodo.

Beatriz - Eu fico pensando muito, porque já fui militante. Já estive organizada. É muito interessante, porque, muitas vezes, quando penso até na própria história do Matizes, penso um pouco nisso. Eu acho que são as dificuldades no mundo atual que temos de ter organizações coletivas duráveis. Eu fico pensando em vários sentidos. Como uma banda começa, faz uma grande ação e acaba. Como um grupo de teatro se junta, faz uma peça e acaba. Acho também que esse é um dos motivos e, eu espero trazer isso no meu TCC essa reflexão em relação a isso. Enfim, é legal saber e entender esse tempo. Quando era o ápice do interesse, quando aquilo pulsava, quando deu uma apaziguada nisso e um retorno, depois eu conto mais sobre.

Priscila - Acho que pode renascer. Isso que você fala é muito importante de saber quando é o começo e quando é o fim. Eu acho que as pessoas têm, não sei todo mundo, mas as pessoas têm uma tendência a segurar até o fim. Se eu sei onde é o fim “Vamos lá!”. Mesmo que eu esteja cansado no caminho, eu sei onde é o fim. O fato do Matizes não ter um fim pode ter sido uma questão, porque a graduação de muitas pessoas estava acabando e talvez para elas esse fosse o fim desse processo, mas não era o fim do Matizes. Então, por exemplo, você me fez lembrar que o meu projeto do mestrado foi em cima de um projeto que tinha rolado antes. Como você agora que está fazendo o seu trabalho de TCC de algo que aconteceu antes. Tinha rolado antes o “40 museus em 40 semanas” que era o projeto que fiz. Assim, ele começou junto com uma amiga: “Nossa, vamos fazer quantos? 40? Tá bom”. Aí ela foi só nos três primeiros, sabe? (risos). Eu fiquei com 37 para fazer. Só que o projeto chamava 40. Não dava para largar no meio. Aí eu fiz 13. Só que você tá divulgando na mídia toda semana. Tem gente acompanhando. Você não pode largar no 13 ou no 14. Você tem que chegar nos 40 (risos). Então, esse negócio assim, do finito, tinha um fim ali. Eu segurei até o fim. Claro que coisas aconteceram no meio do meu caminho. Meu marido quebrou a perna, tinha dias que eu não queria ir, mas a responsabilidade com o projeto… e eu acho isso interessante. Era um projeto que não tinha valor financeiro nenhum envolvido. Não tinha nenhuma relação com a academia, nem com a instituição. Mas tem um compromisso com você. Você chegar ao fim do que foi proposto. Me parecia que o pessoal do Matizes tinha esse compromisso de saber como acontecer, mas tinha

um limite. Um fim, que talvez não se soubesse. Eu estou participando de um grupo agora que se chama Egungun. Ele quase morreu no final do ano passado porque era muita gente que estava no mestrado. As pessoas defenderam e quando chegou no final do ano, elas falaram: "Gente, vamos acabar com esse grupo?". Só que, poxa, não! O grupo é maravilhoso! O que a gente faz aqui é incrível e a gente tem que trazer mais gente. É um pouco do que aconteceu no Matizes. A gente tem que trazer mais gente. Eu acho que a gente precisava trazer mais gente interessada para segurar isso, para acreditar nisso, e talvez isso não tenha acontecido. Essa é a minha opinião. Trazer gente que realmente amava o tema para dar continuidade. Eu não saberia como fazer isso, mas hoje olhando assim, acho que é isso (risos). O Retomadas foi isso. Ele foi esse processo da gente olhar para o que foi feito. Mas sabe o que acontecia? Quem estava olhando era o pessoal que não tinha participado antes. Era o Iago, era o Thiago. O Ussami tinha participado então ele contribuía, mas eu acho que a ideia do Retomadas era que as próprias pessoas que participaram fizessem essa retomada e isso não aconteceu. Ai a Sumaya, percebeu… acho que foi aí que tive uma conversa com a Sumaya que eu estava sentido esse esgarçamento. Aí a Sumaya apareceu lá um dia e ela falou: "Vamos fazer uma ação. O grupo funciona quando tem uma ação. Cada um assume um compromisso e a gente faz alguma coisa". A gente manteve esse bom senso. Então, vamos fazer alguma coisa. Aí a gente inventou o *Encruzilinhas*. Foi isso. Daí que saiu do Retomadas para o *Encruzilinhas*. A gente chegou a ler uns textos. Foi uma coisa que me propus a fazer com o grupo, que eu sentia que o Le achava que isso faltava, que era o grupo também ser um grupo de estudos. A gente chegou a ler um texto do Achille Mbembe. A gente estava preparando o *Encruzilinhas*… até me lembro que a gente não chegou a terminar essas discussões porque começou a produção e, quando começa a produção, não dá para fazer as duas coisas. Teve o *Encruzilinhas* e nesse encontro que não foi quase ninguém…

Beatriz - Eu estava (risos).

Priscila - Mas não foi muita gente de fora do Matizes, né? Mas eu também não me importo que fosse um grupo para si mesmo. Um grupo para gente fazer algo juntos. Foi quando a gente conheceu o Chibueze, que também estava lá como participante. Ali mesmo a Sumaya já convidou ele para participar do encontro. Foi assim. A gente já saiu do *Encruzilinhas* para preparar o encontro do Chibueze

Beatriz - Uma coisa que eu queria saber sobre o encontro do Chibueze. Ele foi um convidado, tal qual você e tal qual as pessoas de 2021, só que ele foi um convidado presencial e não tem nenhum registro do que aconteceu nesse encontro. Eu não sei se na época não se fez registros fotográficos, mas é isso, só tem o flyerzinho.

Priscila - Jura? (risos)

Beatriz - Sim, eu fiquei em choque. Percebi isso nas pesquisas que fiz para conversar com você, mas ainda pretendo consultar a Sumaya para ter certeza de que esse material não está perdido em algum lugar, porque pode ser que ele só não esteja no drive ou no site.

Priscila - Tem material sim. Eu tenho foto desse dia. Foi um evento em que eu levei minha filha que tem 16 anos, então, tem foto dela. Está em algum lugar! Eu vou mexer nas minhas coisas e ver. Nesse dia tinha bastante gente, a sala estava cheia.

Beatriz - Não sabia de nada disso! Tudo que você puder me contar, até mesmo do próprio Chibueze e da pesquisa dele, para dar uma contextualização do que foi esse encontro e esse evento.

Priscila - Acho que o Chibueze era orientando do Martin.

Beatriz - Ele não era do departamento, se não me engano.

Priscila - Ele era do departamento. Todo mundo ficou chocado, mas ele era do departamento. Acho que ele era orientando do Martin. Foi uma coisa difícil preparar o encontro com o Chibueze, porque ele não tem texto escrito, o que foi bem complicado. Nem texto escrito, nem nada documental. Eu acho que ele chegou a mandar umas fotos e ele chegou a mandar… não.

Ele comentou sobre textos que eram importantes para ele nas leituras que ele tinha feito, mas acho que ele nem mandou o texto, porque eu sei que o Thiago se acabou para tentar achar alguma coisa. O Thiago ia mediar o encontro. Então, teve uma noite que o Thiago me chamou e a gente ficou lá na internet pesquisando, tentando achar alguma coisa. Então, foi um encontro difícil do pessoal se preparar, porque não tinha muito material. O Chibueze chegou a participar de uma ou duas reuniões com a gente, porque ele ia fazer parte do Matizes. Ele se animou de fazer parte do Matizes. Ele entrou no grupo e a gente fez umas conversas super bonitas… agora que eu estou lembrando. Teve encontros online em que a gente fez debate, foi super bonito. Tinha a Luiza nesse momento. A Luiza, o Ussami e o Chibueze. Nós tivemos umas conversas super bonitas sobre um livro que a gente estava lendo, que eu acho que foi o Pedagogia das Encruzilhadas. Foi isso. Durante a preparação do Chibueze a gente estava lendo a Pedagogia das Encruzilhadas. Acho que ficou faltando o último capítulo. A gente não terminou, porque foi quando eu me mudei para cá (risos). Eu deixei essa porta aberta para o grupo. A gente ficou de fazer um fechamento e não fizemos. O Chibueze participou desses encontros, discutindo a Pedagogia das Encruzilhadas. Foi legal porque deu para a gente conhecer ele um pouco mais também nesses encontros. Foi daí que o Thiago tirou um pouco de material. Tentando lembrar das falas dele e tudo, a gente tinha pedido para o Chibueze preparar uma oficina. Era uma ideia, que ele falasse e que ele preparasse uma oficina. Ele não preparou a oficina. Então, não teve isso, nem dele mandar o material nem dele preparar a oficina. Mas tudo bem, porque ele pensou numa oficina que eu achei legal e que era muito mais teórica, uma conversa. Ele fez uma proposta de conversa que foi superpotente lá na hora no dia da conversa com o Chibueze. O Thiago era o mediador da conversa, então ele ficou lá na frente, responsável por fazer as perguntas. O Chibueze fez uma apresentação super bonita do trabalho dele e ele foi mostrar as raízes da onde ele se inspirava. Foi um pouco disso que eu lembro. Ele mostrava as inspirações de quando ele tinha despertado para a identidade negra e ele perguntou isso para o grupo. Essa foi a oficina. A conversa que ele propôs foi quando o grupo tinha começado, de quando despertou na vida de cada um sobre essa questão da identidade negra. Foi muito forte isso, porque as pessoas queriam falar e queriam contar. Ele realmente cutucou as pessoas e eu achei que quando as pessoas falaram a conversa foi rendendo. Foi super gostoso, foi um encontro bem produtivo.

Beatriz - Uma pena que não pude participar.

Priscila - Pois é, mas acho que o Chibueze talvez seja uma pessoa muito ocupada. Então, era difícil conectar com ele, contatá-lo para preparar o evento. Eu entendo que as pessoas trabalham além de tudo fazem mestrado, então é mais difícil mesmo. Eu acho que ele trabalha com design, alguma coisa assim. Então, é difícil, né? Acho que foi isso. Foi um encontro bonito com o Chibueze e esse foi o último encontro. Depois disso ele sumiu. Desapareceu. Não respondia mais mensagens no WhatsApp (risos). Ele sumiu. Foi isso, a gente ficou terminando de fazer a leitura da Pedagogia das Encruzilhadas, os próximos capítulos disso, e a gente tinha planejado... Ah, a gente fez um encontro que era uma coisa que eu estava sentindo um pouco de falta, foi bem no final, que era cada um apresentar um pouco da sua poética no grupo. Era cada um dizer por que estava ali e por que que o Matizes fazia sentido para si. Eu, até aquele momento, não tinha entendido exatamente por que aquelas pessoas estavam ali fora com a questão da bolsa. Então, eu pedi para eles trazerem coisas, a poética deles, trabalhos, coisas que eles tinham produzido, mesmo que fosse uma pesquisa que tivesse alguma relação com a proposta do Matizes. Eu achei que esse dia foi super bonito também. Cada um trouxe os seus trabalhos, não sei, acho que a Pri Akimi estava nesse dia, a Luiza, o Ussami. Foi aí que eu conheci a pesquisa do Ussami, sabe? Eu consegui conhecer o trabalho do Thiago, um trabalho incrível. Eu acho que essa foi uma das nossas últimas reuniões, que todo mundo trouxe e mostrou os trabalhos. A gente discutiu os trabalhos de todo mundo, olhando essa questão de identidade sabe e aí depois disso a gente fez mais um encontro, que foi o último encontro do ano, que a gente levou

comidinhas, mas acho que era isso. Estávamos o Iago, o Thiago, Ussami, a Luiza e eu. A gente leu mais um trecho do livro e a gente combinou um amigo secreto que ia acontecer no começo desse ano, onde cada um ia produzir uma obra para outro colega.
Beatriz - Eu vi, isso daí está num registro de ata. Achei superlegal, mas eu imaginei que não havia continuado.
Priscila - Eu imagino que as pessoas devem ter produzido. Eu tenho a obra que fiz para a pessoa, mas é isso está guardado e as minhas coisas estão encaixotadas. Eu ainda tenho muita coisa encaixotada. Mas é isso, acabou ficando. E quando eu vou a São Paulo agora eu estou sempre correndo a trabalho e não consigo marcar um encontro. Nem sei se o pessoal do Matizes tem feito coisas.
Beatriz - Sim, o Matizes deu uma renascida, eu já te conto. Só queria fazer uma última pergunta sobre esse momento final. O seu afastamento, quando se deu? Foi quando você conseguiu o seu trabalho? Não sei se foi por conta disso. Eu só queria saber datas para eu ter uma noção.
Priscila - A gente finalizou se não me engano… tem um barulho aqui, não sei se você está ouvindo.
Beatriz - Estou, mas tudo bem.
Priscila - Estão cortando a grama lá embaixo (risos). A gente fez um último encontro, se não me engano, eu tenho isso registrado, na primeira ou na segunda semana de dezembro. Foi esse último encontro.
Beatriz - Mas você não sabia que você ia sair, né?
Priscila - Não, não sabia. Por isso que a gente deixou a última parte do livro para leitura nas férias e a produção da obra para entregar no começo de fevereiro, que era depois das férias. Ainda falei para eles, o Matizes não vai começar junto com as aulas, o Matizes vai começar antes porque vocês são bolsistas e tal o Matizes vai começar na primeira semana de fevereiro. Então a gente tinha deixado marcado para a primeira semana de fevereiro. Só que eu me mudei em janeiro. Saiu o resultado do concurso e eu queria que as minhas filhas começassem o ano letivo aqui, para não ter que fazer aquela transferência no meio de fevereiro e março. É chato para caramba. Eu só comecei a trabalhar de verdade aqui na UNESP em março, mas eu me mudei para cá em janeiro e aí eu não consegui voltar para fazer o encontro do Matizes. Foi isso.
Beatriz - Eu queria saber também a sua trajetória e seus caminhos até agora. Você continua no pós-doutorado? Como está na UNESP?
Priscila - Eu estou no pós-doutorado (risos). Isso também na verdade é uma coisa que eu fui deixando os alunos bem atentos. A minha pós foi ficar um ano no Matizes. Eu ia sair de qualquer jeito. A ideia era que em fevereiro a gente ia fazer esse último encontro para finalizar o livro e entregar os presentes e eu ia sair depois disso, independente de passar no concurso ou não porque a minha proposta era ficar no Matizes, era fazer todas as minhas atividades práticas dentro do Departamento no primeiro ano e no segundo ano escrever. Então nesse segundo ano agora do pós-doutorado é um ano de leitura e escrita. Foi prática primeiro, agora é leitura e escrita, sentar e escrever o relatório final. Então isso já era uma coisa que eu tinha deixado clara para todo mundo. Então eu só deixei esse último encontro mesmo em aberto, mas enfim é isso, eu estou escrevendo (risos) eu estou tentando. Tenho algumas linhas escritas, mas foi isso. Aí eu me mudei para cá e tenho um monte de trabalho. Ainda fui para São Paulo duas vezes para participar da formação da Sumaya para professores.
Beatriz - Que eu estava de monitora, mas tive de sair, pois a Sumaya falou: "Você está muito sobrecarregada, não tem condições! Dê um tempo!" e eu: "Ah, tá bom".
Priscila - Você sempre está fugindo dos meus caminhos.
Beatriz - O que importa é que a gente está aqui agora (risos).
Priscila - Então, foi isso. Eu tive que ir para São Paulo essas duas vezes, que é difícil sabe, tive que levar a minha filha junto, a menor, tem todo um processo. Nesse meio do caminho, no ano passado, eu entrei no Egungun, que é um grupo de estudos da UNESP no Instituto de Artes lá

em São Paulo da pós-graduação. Esse grupo também tem me feito super bem, sobre questões decoloniais, sobre racismo e antirracismo, essas questões de identidade negra e a escola, então isso foi bem legal também, ter um grupo de apoio com gente que estava muito afim de estudar essas questões mesmo e se apoiar pessoas do Brasil inteiro que discutem a questão decolonial. Eu aprendi muito. A gente fazia encontros toda a semana, mas agora é uma vez a cada 15 dias para discutir textos. Todo mundo lendo e discutindo. Então é um envolvimento supergrande. Foi esse o grupo que quase morreu no fim do ano, porque tinham muitas pessoas do mestrado que se formaram. Mas tinham algumas pessoas do doutorado, tinha eu que estava no pós-doutorado e tinham outras pessoas. Agora esse ano eu estou com um monte de orientandos aqui na UNESP, então eu levei um monte dos meus orientandos para lá e tem sido ótimo. Eles estão empolgadíssimos em fazer as leituras e participar. O Iago está lá com a gente!

Beatriz - Que legal!

Priscila - Eu falei: "Deixa eu convidar o pessoal do Matizes". Também porque se tem realmente o interesse genuíno em discutir essas questões, lá é um lugar em que isso está funcionando, da gente querer estar lá só para discutir essas questões. Falar das experiências, falar das nossas pesquisas acadêmicas. Tem sido bem bacana, bem legal, e é isso que eu estou fazendo nessa questão dentro desse eixo. Estou organizando um Congresso[30] que vai acontecer aqui na primeira semana de outubro, que é sobre cerâmica, corporeidade, arte educação e decolonialidade. Então, estou chamando algumas pessoas para vir conversar. Por exemplo, a mesa de abertura vai ser a Clarissa Suzuki, que é uma pessoa maravilhosa. Enfim, outras tantas pessoas incríveis que estão aceitando vir. Você está super convidada a vir para a UNESP de Bauru, traz todo mundo do Matizes para cá.

Beatriz - Fazer a caravana do Matizes para Bauru (risos).

Priscila - Eu acho que vai acontecer umas conversas muito boas. É bom a gente estar junto de quem está querendo mudar e querendo pensar junto sobre essas coisas. Enfim, é isso que eu estou fazendo. Eu inventei uma disciplina também.

Beatriz - De cerâmica?

Priscila - Não, eu já sou professora de cerâmica. Então, já tinha cerâmica. Mas, eu peguei a UNESP aqui num momento muito bom que eles estavam propondo um novo currículo. Eles estavam mandando para a reitoria a aprovação de um novo currículo. Isso foi em janeiro ou fevereiro. Eu não estava contratada, mas já estava super dentro. Ai, eles perguntaram se eu gostaria de colocar alguma disciplina, alguma coisa. Aí eu coloquei a disciplina de Decolonialidade I e II.

Beatriz - Nossa que incrível.

Priscila - Pois é! Isso é uma realização, uma felicidade. Então, a partir do próximo semestre já começa a ter a disciplina de Decolonialidade no curso de Artes Visuais.

Beatriz - Nossa, eu acho que vai ser uma experiência riquíssima e se bobear uma das primeiras em cursos de Artes, pelo menos nas universidades paulistas.

Priscila - Pois é! Eu dei uma pesquisada em grupos de estudo, grupos de pesquisa nas outras universidades sobre decolonialidade, mas uma disciplina na graduação, decolonialidade na arte, ainda é raro infelizmente.

Beatriz - É, a gente sofre um pouco no departamento nesse sentido. Queria te dar um contexto sobre o Matizes atualmente. Inclusive eu pedi para nossa entrevista ser um pouquinho mais tarde porque a gente estava tendo uma oficina hoje. Basicamente, em fevereiro eu voltei ao grupo com o Thiago, o Iago e o Ussami. Não sei se você chegou a conhecer a Camila.

Priscila - Sim.

Beatriz - Ela mora, esqueci aonde.

---

[30] I Simpósio Amò - FAAC UNESP, realizado nos dias 5 e 6 de outubro.

Priscila - Ela mora em uma cidade do interior. Ela estava também tentando estar perto, mas estava longe, ela já conheço.
Beatriz - Isso. Vou falar a minha opinião, mas o que eu acho que tem movido mais o Matizes atualmente é que estamos todos nós nos formando na Licenciatura. Thiago, Iago, Ussami, Camila e eu. Todos nós estamos no TCC, não todos orientados pela Sumaya, mas em TCC da Licenciatura. Eu acho que isso tem influenciado e também o meu projeto que querendo ou não, que é sobre a história do Matizes, acho que isso movimentou tanto o pessoal das antigas como Ussami e Camila, quanto o pessoal novo. A Luiza não continua no grupo, porque, se não me engano ela se formou. Ela não está mais no grupo e não sei por onde ela anda. Bom, o plano um pouco para esse ano é conseguir fazer atividades que fossem ministradas por nós. Que dialogasse com a nossa pesquisa, porque eu acho que as pesquisas de todo mundo do TCC vão em relação a temas que tangenciam o Matizes e tentar trazer um pouco da nossa pesquisa articulada a algo. Então a gente teve semana passada e hoje esse encontro mediado pelo Thiago sobre bordado e relacionando com a obra do Bispo. Também sobre bordar o nossos nomes, para contar a história por trás de nossos nomes e trazer essa discussão. E é isso, temos mais encontros planejados, vamos ver o que virá a seguir até o fim do ano. Mas é isso. Contando também uma preocupação que as vezes eu vejo, porque novamente, esse gás voltou por conta das pesquisas, mas como a gente dá continuidade a isso né, porque aí de fato, a galera das antigas muitos se formaram naquela época, acho que você sentiu esse afastamento, ou estavam se formando e eu fico pensando sobre agora, que também estamos nos formando, o que resta? Meu TCC é também um pouco uma vontade de deixar essa marca registrada, morrendo ou não morrendo, espero que não morra, de que isso aconteceu, isso existiu e isso impactou pessoas.
Priscila - E que foi importante, foi revolucionário. Eu acho que pode inspirar os novos que estão chegando. Eu tenho muito essa esperança, porque com certeza as pessoas vão chegar e elas querem ver isso na universidade. É que às vezes elas não sabem ainda como se engajar e de repente veem o trabalho de vocês, que também pode ser inspirador.
Beatriz - É, eu acho que o que funcionou muito foi que a gente passou em salas do primeiro ano e o pessoal do primeiro ano ainda tem aulas todos juntos. Isso instigou um pessoal que não sabia. Acho que também tem essa questão do projeto precisar ter um jeito de se auto renovar no sentido desse pessoal que é novo saber que está existindo e querer participar e dar continuidade.
Priscila - Acho que é esse o fluxo da vida.
Beatriz - Sim, total.
Priscila - Tomara que dê certo.
Beatriz - Estou esperançosa. Bom Pri, obrigada demais.
Priscila - Imagina! Eu respondi as perguntas?
Beatriz - Sim, respondeu.
Priscila - Espero que não tenha falado demais.
Beatriz - Que isso! Está tudo ótimo. Obrigada mais uma vez. Já que você comentou, queria pedir mais uma vez se você tiver as fotos do encontro do Chibueze ou até mesmo as anotações do seu caderno, enfim, o que você achar legal ou interessante, se você achar algo legal de pontuar. Eu estou nesse momento de escolher fontes e de fazer um inventário de tudo. A minha vontade… que eu não sei se vai dar tempo, porque abriu o concurso de professor do estado e agora estou correndo para pegar o meu diploma o mais rápido possível para caso eu passe. Não queria deixar a banca para fazer em março do ano que vem, sabe essas coisas?
Priscila - Sim, fazer logo.
Beatriz - Primeira semana de dezembro, já quero estar com o meu diploma na mão (risos). Enfim, estou aberta a novos documentos até lá. Eu queria fazer um livro, mas não sei se vou ter tempo hábil para isso. Minha ideia era fazer um livro mesmo, um livro do Matizes.
Priscila - Que lindo! Tomara que dê certo.

Beatriz - É isso. Nos mantenha atualizados do seu congresso e das outras atividades. Eu acho sempre bom ter essa união das universidades que às vezes ficam muito isoladas nelas mesmas. Bom saber que temos redes.
Priscila - Eu também acho. Vai agilizando o seu ônibus (risos). Você pode fazer o favor de me mandar uma mensagem recordando disso? Assim, eu olho meu computador e minhas coisas para ver se tenho essas fotos ou outros documentos.
Beatriz - Beleza. Eu mando sim! Obrigada Pri.
Priscila - Tchau, bom dia.

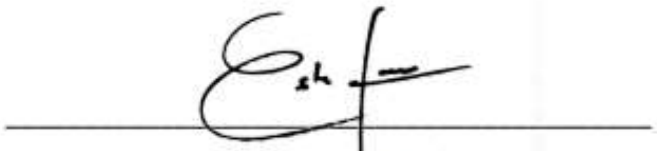
ANEXOS
ANEXO A

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE DEPOIMENTO

Eu, Estefano Fideles da Rocha portador(a) do CPF: xxx.xxx.xxx-xx, e do RG: xx.xxx.xxx-x, pelo presente termo, autorizo a utilização de trechos do depoimento cedido a estudante de Artes Visuais da ECA/USP Beatriz Camargo Martins no dia 10/05/2023, como parte do Projeto de Graduação em Artes Visuais – Licenciatura, orientado pela professora pela Profa. Dra. Sumaya Mattar, docente do Departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, para a produção de uma pesquisa sobre a história do Projeto Matizes, no qual a transcrição destes trechos entrará como fonte primária de pesquisa.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso de trechos selecionados do depoimento exclusivamente para esta finalidade, sendo vedados quaisquer outros usos que não sejam para a pesquisa citada nesta autorização, estando ciente de que a presente autorização é concedida a título gratuito e que a utilização deste conteúdo só está autorizada a ser veiculada no âmbito restrito da presente pesquisa e, para este fim exclusivo, a utilização deste conteúdo não tem limite de veiculação.

São Paulo, 28 de novembro de 2023.



Nome e assinatura do(a) entrevistado(a)

ANEXO B

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ

Eu Priscila Leonel, portador(a) do CPF 35457128857, e do RG 41393415-9, pelo presente termo, autorizo a utilização do registro audiovisual da entrevista realizada no dia 1/06/23, pelo estudante de Artes Visuais da ECA/USP Beatriz Camargo Martins, desenvolvida como parte do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Licenciatura em Artes Visuais (TCC), orientado pela professora pela Profa. Dra. Sumaya Mattar, docente do Departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, para a produção de uma pesquisa sobre a história do Projeto Matizes, no qual a transcrição desta entrevista entrará como fonte primária de pesquisa.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso da minha imagem e voz e dos dados coletados durante a referida entrevista, estando ciente de que a presente autorização é concedida a título gratuito e que a utilização deste conteúdo não tem limite de tempo de veiculação.

São Paulo, 27 de outubro de 2023.

Nome e assinatura do(a) entrevistado(a)

ANEXO C

ATA DA REUNIÃO
DATA: 24 de junho de 2021
Ata: Sumaya Mattar

Presentes: Antônia, Be, Brígida, Camila, Celine, Elio, Estefano, Gabriel, Gabriela, Guilherme, Helena Castelo, Iago, Karol, Kim, Laís, Larissa, Letícia, Lia, Maitê, Marcos, Mariana, Mirella, Nicolle, Pamella, Rodrigo, Thaís

A professora Sumaya introduziu o encontro, que contou com a participação de alunes de MEAVI, HEAB e RP, retomando o trabalho iniciado na semana anterior. Explica que trataríamos do tema do racismo estrutural em uma perspectiva político-poético-pedagógica.

Para introduzir a reflexão, a professora apresentou três epígrafes:

> "(..) a direção da caminhada é mais importante do que o tamanho do passo." (Augusto Boal)
>
> "O que se espera é sempre melhor do que o que se tem." (Provérbio africano)
>
> A adinkra SANKOFA, que significa: "Aprender com o passado para entender o presente e moldar o futuro"
>
> "Os símbolos Adinkra fazem parte da cultura Ashanti e são representados em formas geométricas estilizadas. Eles transmitem os valores do povo akan, de Gana e da Costa do Marfim, os quais incluem aspectos da vida vegetal, do corpo humano, elementos geométricos e abstratos, e, até aspectos astronômicos. Como um símbolo Adinkra, **Sankofa** pode ser representado como um pássaro mítico que voa para frente, tendo a cabeça voltada para trás e carregando no seu bico um ovo, o futuro. Sankofa é, assim, uma realização do eu, individual e coletivo. O que quer que seja que tenha sido perdido, esquecido, renunciado ou privado, pode ser reclamado, reavivado, preservado ou perpetuado. Ele representa os conceitos de autoidentidade e redefinição. Simboliza uma compreensão do destino individual e da identidade coletiva do grupo cultural. Desvela uma abertura para a heterogeneidade real do saber humano, para que possamos observar o mundo de formas diferentes. Em suma, perceber os nossos problemas de outros modos e com outros saberes."

A professora diz que o racismo estrutural diz respeito à sociedade brasileira como um todo e que o reproduzimos em nosso dia a dia e em nossas relações.

Disse que na semana passada conversaríamos sobre o livro *O que é racismo estrutural*, de Silvio Almeida, e que isso infelizmente não ocorreu, disse que havia trazido o próprio autor explicando o tema central do seu livro em 10 minutos para servir de estímulo para que quem não havia lido realizasse a leitura, que considera obrigatória. Apresentou três depoimentos em vídeo sobre o tema:

> a) O que é Racismo Estrutural, de Silvio Almeida: https://www.youtube.com/watch?v=PD4Ew5DIGrU;
>
> b) Raça e racismo no BRASIL, com Carlos Medeiros, no programa Café Filosófico https://www.youtube.com/watch?v=w5tGY16nyyg;

c) A fala de Renato Santos, professor de escola pública que participou do curso Arte e educação para professores, coordenado pela professora Sumaya, cujas aulas terminaram no dia anterior. O professor faz uma reflexão sobre o curso a partir do que ele chama de “Relações em janela: diversidades cruzadas”. Entre muitas coisas importantes, Renato falou da importância de um espaço pedagógico seguro para o diálogo e a expressão das diversidades, que foi o que ele diz ter encontrado no curso Arte e Educação para Professores.

A professora disse que gostaria de ouvir os/as estudantes a partir da introdução feita por ela e que, ao final, faria uma proposta.

Um dos alunos pediu para falar e leu uma carta a respeito dos encontros dos dias 10 e 17/06.

Após o término da leitura, a professora agradeceu ao estudante e disse que tratava-se de uma reflexão bastante consistente, mais significativa para nós do que qualquer livro, que precisava ser recebida com toda a nossa inteireza.

Alguns alunos pediram desculpas pela maneira como agiram na semana anterior, outros falaram da importância do silêncio e da necessidade de tempo para elaboração.

A professora Sumaya reforçou que este era um espaço seguro para todes falarem.

Apresentou dois trechos de Paulo Freire em que o educador afirma a importância de a *denúncia* sempre vir acompanhada de um *anúncio*, ou seja, do que pode ser feito para que a situação seja transformada.

> “A educação problematizadora, que não é fixismo reacionário, é futuridade revolucionária. Daí que seja profética e, como tal, esperançosa. (...) Em Ação cultural para a liberdade e outros escritos, discutimos mais amplamente este sentido profético e esperançoso da educação (ou ação cultural) problematizadora. Profetismo e esperança que resultam do caráter utópico de tal forma de ação, tomando-se a utopia como a unidade inquebrantável entre a denúncia e o anúncio. Denúncia de uma realidade desumanizante e anúncio de uma realidade em que os homens possam ser mais. Anúncio e denúncia não são, porém, palavras vazias, mas compromisso histórico”. (In: FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019, p. 102)

> "Por isso, venho insistindo, desde a Pedagogia do Oprimido, que não há utopia verdadeira fora da tensão entre a denúncia de um presente tornando-se cada vez mais intolerável e o anúncio de um futuro a ser criado, construído, política, estética e eticamente, por nós, mulheres e homens. A utopia implica essa denúncia e esse anúncio, mas não deixa esgotar-se a tensão entre ambos quando da produção do futuro antes anunciado e agora um novo presente. A nova experiência de sonho se instaura, na medida mesma em que a história não se imobiliza, não morre. Pelo contrário, continua". (In: FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança. São Paulo: Paz e Terra, 2011, p. 126-127)

Um dos estudantes expressou seu incômodo e disse que a proposta de carta feita no último encontro estava tomando um rumo de criminalização.

Uma estudante falou da relevância da carta que havia sido proposta como uma maneira de admitir que o que aconteceu foi problemático.

A professora Sumaya disse que tinha uma proposta e gostaria de fazê-la. Não votaríamos, conversaríamos. Disse que na semana anterior, quando havíamos combinado de conversar sobre o livro de Silvio Almeida, fomos pegos de surpresa com a instauração de uma assembleia que não havia sido combinada. Alertou para tomarmos cuidado para não incorrermos nos mesmo erros e ficarmos novamente no lugar de quem tem as respostas, conforme o texto lido pelo colega nos alertou. Reforçou que o nosso trabalho é político-pedagógico. Lembrou que trouxe Augusto Boal e Paulo Freire para este encontro porque ambos estiveram absolutamente comprometidos com o fim da opressão e julgavam necessário trabalhar não apenas com os oprimidos numa perspectiva libertadora, mas também com o opressor que não tem consciência que está oprimindo (não com os carrascos, evidentemente, que o fazem deliberadamente), e isso exige um processo de formação, diálogo, reflexão e trabalho coletivo. A professora afirmou que a licenciatura tem mais condições do que o bacharelado para dar início a este processo, pois trabalhamos com pessoas, entramos nas instituições. E que sua proposta vai nesse sentido.

Uma estudante fala que a carta lida pelo colega é linda e muito relevante, pois trata de temas delicados de forma cuidadosa. Sumaya concordou com a estudante e disse que não podemos ouvir tudo o que ouvimos, as falas do colega, de Silvio Almeida, Carlos Medeiros e Renato Santos sem nos deixarmos afetar e sem pensarmos sobre o que faremos a partir de agora.

Alertando para o fato de já termos ultrapassado o tempo de 1h30 destinado à conversa, a professora apresentou a proposta de a licenciatura ter um projeto inspirado no projeto Entretelas, organizado por alunos de pós-graduação, em que o/as próprio/as estudantes fizessem a curadoria e a organização de encontros. Propôs que tivéssemos convidades que nos ajudassem a enfrentar a questão do racismo estrutural e das diversidades, com vistas a lidarmos não apenas com questões interpessoais, mas também com o currículo, programas de disciplinas, permanência etc. A professora disse que poderiam ser convidades artistas, educadores, pesquisadores, ex-alunos do CAP para conversarem sobre seus trabalhos, dentro do tema proposto, e que havia tomado a iniciativa de convidar o ex aluno do CAP, artista, quadrinista e professor da Escola de Aplicação Marcelo D´Salete, que aceitou prontamente o convite e fará sua apresentação no dia 05/07, às 19h00. A professora explicou que escolheu este horário porque é o horário destinado às reuniões gerais do Residência Pedagógica, portanto, é um horário em que muites estudantes têm disponibilidade. Ela diz que a participação poderá valer como atividade do Residência e atividade de estágio. A professora disse que os encontros podem ser desdobrados em rodas de conversa, em que todes poderiam participar. A proposta foi bem recebida.

A professora perguntou quem gostaria de participar do projeto. Sugeriu que participassem RP´s, estudantes das disciplinas MEAV I e HEAB e estudantes do Residência Pedagógica. Também disse que seria importante ter a participação do doutorando Leandro Oliva Costa Penha, aluno PAE na disciplina HEAB, porque ele está no Entretelas e poderá nos ajudar na organização, além de sua tese versar sobre a obra e a contribuição de Paulo Freire.

Alunes que demonstraram interesse em participar da organização do projeto: Estefano, Iago, Helena, Gabriel, Larissa, Antonia, Camilla, Thais, Nicolle, Guilherme, Lais, Mariana, Mirella, Lia.

A professora disse que criaria um grupo de whatsapp com essas pessoas e agendou a primeira reunião para o dia seguinte, às 17h00.

Após 2h10 de encontro, a professora informou que a partir daquele momento ficaria apenas com a turma da disciplina MEAVI para dar continuidade ao programa da disciplina, agradeceu e se despediu dos demais

ANEXO D

ATA DA REUNIÃO
DATA: 25 de junho de 2021
Ata: Thais Suguiyama

Planejamento do encontro com Marcelo dia 05/07 (1h30 de encontro):

produção visual e divulgação	contato com Marcelo	mediação	pós encontro/ roda de conversa	parte técnica
capa de evento convite que funcione no whatsapp, facebook, etc. esboçar e mandar no grupo para análise do restante	contato , pedir mini bio, imagem e possível título. deixar claro que a imagem serve como gatilho para início da conversa, e se possível, que se relacione com a temática e título escolhido.	elaboração de perguntas e apresentação do marcelo (segundo as infos que ele passar)	após o encontro do dia 05/07 pensar sobre isso.	gravação sala do Meets será feita por Sumaya
lia sami larissa helena antônia Lai	mirella estefano	estefano mirella	camila guilherme thais	

no início da reunião, Leandro apresentou projeto EntreTelas, e como é a organização das tarefas no grupo: 1- Pesquisa; 2- curadoria; 3- convite; 4-textos/ release; 5-artes; 6-divulgação; 7 transmissão;

Ideias de títulos para o projeto feitas pelo Leandro:

- Enredos e rodas da graduação;
- Graduação e reflexão;
- Conversas e versos da graduação;
- Professores de hoje e de amanhã.

- Ideia de um grupo inicialmente com a participação da Sumaya, mas que possa ser paulatinamente assumida pelos alunes

- Apresentação pelo Leandro da organização do Entretelas
  - Antes eram chamados um convidade e um entrevistador, mas depois foram chamados dois convidades para sair de um lugar de encontro que pareça banca
  - Curadoria, discussão coletiva, viabilização do evento

- Divulgação feita com antecedência. Release divulgado no Jornal da USP, lista de pós-graduandes (secretaria fornece), evento no facebook, flyer de divulgação para outras redes
- Parte técnica: evento Google Meets somente para convidades. OBS Studio transmite publicamente para Youtube, Streamyard transmite para Youtube e Facebook (maior alcance). Gravação disponível no Youtube gera maior alcance paulatinamente
- Importante pensar em publico-alvo

- Dividir as funções/grupos ao invés de pessoas responsáveis pelos eventos específicos. Grupos e funções não seriam estanques.

- Gravar e editar vídeos curtos (teasers) para serem divulgados para chamar para os próximos eventos

- Namorado da Mirella é do curso Audiovisual da ECA e poderia contribuir com o projeto. Seria uma abertura para a ideia se espalhar para a ECA e tornar o projeto interdisciplinar

- Receio de que a transmissão direta intimide as pessoas do encontro e da nossa organização

- Conversa com Marcelo seria um projeto piloto

- Uma ideia de direção para o projeto: eixo alune - artista - professor/a

- Outros tipos de proposições para os convidades: falar de trabalhos de outros artistas, referências. Trazer a tona as produções artísticas

- Aprendizado com projetos passados do CAP, o “Debates da Arte Contemporânea” e o ”Ideias na prática”. Eram bons espaços de aprendizado para alunes, pois eles mediavam a conversa

- Divulgação do encontro com Marcelo
  - Pedir para ele uma imagem e uma sugestão de título. Abrir a conversa com uma pergunta sobre essa imagem
  - Divulgação (produção de material gráfico e circulação nas redes): Gabriel Ussami, Larissa, Lia e Helena
  - Textinho de convite
  - Materiais legais de serem feitos: capa para evento de facebook, flyer para divulgação no Instagram e Whatsapp, capa de apresentação
  - Para alunes da licenciatura o link será mandado, para pessoas de fora, um formulário simples e curto deverá ser respondido (evitar que pessoas que queiram atrapalhar o evento participem)

- Larissa pode ajudar em perguntas sobre quadrinhos. Importante falar dessa mídia no CAP, como possibilidade de engajamento artístico e político

- Organização do evento (1h30 de encontro):
  - Abertura: Sumaya, depois chama os mediadores

- Estes apresentam o Marcelo (perguntam no planejamento como gostaria de ser apresentado) e fazem agradecimento

- Roda de conversa: fazer um resumão do evento, pautar questões e manter uma organicidade das falas.

- Próxima reunião do grupo Ainda sem nome: **02/7 às 11:45**.

ANEXO E

ATA DA REUNIÃO – MATIZES
DATA: 12 de julho de 2021
Ata: Sumaya Mattar

Assuntos discutidos / encaminhamentos

Avaliação do encontro com Marcelo D'Salete:

- mesmo com o tempo apertado, conseguimos produzir;
- participação de muitas pessoas;
- o encontro se desenvolveu bem;
- Mirella não se sentiu sobrecarregada, mas ficou nervosa;
- Estefano diz que colocou a atenção no Marcelo, fixando-o na tela, o que o deixou menos nervoso;
- todos acharam a mediação de Estefano e Mirella muito boa; conseguiram selecionar perguntas a partir do que Marcelo já havia falado e foram passando a palavra para o Marcelo e de um para o outro de forma natural;
- presença de professores do bacharelado (Marco Buti e Silvia);
- pelos questionários, as pessoas se interessaram pelo encontro sobretudo por causa do trabalho do Marcelo com os quadrinhos;
- ele trouxe muitas experiências e abrangeu as suas várias áreas de atuação; trouxe elementos importantes para entendermos a questão étnico racial no CAP. Pouco se modificou em relação a isso desde a passagem do Marcelo pelo CAP, o mesmo em relação aos HQs;
- Marcelo entrelaça seu trabalho como artista a pesquisa e prática pedagógica;
- foi generoso em nos trazer dados, referências, dicas e sugestões para os professores de arte que queiram lidar com a temática étnico racial em sala de aula;
- Marcelo sugeriu convidarmos Claudinei, que foi seu contemporâneo no CAP;
- o encontro pelo google meet com o sistema de inscrição pode ser mantido; é melhor do que se fosse transmitido pelo youtube, pois as pessoas podem se ver e participar de fato.

Desdobramentos do encontro:

- criação de um canal do youtube por Laís, com contribuição de Antônia, que criará o logo do projeto tão logo o nome seja definido;
- edição da gravação por Luiza e disponibilização no canal do youtube do projeto;
- Thaís fará os certificados dos participantes a partir do modelo no drive e enviará para a Sumaya assinar;
- Sumaya avisa que já fez os certificados dos organizadores e mediadores e que eles estão no drive;
- a ideia de roda de conversa será retomada oportunamente. talvez possamos fazer uma roda de conversa a cada dois encontros, a partir da nossa reflexão sobre os conteúdos oferecidos pelos convidades;

- avaliar a possibilidade de informar as muitas referências oferecidas pelo Marcelo com a gravação, na descrição;
- além da gravação em vídeo, pensar na possibilidade de fazermos podcasts com os materiais dos encontros.

Ideias para a organização da equipe e realização dos próximos encontros:

- fazer reuniões de duas horas;
- começar a organização do próximo encontro com antecedência de um mês;
- manter a mediação por duplas;
- também convidar pessoas não ligadas ao CAP;
- transformar o convite em uma pergunta pode ser uma boa ideia para o convidade fazer um recorte e falar de algo mais específico;
- é necessário materializar as questões que julgamos centrais, trazê-las para o plano concreto ao pautar a conversa com os convidades;
- reforçar a questão do tempo com o convidade: uma fala de 30-40 minutos seguida de conversa com os participantes;
- pensar na possibilidade de realizarmos rodas de leitura pós encontro;
- a partir da temática étnico-racial que provocou este primeiro encontro, quais perguntas surgiram para nós?

Sugestões de convidades para os próximos encontros:

- Claudinei
- Silmara Guajajara
- Gustavo Caboclo
- Artur Santoro e Amanda Carneiro
- Vivian Braga
- Rosana Paulino
-

Sugestão de data e de convidade para o próximo encontro:

30 de agosto

Rosana Paulino

Mediadoras: Lia

(Lia vai consultar se Nicolle tem interesse em fazer a mediação com ela e enviarão um email para Rosana convidando-a; Sumaya vai enviar uma minuta para Lia)

Discussão de nomes para o projeto: Vozes plurais / Por outro lado

Próxima reunião: 19/07 às 17h00

ANEXO F

ATA DA REUNIÃO – MATIZES
DATA: 19 de julho de 2021
Ata: Sumaya Mattar
Presentes: Antônia, Camila, Estefano, Gabriel, Helena, Laís, Larissa, Leandro, Lia, Luiza, Mariana, Sumaya e Thaís.

Assuntos discutidos / encaminhamentos:

- Reenvio da autorização reformulada ao Marcelo, por Estefano;
- Escolha do nome do grupo, a partir de votação dos presentes. Nome escolhido: **Matizes**;
- Logo do projeto a ser feito por Antônia;
- Canal do youtube e criação de email, por Laís;
- Edição do material do encontro com o Marcelo a ser feita por Luíza;
- Elaboração de um cronograma com os convidades do segundo semestre. Opção por continuarmos ouvindo ex alunes. Nomes sugeridos: Vivian Braga, Moisés Patrício, Ariane Marciano, André Pitol, Cauê;
- Outros nomes sugeridos: T. Angel, Silmara Guajajara, Amanda Carneiro, Artur Santoro, Gustavo Caboclo;
- Conversa sobre a possibilidade de, a partir de 2022, os encontros terem a curadoria de duplas, sem necessariamente envolver todo o grupo e de realizarmos encontros temáticos, com mais de 01 convidade; áreas diferentes (música, artes cênicas e artes visuais); pessoas da Unicamp e Unesp etc.
- Acompanhamento do andamento do convite à Rosana Paulino por Helena, Lia e Nicolle. Aguardaremos até a próxima segunda-feira para decidirmos quem chamaremos no lugar de Rosana caso ela não aceite;
- Convite a Claudinei, ex-aluno do CAP, por Larissa e Luíza, indicando que o encontro poderá ocorrer no final de agosto ou de setembro;
- Caso Rosana e Claudinei aceitem, em outubro chamaremos Vivian Braga (Antônia, Guilherme e Thaís). Caso um dos dois não aceite, vamos decidir quem chamar em outubro.
- Para o encontro de novembro, Camila e Gabriel convidarão Amanda Carneiro e Artur Santoro, ou apenas um dos dois;
- Proposta de se criar um grupo de estudo sobre a diversidade em arte. Nome sugerido por Luíza: GEDA - Grupo de Estudos de Diversidade nas Artes
- Criar uma pasta no drive com modelos de documentos, emails etc.

Próxima reunião: 26/07 às 17h00.

ANEXO G

ATA DA REUNIÃO – MATIZES
DATA: 26 de julho de 2021
Ata: Thais Suguiyama

- Larissa não poderá participar mais.
- Podemos pensar em mediação com três pessoas.
- Edição do vídeo do Marcelo a ser feita até dia **15/08.**
- Ideia de logo: todo projeto gráfico pensado a partir de uma paleta, com quantidade de cores correspondente a quantidade de letras da palavra "matizes" (7). Poderia haver um jogo com isso, à medida que essas cores variam de encontro para encontro. Os matizes desse logo poderiam variar também a depender da característica de cada encontro ou proposição - matizes de cinza, de cores terrosas, cores quentes/frias, etc -. A ideia é que haja uma estrutura comum e que seu conteúdo mude a cada encontro.
    - Letras maiúsculas.
    - Ideias gráficas: quadrantes de cor.
    - Logo e canal a serem confeccionados até **16/08.**
- Materiais gráficos para a divulgação a serem feitos até dia **24/08**, para termos uma semana pelo menos de divulgação.
- **Cronograma do 2º semestre Matizes**, fechado.
- **Próximo convidado, Claudinei**. Algumas ideias de abordagem:
    - Pesquisar o universo dele, ver suas publicações, obras, projetos. No convite pedir sugestões, algum material que queria compartilhar, etc.
    - Partir de suas atuações enquanto artista, educador e curador. Como se dão as construções de narrativas no museu e na escola? Como são suas proposições curatoriais com base em discursos decoloniais e quais são suas relações com sua prática? O que se pode fazer em cada um dos espaços? Quais seriam os entrelaces e as disparidades entre eles?
    - Sobre sua formação no CAP. Importante resgatar movimentos perdidos não registrados/documentados com o passar das gerações.
    - Documentação da arte afro-brasileira. Como construir fio narrativo/documental que se mantenha.
    - Três coisas: 1) sobre sua formação - como a discussão étnico-racial esteve presente e se ela entrou em sua formação no CAP. 2) atuação como artista, educador e curador com a perspectiva decolonial. 3) pedir imagem.
    - Cada um do grupo deve pensar em uma pergunta.
    - Há uma pasta do Claudinei no drive, lá podem ser colocados materiais sobre ele.
- **Formato do encontro**: Sumaya ouviu uma crítica sobre o encontro com Marcelo. A pessoa achou que não ocorreu uma conversa como era esperado, mas algo mais parecido com uma palestra. Achou contraditório visto que propomos o debate da decolonialidade, de outras formas de organização. Repensar o nosso formato.
    - Pode ser estranho começar diretamente com uma conversa. Seria importante o convidade se apresentar, pois também é problemático uma discussão se restringir àqueles que conhecem sobre o assunto. Estes encontros têm também uma função de divulgação de pessoas e pesquisas.
    - Formato das conversas do Instituto Tomie Ohtake: abrem com breve apresentação a partir de perguntas disparadoras amplas dos mediadores (50min), discussão (30min), comentário e pergunta final. Total: 1h30.

- Estabelecer tempo claro de apresentação. Primeiras perguntas poderiam ser mais direcionadas aos assuntos que queremos conversar como as suas pesquisas, questões de ensino nos departamentos, etc, ao invés de serem perguntas de apresentação
- Poderíamos utilizar a estrutura de entrevista da disciplina de História do Ensino, onde há uma conversa mais genuína, um espaço de encontro e acolhimento. No entanto, há algumas diferenças com o que propomos, pois no nosso caso os mediadores devem ser mais ativos, podem comentar, propor sínteses, etc.
- Dividir o encontro em três momentos para haver um equilíbrio entre as partes: 1º- partir de um lugar comum, fazer uma pergunta síntese da história do convidade, ou partir de uma imagem (40min). 2º- colocar questões atreladas ao Matizes (20min). 3º- abrir para o público (20min).

- Convidades famosos: há de se ter um cuidado para que os participantes não venham somente por isso. Por outro lado, pode ser interessante para chamar pessoas diversas que acabem por se interessar pelos assuntos de educação decolonial, antirracista, etc.
- Convidada depois do Claudinei: Vivian Braga. Mediação já pode fazer o convite por email, pedindo materiais, etc.
- Questão do email do grupo: projeto.matizes@gmail.com ganhou por votação.

ANEXO H

ATA DA REUNIÃO – MATIZES
DATA: 23 de agosto de 2021
Ata: Gabriel Ussami

Pautas:

- Revisão das funções;
- Datas para divulgação
- Definição de quem enviará o e-mail aos professores e funcionários
- Texto de apresentação do projeto a cada encontro
- Corpo do e-mail

→ Corpo do texto de apresentação durante o encontro:

- Leitura do Guilherme. Dúvida: Levantar outras questões que estamos nos propondo a tratar, como por exemplo, estender para temáticas sócio-econômicas;
- Antônia: O texto propõe uma atuação decolonial e antirracista, e é isto que o projeto se propõe este ano. Apoia a ideia de expandir, mas que possa circunscrever dentro de ciclos dentro do Matizes, a fim de não precisarmos especificar todas as frentes que nos propomos discutir em todos os textos-apresentação;
- Gui: No e-mail, há um recorte mais definido;
- Luiza: O que trocar? No texto do e-mail ou da abertura?
- Gui: São duas questões, o texto de abertura, e o corpo do e-mail. Há uma disparidade de especificações entre o corpo do e-mail (que não especifica essa extensão), e do texto de apresentação (que especifica). O que abre para uma discussão maior em relação ao recorte de discussões de Matizes;
- Estefano: Sobre a questão dos recortes, tudo entra no conjunto das decolonialidades, quanto ao recorte de classe, é uma outra questão complexa. Talvez "questões de classe" sejam vagas demais. Sugestão de expandir no e-mail, incluindo questões de gênero e sexualidade;
- Antônia: Abordar estas questões decoloniais já aborda, em uma análise estrutural, as questões de classe, invariavelmente;
- Leandro: Sugestão, para substituição no e-mail, para uma definição de uma temporalidade. Além disso, em relação ao formato, pensando em articular um texto de apresentação e convite;
- Antônia: As especificações de como os encontros se darão estão no final do texto, talvez seja interessante colocar já desde o começo, assim o/a leitor(a) já se situe dentro do projeto;
- Combinado: Subir corpo do e-mail e texto com as modificações sugeridas;
- Camila: Podemos, ao invés de alterar o texto em seu corpo, deixar sugestões dentro do docs. no formato de comentário;

→ Revisão das funções e papéis antes, durante e depois do encontro:

- Helena: Atualização dos planejamentos e roteiro para a conversa. Pode ser mostrado depois das pautas gerais da reunião;
- Gui: Dúvida, existe um doc. com as funções?
- Thaís: Está no cronograma, disponível em: https://docs.google.com/document/d/1tT0-jhXOdxDy_4StRKKbT8Ry6n7WJEKKWyrVL_mNw-Q/edit
- Luiza: Complementando Helena, Luiza e Helena proporam uma finalização, que será compartilhada após as pautas;
- Antônia: Repassando as funções;
- Helena: Colocou as imagens que Claudinei disponibilizou no Drive;
- Leandro: Sugestão, rodada para repassar funções. Já para abrir, parabenizar a Antônia pelo logo do projeto;
- Antônia: Aproveitando, atualização da divulgação: Precisamos correr;
- Leandro: Podemos já fechar um cronograma de urgência;
- Sami: Vendo as fotos disponibilizadas pelo Claudinei, a estrutura do material é básica. Por exemplo, pegar 2 imagens e organizá-las, junto com um texto de apresentação e o novo logo do projeto;
- Combinado: PRAZO URGENTE - Quarta-feira;
- Helena: Na divulgação passada, fizemos projetos para as mais diversas mídias, que acabaram não sendo utilizados, como no Instagram e Facebook. Que tal fazermos, para esse, fazer um flyer mais "multiuso" e usar em várias redes?
- O grupo concorda;
- Thaís: INSCRIÇÕES - Se prontifica a organizar as listas de e-mail para disseminação;
- Mari Meyer: Será que mantemos um forms com todas aquelas perguntas? Tivemos poucas respostas;
- Thais: Acha que é bom, independentemente do número de respostas. Foi importante, mas se o pessoal achar redundante, tudo bem tirar;
- Mari Meyer: A pergunta do interesse é boa, além do interesse pelo certificado. Mandamos e-mail para somente quem concordou em assinar para mais updates?
- Thais: Mandar, então, e-mails para alunes e docentes do CAP, além dos interessades que marcaram interesse no forms;
- Quem vai mandar para os docentes? Da última vez foi a Sumaya;
- Estefano: Como RD, se prontificou a mandar para os alunes do CAP, ou mandar a lista de e-mails;
- Mari Meyer: O texto para apresentá-lo e do material de divulgação? Claudinei enviou? Não;
- Sami: Proposição das pessoas que forem mediar o encontro enviar um pequeno texto de apresentação no material de divulgação;
- Grupo concorda, para que não haja desencontro de informações e haja uma coesão;
- Antônia: Organização de gravação de telas e edição do material: As pessoas e funções se mantém, e cada grupo se organizará internamente;
- Leandro: E os certificados?
- Thais: O google não disponibilizou relatório do meets, o que atrapalhou na organização. Da próxima vez, podemos tirar uns prints para fazer um levantamento das pessoas;
- Mari Meyer: O que facilita pode ser fazer um forms paralelo e jogar no chat;

- Podemos jogar a cada momento da conversa, assim quem entra depois não perde o forms. Aproveita e já tira a pergunta do certificado no 1o forms;
- Estefano: É importante que avisemos que haverá formulário para o preenchimento, dentro do tempo do encontro, para quem quiser certificado;
- Leandro: Incluir essa informação dentro do texto de apresentação e do e-mail;
- Mari Meyer se prontificou a fazer este forms. Thais S. em colocar os forms de certificado no chat, a cada 20 minutos;

→ Mediação:

- Luiza e Helena. Disponível em: https://docs.google.com/document/d/1ITePKDOjRaknmH-MLSY6mS_K5mBcWsFf1Inh9YguEsk/edit
- Logo após a apresentação do Matizes, Helena apresenta o currículo de Claudinei. Em seguida, Luiza apresenta uma pergunta problematizadora, que dará o tom da conversa. Talvez o primeiro recorte interessante - que será enviado para ele antes - seria uma pergunta que questionasse essa possibilidade de "trânsito" no mundo da arte. Isso abre espaço para que Claudinei falasse sobre sua própria trajetória (Previsão de 30 min);
- Em seguida, perguntas do pessoal do Matizes. Eixos das perguntas: Atelier Osso - lugar de resistência em São Paulo; Militância e a subjetividade do artista, abordando a curadoria de Maxwell Alexandre para o Tomie Ohtake. O último eixo seria composto por perguntas mais institucionais, por exemplo sobre o Museu AfroBrasil, em diálogo com algum educativo, curadoria ou museu.
- Finalmente, perguntas do público. (Não há como estimar o tempo das perguntas, mas haveria uma reserva da maior parte do encontro).
- O encerramento. Relato da amiga da Helena sobre as aulas de modelo vivo: Aula transformadora para a formação dela. Talvez fechar com uma relação do corpo com as aulas de Claudinei.
- A importância do corpo no diálogo com o sujeito. Levando em conta os trabalhos de Claudinei, de sua atuação na dança, e em sua curadoria, abre-se a possibilidade de encerrar tendo em vista a questão do corpo.
- Thais: bell hooks, dentro de seu livro, aponta na diferenciação, pela academia, entre mente e corpo, enquanto abstrações. Talvez fazer uma pergunta, como encerramento?
- Camila: Talvez manter a proposta de organização de Sumaya, com 3 perguntas das mediadoras e em seguida do público. Não citar bell hooks, a fim de não estender mais;
- Sami: Qual pergunta é uma pergunta de encerramento? Talvez perguntar como ele lida, enquanto professor, em relação ao corpo, nestes tempos?
- Gui: Levando em conta a curadoria de Maxwell Alexandre, surge a curiosidade do próprio Claudinei comentar sobre o trabalho de Maxwell, além de outras perguntas que saem disso;
- Luiza: Talvez elencar pontos de interesse, ao invés de perguntas fechadas, visto que Claudinei responde às perguntas de entrevistas de forma completa e rica. Quer-se levar em conta a formação de um diálogo, na conversa. Receio de fazer perguntas básicas demais, ou fazer colocações que não seriam "certas". Talvez especificar isso?

- Leandro: Importância desses pontos. Talvez seja importante nos lembrarmos, e salientar isso, que o encontro é um encontro formativo. Recordação do evento anterior, que pessoas entraram "por causa" do Marcelo D'Salete. Não podemos perder de vista que é um encontro de formação, de um olhar panorâmico. Leandro concorda que estas perguntas são indagações pesquisadas, e que devem ser pensadas no sentido de que "no que está pergunta soma em nossa formação". Não seria "certo" ou "errado", mas "será que essa pergunta contribui para minha formação"? Resumindo, manter na mente o porquê do projeto, e da matriz formativa de Matizes, enquanto princípios fundamentais.
- Podemos também estabelecer eixos centrais, que, no jogo das perguntas e respostas, nós - do projeto - podemos elaborar e contribuir para a discussão. Abrir o máximo possível, e o que está nas entrelinhas?
- O lugar do diálogo é muito importante nesse lugar. Tira o peso, o "medo" citado nas falas da reunião. É um lugar de abertura para processos reflexivos, e não de que um lugar de acertos e erros.
- Camila: O projeto quer ser um lugar de troca de ideias, mas a lacuna existe, e o grupo está aqui para preencher, em caso de um silêncio. E, também, confiar no interesse do público interlocutor;
- Helena: Pensando nestes propósitos e perguntas, no fundo os três eixos estão mais claros para Luiza e Helena, só precisam materializar;
- Camila: Puxando o currículo e história dele, aproveitar para fazer perguntas mais críticas ou provocadoras. Sumaya sugeriu, na reunião passada, em perguntar quais são os métodos e como que a vida dele o levou a exercer tantas atividades;
- Luíza: Neste lugar de perguntas biográficas, talvez perguntar onde que o CAP entra em sua formação enquanto artista, curador e professor?
- Leandro: Sobre cronograma, há uma data para finalização?
- Helena: Esse documento seria um rascunho, mas finalizar pode nos ajudar a condensar os interesses e materializar melhor;
- Luiza: A primeira pergunta estava prevista para ser fechada antes, para enviar ao Claudinei. As outras podem ser fechadas antes também;
- Leandro: Não seria fechar, seria sintetizar as perguntas e eixos, para uma melhor visualização e organização do documento pelo grupo, para que fiquemos a vontade em organizar e adicionar perguntas que julguemos que adicionem. No entanto, as perguntas sempre mudam, até o "último minuto", são importantíssimas. Leandro também faz eco a fala de Camila, que devemos levar em conta a riqueza de não saber quais perguntas serão feitas do público, e que invariavelmente haverá perguntas que não serão feitas;
- Helena: Mandar a primeira pergunta, norteadora, para o Claudinei? Por um lado, pode engessar, por outro, pode situar Claudinei;
- Luíza: Docs para passar as perguntas a limpo. https://docs.google.com/document/d/18kiFeHqdrmsrj5gkiSgDQ6woxjbIphRvKlR33J7gNwM/edit
- Estefano: Isso, que Helena perguntou, não foi feito no encontro com Marcelo, talvez não enviar a pergunta pode abrir precedente para uma apresentação mais extensa;
- Sami: Levando em conta que Claudinei responde de maneira bem completa, e do precedente anterior, teríamos que pensar muito bem em uma pergunta;

- Camila: Talvez mandar um roteiro bem conciso?
- Thais: Seria legal deixar para a hora, a dificuldade reside em interromper, mas podemos tentar guiar;
- Helena: Podemos tentar avisá-lo que ele tem 30 minutos de fala, partindo para as perguntas;
- Camila: Podemos falar isso na apresentação, assim não tem como ele esquecer deste ponto;
- Mirella: Luiza e Helena especificaram como o encontro será, no primeiro contato? Sim. Então vamos tentar como o primeiro encontro;
- Tentar direcionar, não enviar perguntas antes.
- Leandro: Reforça com lembrete para garantir, mas caso haja uma extensão, lembrar que é um diálogo, e que a escuta abre espaço para indagações no meio, assim como Estefano fez no encontro passado;

O roteiro está aberto para contribuições em perguntas e comentários, assim como o texto apresentação e do e-mail;

ANEXO I

ATA DA REUNIÃO – MATIZES
DATA: 4 de março de 2022
Ata: Leandro Oliva
Presentes: Sumaya, Beatriz, Helena, Sami, Luiza, Guilherme, Laura, Thais, Priscila e Leandro.

Sumaya recebeu todes com palavras de afeto, carinho e saudades. Em decorrência do número de projetos, da volta às aulas presenciais, da participação em diferentes comissões, convidou Leandro para apoiar, como pesquisador colaborador, o cotidiano de Matizes. Continuará como coordenadora do projeto, contudo Leandro apoiará o grupo em termos de organização, operação e fortalecimento da ação envolvendo ensino, pesquisa e extensão, com graduandes, graduades, pós-graduandes e pós-graduades. Também apresentou Priscila Leonel, pesquisadora de pós-doutoramento na ECA, com supervisão de Sumaya, que estará junto com Leandro, como pesquisadora colaboradora no projeto Matizes.

Sobre Priscila:
Doutora em Artes, pelo IA/UNESP (2021). Mestra em Artes, pelo IA/UNESP (2017). Especialista em História e Cultura Afro-Brasileira (FAVENI, 2020). Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais pelo IA/UNESP (2016). Graduada em Marketing (2011) pela Universidade de São Paulo (USP) e também é graduada em Pedagogia (2018), pela Uniplena. Cursou Comunicação Visual, na Escola Técnica Estadual Carlos de Campos (2006) e Museologia na Escola Técnica Estadual Parque da Juventude (2013). Atuou como pesquisadora bolsista de Iniciação Científica (2007 e 2008) na USP, sobre "Comunicação em Museus". Realizou sua segunda Iniciação Científica, com a bolsa Capes (2013), na UNESP, sobre "Mediação em Museus". Fez parte do grupo GEIMUS, Grupo de Estudos da Interdisciplinaridade em Museologia, da USP, em 2012. Desde 2014 é integrante do GPIHMAE – Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Imagem História e Memória, Mediação, Arte e Educação, da UNESP. Desde 2018 é integrante do Grupo de Pesquisa sobre Panorama da cerâmica latino-americana – tradicional e contemporânea na UNESP. E desde 2021 é integrante do GMEPAE – Grupo Multidisciplinar de Estudo e Pesquisa em Arte e Educação, da ECA/USP. Produziu conteúdo para livros didáticos para Universidade Anhanguera, com a temática de Museus e Curadoria (2016). É membro da ABCERAM (Associação Brasileira de Cerâmica), onde é responsável pela Comissão Técnica Cerâmica Artística / Arte e Design, da ABCERAM. Atua como artista integrante do coletivo Goma Grupa (https://gomagrupa.weebly.com/). Em 2019 atuou como Professora assistente, na disciplina Modelagem em Cerâmica, no curso de Pós-Graduação em Arteterapia, no Instituto de Artes da UNESP e no mesmo ano foi professora substituta, no curso de Artes Visuais, na FAAC/UNESP, nas disciplinas de Gravura I e II, Fundamentos da Cerâmica e Cerâmica Contemporânea. Em 2020 atuou como professor conferencista, na FAAC/UNESP nas disciplinas de Fundamentos da Cerâmica, Cerâmica Contemporânea e Processos de Reprodução na Arte. Tem experiência como professora de Comunicação Museológica e Mediação Cultural, na Escola Técnica Estadual Parque da Juventude, onde é professora concursada, desde 2014. Atualmente é professora substituta no curso de Artes Visuais, Artes Cênicas e Música, nas disciplinas de Psicologia da Educação e Psicologia e Arte, no Instituto de Artes da UNESP. Tem experiência na área de Artes Visuais e Museus, atuando principalmente nos seguintes temas: artes, arte afrodescendente, cerâmica, escultura, arte contemporânea, memória, patrimônio, e mediação cultural.
Veja mais: https://www.priscilaleonel.com/

A partir da leitura de Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano, de Grada Kilomba:

- Helena destacou a escuta como importante ponto que conecta o texto à Matizes.
- Sumaya destacou a importância de ter coerência entre propósito e método e, em Matizes, com base no texto, garantirmos a expressão da história de vida das pessoas convidadas.

Esta leitura e discussão serão retomadas em algum momento a ser definido pelo grupo.

Sobre periodicidade:
A proposta realizada por Luiza foi aceita por todes: Matizes passar de mensal a bimestral. Com todas as sugestões trocadas ao longo da reunião, Matizes terá convidades a cada trimestre, em três momentos (que ocorrerão a cada mês, considerando os tempos de pré e pós-produção), conforme sugerido por Priscila. Sumaya lembrou a importância do momento 4 para reflexão e avaliação, como sugerido por Luiza no início da reunião.

- Momento 1: estudo (entre o grupo Matizes ou aberto a público. O formato é definido com cada convidade)
- Momento 2: discussão com base nas pesquisas, na história de vida (encontro virtual aberto a público, pelo Google Meet, como realizado em 2021)
- Momento 3: oficina aberta a público (com limite de participantes e inscrição prévia)
- Momento 4: avaliação e reflexão (entre o grupo Matizes)

Ideias que surgiram durante o encontro virtual:

- rodas de leituras com convidades. Pode ser presencial.
- possíveis desdobramentos dos encontros com convidades para estudantes do CAP: rodas de conversa, oficinas, discussões. “Entendemos por desdobramentos o aspecto político-pedagógico e a construção de conhecimento envolvida em Matizes”, segundo Sumaya.
- seleção de capítulos de livros para discussões em roda.
- consulta virtual a estudantes do CAP sobre interesses para possíveis oficinas.
- o estudo pode incluir filmes, exposições, objetos, não apenas leituras.
- discutirmos um texto que seja referência para a pessoa convidada, que julgue ter sido importante para sua formação.
- incluir convidade em construção de ações com o grupo, como uma residência. Em virtude da dificuldade de tempo que possa surgir, tal proposta foi ajustada para o formato trimestral.

Cronograma de Matizes 2022
Março a maio: Convidada Priscila Leonel

12, 15 ou 17 de março, às 15h (grupo definirá até 08/03): exposição Carolina Maria de Jesus, no Instituto Moreira Salles. Atividade voltada apenas para o grupo Matizes.

14 ou 21 de março, segunda-feira, às 19h (horário a decidir com o grupo): reunião para planejamento do encontro virtual, da oficina com Priscila e definição de próxime convidade, como sugerido pela Laura.

Processos envolvidos na pré e pós-produção dos encontros virtuais:

- arte da divulgação
- formulários de inscrição
- release
- certificados
- atas das reuniões
- leitura e resposta dos e-mails do grupo
- mediação dos encontros virtuais
- autorizações
- gravações
- edição
- publicação no canal do youtube
- carta de agradecimento

25 de abril: encontro virtual com Priscila Leonel, aberto ao público.

Entre 23 e 31 de maio (a definir): realização da oficina aberta ao público. Após a definição desta data será agendado o encontro para avaliação e reflexão.

Junho a agosto: convidade e datas a definir.

Setembro a novembro: convidade e datas a definir.

ANEXO J

ATA DA REUNIÃO - MATIZES
DATA: 02 de maio de 2022.
Ata: Laura Sapucaia
Presentes: Caio, Camila, Gabriel Ussami, Guilherme, Laura, Leandro, Luiza, Thais.

Pauta da reunião:
1° pendência da autorização de uso de imagem da convidada Amanda Carneiro (encontro de 25/10)
2° reflexões e pós-produção da "Conversa com Priscila Leonel" (25/04)
3° produção da oficina de cerâmica com Priscila Leonel
4° pré-produção do próximo trimestre- convidada: Silmara Guajajara

1) **Pendência da autorização de uso de imagem da convidada Amanda Carneiro (encontro de 25/10)**

- Iniciamos a reunião conversando sobre a falta da autorização para a publicação da transcrição e vídeo do encontro com Amanda Carneiro (realizado em 25 de outubro).
- Thais informou que enviou um e-mail para a Amanda em fevereiro e que a única resposta que obteve foi uma do MASP avisando que ela estava de férias.
- Diante da falta de respostas, foi decidido que Camilla enviaria uma última mensagem para Amanda (via whatsapp) para solicitar a autorização
- Caso Amanda não responda, foi acordado que deixaremos de publicar o material
- Caio faz uma observação a respeito de nos atentarmos ao convidarmos pessoas com comunicação complicada, pois a demora e falta de resposta atrasa ou impede o andamento dos processos de produção e pós-produção do evento.

2) **Reflexões e pós-produção da "Conversa com Priscila Leonel" (25/04)**

2.1) Reflexões

- Laura aponta que um aspecto bastante positivo do encontro foi a participação do público, tanto via chat quanto por microfone, e que isso pode ter ocorrido devido a fala inicial que convidava as pessoas a falarem. Leandro acrescenta que esse formato possibilitou uma ambientação de troca e sem hierarquia entre falas.
- Luiza diz que a conversa foi bem fluida graças às respostas e postura de Priscila que possibilitaram maior descontração, porém sem deixar de tocar em assuntos sérios. Laura adiciona que o contato com Priscila desde o início para estudos auxiliou na criação desse ambiente.
- Luiza aponta um número menor de participantes no público. Leandro fala que houve uma redução no número de inscrites, mas que a grande maioria de quem se inscreveu entrou no encontro, em seguida pergunta para o grupo qual achávamos ser o motivo para essa diminuição
- Luiza acredita que o retorno presencial faz com que as pessoas deixem de participar de eventos online. Thais reforça que o formato remoto se tornou cansativo e repetitivo. Laura sugere alterações em encontros futuros (como incorporar a conversa na oficina

presencial). Caio aponta que o presencial, apesar de ser para um grupo reduzido, é mais proveitoso. Caio e Camilla sugerem fazermos mais um trimestre como o dos encontros com Priscila. Luiza diz para utilizarmos a oficina de cerâmica de Priscila como parâmetro para avaliarmos a transferência de Matizes para o formato presencial. Guilherme concorda e afirma que podemos usar esse tempo de avaliação para reservarmos espaços para os encontros. Gabriel diz que podemos usar a oficina de cerâmica para vermos o que o grupo e público acham sobre o formato presencial.

- Ao fim da reflexão, Leandro elogia a curadoria de materiais e organização da mediação. Ele também aponta o aspecto formativo para dentro e fora de Matizes

2.2) Pós- produção

- Guilherme produzirá os certificados
- Laura e Luiza enviarão o agradecimento e autorização de uso de imagem a ser preenchida para Priscila Leonel (o documento da autorização a ser enviado já está no drive: Autorização de uso de imagem e voz- Priscila Leonel)
- Gabriel e Camilla fizeram a gravação do encontro. Gabriel comenta que está tudo certo com sua gravação e Camilla apenas relatou que o som de sua gravação precisa de edição.
- A edição do encontro será feita após a autorização do uso de imagem ser preenchida por Priscila

3) Produção da oficina de cerâmica com Priscila Leonel

- Informações sobre a oficina (faladas por Guilherme na reunião e enviadas por Priscila via whatsapp):
    - Nome do evento: Argila, Ancestralidade e Memórias
    - Possíveis datas: 24/05 (19h às 20h30) ou 26/05 (15h às 16h30)
    - Duração estimada: 1 hora e 30 minutos
    - Número de participantes: 15 pessoas + equipe Matizes
    - Materiais: 0,5 kg de argila (não escolar) por pessoa. Caso a oficina não seja no ateliê de cerâmica precisa de palitos de churrasco e garfinhos para serem usados como ferramentas
    - Descrição resumida da oficina: A oficina consiste em conversar um pouquinho sobre o tema, apresentando a proposta, e convidar a turma a uma entrega ao processo de modelagem. A Priscila vai acompanhar a turma, passar pelas mesas para dialogar e ouvir cada ume sobre seu processo. Ao fim, haverá uma conversa sobre as produções de todes e nossas relações com a ancestralidade
- Gabriel falou que o professor Ramiro ainda não respondeu seu e-mail a respeito do uso da sala de cerâmica. Ele enviará uma outra mensagem, e caso não haja resposta até o fim desta semana ele falará com o professor pessoalmente.
- Laura e Guilherme farão os formulários
- Caio e Antônia farão o material gráfico
- Enquanto não obtivermos resposta sobre a data, os processos de divulgação e inscrição estão suspensos
- A respeito das ferramentas, possivelmente há o número necessário no ateliê de cerâmica. Mas, por segurança, integrantes do Matizes que possuírem ferramentas as levarão como reserva.

- Para a compra da argila, ficou acordado que o grupo comprará em conjunto (a Luiza irá buscar na loja) e que no dia do encontro passaremos com uma caixinha para contribuições dos participantes. Esse dinheiro poderá ser usado como reembolso para o grupo (sugestão de Leandro) ou caixa para outros eventos de Matizes (sugestão de Luiza)
- Foi calculado, para uma média de 20 kg de argila, o valor de R$ 116,00 (R$14,50 para cada integrante de matizes). Aguardaremos o número de inscrições para realizar a compra.
- Para as inscrições, optamos por dar prioridade a inscrites trans, mulheres, indígenas, negres, PCD e estudantes e professores de escolas públicas. Haverá uma lista de espera.

4) **Pré-produção do próximo trimestre- convidada: Silmara Guajajara**

- Caio enviará o convite para a convidada do próximo trimestre de Matizes (junho, julho e agosto)
- É necessário marcar três encontros dentro dos respectivos períodos e formatos:
    - 1. Estudo com a convidada- entre os dias 13 e 30 de junho, remoto ou presencial, público ou apenas para a equipe Matizes.
    - 2. Conversa pública - nos dias 4, 11 ou 18 de julho** (preferencialmente dia 18), remoto*
    - 3. Oficina/proposição prática- entre os dias 16 e 31 de agosto**, presencial, público

* A conversa pública pode vir a ser presencial dependendo dos desdobramentos e reflexões da oficina prática com Priscila Leonel

** Esses períodos foram selecionados para julho e agosto pois não entram em conflito com as férias da USP (23 de julho a 15 de agosto)

ANEXO K

ATA DA REUNIÃO - MATIZES
DATA: 17 de junho de 2022.
Ata: Camila Vasques
Presentes: Antonia, Carla, Clara, Caio, Camila, Helena, Karina, Laura, Leandro, Luiza, Priscila Leonel, Priscila Akimi, Sami e Sumaya.

- Revisão 1 ano de Matizes

- Revisitar o que fizemos durante um ano de projeto

- Matéria GMEPAE:

Luiza compartilhou conosco a conversa do encontro passado. Nas últimas 2 semanas houve 2 reuniões para reavaliar o encontro que tivemos com Priscila Leonel e o projeto em si. Foram determinados alguns direcionamentos. Clara comentou que dentro do departamento não há muita divulgação do Matizes. Sumaya convidou mestrandes, a fim de incluir outres pesquisadores para além das artes visuais. Matizes entrará como possibilidade de ter bolsistas - vai entrar como bolsa PUB.

Compartilhamento de como foi com a parte das oficinas da Priscila Leonel e da dificuldade que teríamos de chamar ume proxime convidade. Pensando nisso, chegamos a conclusão que não faria sentido agora convidar uma próxima pessoa para participar do matizes e tentarmos nos debruçar no conteúdo que produzimos até agora, focando em repensar nossa atuação como grupo e o formato do projeto.

Foi sugerido, em debate, criarmos em dupla ou trios, um seminário - com uma ideia de estudo interno - sobre es convidades, a fim de apresentar o projeto Matizes para o departamento (e não só). Organizamos por cada integrante escolhendo convidade que gostaría de aprofundar a pesquisa - ler os materiais e produzir um texto reflexivo para convidade selecionade. A ideia principal é mostrar o projeto a um número maior de pessoas a fim de agregar mais interessades para fazerem parte do projeto. Acordamos que seria interessante trabalhar para ter pessoas que estão com uma formação mais recente no departamento.

Lista de convidades e interessades em pesquisar:

Marcelo D' Salete: Carla, Sami

Claudinei Roberto: Luiza, Laura, Priscila Leonel, Sami

Amanda Carneiro: Camila

Glaucea Helena: Antonia, Camila, Caio, Laura

Priscila Leonel: Clara, Karina, Priscila Akimi

Clara atualizou o grupo que os estudantes do primeiro ao terceiro ano estão com vontade de utilizar o espaço mais ativamente com a esperança de se articularem mais politicamente pensando na formação de artistas.

A partir daí discutimos estratégias de como chamar estudantes de fora do departamento. Falou-se na possibilidade de incluir a lista de transmissão da FEUSP no e-mail do Matizes. Carla sugeriu que usássemos mais o nosso e-mail e também de usarmos diversas artes de chamada para divulgar, como o lambe e panfletos - Laura falou de pensarmos em material impresso para divulgar no mural do CAP quando tivermos os encontros. Concordamos que seria ideal o chamamento/ ampliação do grupo serem feitos de uma forma mais embasada e que não seja só um convite - mostrar as reflexões, resultados etc.

Estamos no momento anterior à fase de chamamento, para que esse convite tenha outra qualidade, com informações mais nítidas sobre o projeto, podendo culminar em materiais, seminários, numa produção revista de Matizes etc.

Clara sugeriu que incluíssemos nos informes as assembleias estudantis o projeto, como ferramenta de ações simultâneas

Laura também sugeriu como possibilidade de encontros presenciais realizar uma espécie de fast club da leitura, tornar o Matizes mais visível dentro CAP, faro que ela reparou depois dos encontros presenciais dados pela oficina de cerâmica de Priscila Leonel.

Luiza lembrou de vermos a questão do e-mail do matizes - senha - modo de acesso.

Clara reforçou a importância de divulgarmos com mais participação dentro do departamento, responsabilidade de cada um/a/e de compartilhar o projeto. Caio sugeriu de pensarmos em algum evento para poder divulgar o projeto. Laura ressaltou que seria interessante pensarmos em algo para a semana dos calouros, porque teríamos tempo suficiente para estudar e planejar melhor uma apresentação.

Finalizamos nossa reunião pensando em maneiras de ampliar o Matizes em circulação e aquilo que o projeto produz dentro do departamento, o que também não deve inviabilizar a atuação do projeto fora do CAP. Sumaya propôs que ao invés de fazer um seminário nós do projeto poderíamos estudar cada um/a dos convidades para organizar o próximo evento do Matizes, pensando em fazer uma apresentação como forma de convite. O estudo poderá se dar da forma/tema que nos interessa, seja fazendo um balanço do que aprendemos com os encontros, seja levando histórias/depoimentos ligados ao cap, mercado de arte etc - pensar nos caminhos que a pessoa fez, o que ela está chamando de arte, o que está chamando de educação.

Chegamos à conclusão de realizarmos rodas de conversa abertas e presenciais no quintal do CAP - organizar, ter uma programação (por exemplo a cada 15 dias ter uma roda de conversa em torno de convidade, na qual caberá a dupla ou trio apresentar suas conclusões e abrir para a discussão. Leandro ressaltou que faz sentido finalmente conseguirmos concretizar a descrição do projeto “Matizes: diversidade na roda da arte-educação”.

ANEXO L

ATA DA REUNIÃO - MATIZES
DATA: 24 de junho de 2022.
Ata: Leandro Oliva
Presentes: Caio, Cami, Carla, Clara, Leandro, Luiza, Pri Akimi, Pri Leonel e Sami.

Análise dos materiais por convidade:
- Marcelo D'Salete: Carla e Sami
- Claudinei Roberto: Laura e Luiza
- Amanda Carneiro: Camila
- Glaucea Helena: Antônia e Caio
- Priscila Leonel: Clara, Karina e Pri Akimi

- No segundo semestre, Pri Leonel estará à frente da organização. Leandro estará concentrado no final de sua tese, não poderá estar sempre presente.
- Sugestão de título mais votada pelo grupo: Matizes: retomadas
- Cada dupla, trio, quarteto ou solo pensará em um título para a roda que irá mediar.

Local:
opção 1 - sala de aula do CAP (solicitaremos autorização). Foi considerada a questão das rodas ocorrerem em pleno inverno.
opção 2 - na frente do CAP, roda com cangas e cadeiras, organizada pelo grupo. Opção pensada caso o departamento não autorize o uso das salas.

Sugiram outras ideias como marquises, auditórios, espaços em outras unidades.
Limite de pessoas: 30, considerando todo o grupo Matizes.
Inscrições: Google Forms
Periodicidade: quinzenal, a partir da semana de 22 de agosto.
Mesma ordem em que ocorreram as conversas.
Há ideia de, em outro momento, realizarmos "imersões" mensais, como apresentado por Caio e Luiza, com duas rodas em um mesmo dia.
Opções de horários a serem apresentadas no pedido de uso do espaço: 10h às 11h30 e 15h às 16h30.

Dia da semana: a confirmar, conforme disponibilidade das salas e agendas des participantes de Matizes.

Na sequência, enviarei as questões sugeridas pela Sumaya para auxiliar a análise dos materiais, que ocorrerá de 25/06 a 07/08/22.

Querides, por favor, acrescentem, comentem, incluam, corrijam, ajustem o que julgarem necessário neste breve registro.

ANEXO M

ATA DA REUNIÃO - MATIZES
DATA: 2 de setembro de 2022.
Ata: Priscila Leonel
Presentes: Sumaya, Pri Akimi, Camila, Karina, Pri Leonel, Luiza, Thiago, Iago, Gabriel Sami e Carla.

- No início da reunião Sumaya apresenta os 3 bolsistas: Iago, Sami e Thiago e a atual configuração do Matizes. Pede que os bolsistas se apresentem e que os colegas se apresentem para eles, assim como suas pesquisas e interesses no tema.
- Depois das apresentações, Priscila Leonel retoma a tarefa que havia sido proposta no encontro anterior: as duplas trazerem uma "Imagem Poética", a partir des convidades. Também aponta a importância de se definir um cronograma de ações nesta reunião.
- Karina e Pri Akimi apresentam suas imagens, a partir do mergulho no trabalho de Priscila Leonel. Elas trazem 6 fotos e são convidadas a escolher apenas uma que seja mais significativa. A imagem final é uma mesa cheia de cerâmicas, trazidas pela Priscila como ampliação de referências. A palavra REFERÊNCIA também foi tida como ponto significativo.
- Na sequência, Carla e Sami apresentam suas imagens, a partir de Marcelo de Salete: Thiago Torres (chavoso da USP) ao lado da Placa da USP e uma REDE de pesca - este elemento é bem acolhido pelo grupo como imagem realmente significativa, por falar de encontros que se fazem aqui e que fortalecem alunes na Universidade e que são expandidos para fora da Universidade para suas redes.
- Luiza traz na forma falada, a imagem de uma ciranda que ela e Laura haviam identificado, a partir do estudo de convidade Claudinei. Desta imagem vem também a palavra RODA como um elemento forte.
- Camila traz como imagem a própria convidade, Amanda Carneiro, em ambientes não formais, como uma RODA DE SAMBA. E fala da desconstrução da imagem de curadora séria, de um museu de elite. Trazendo uma visão mais humana e mais ampla para as construções simbólicas que a Amanda tem mostrado em seu percurso.

Começamos a pensar o planejamento dos encontros:

- Chegamos à conclusão que com o tempo que temos, o ideal seriam 3 encontros, até o fim do ano. Um em cada mês (Setembro, Outubro e Novembro).
- Um nome para esses encontros levantado foi Rodas e Redes
- Foi proposto, além dos encontros no CAP, um encontro fora da USP.
- Cada encontro partirá de temáticas que atravessem todes convidades (ex. pertencimento, ampliação de referências, periferia, redes, espaços anteriores à universidade)

Datas e Horários dos encontros:
30/09 – 16h às 18h
28/10 – 14h30 – 16h30
25/11 – Horário a definir

No final do encontro foi proposta uma tarefa para todes:

- Revisitar materiais de todes convidades e extrair temáticas em comum.

- Começar a imaginar o que seria o desenho deste encontro: começo, meio e fim, ainda não é um plano, mas imaginar como se daria, quais as etapas, lembrando que envolve uma “situação pedagógica”. Assim, “como apresentar os temas e convidades nesse processo?” e “o que propor?”

ANEXO N

Matizes: por uma universidade plural, antirracista e inclusiva

Leandro de Oliva Costa Penha[31]

Um projeto de rodas de conversas que "sopra dentro da gente, mexe com nosso avesso. (...) Tem prosa para tudo que é gosto, pra tudo que é tempo, pra tudo que é vento" (YAKINI, 2018, p.15). *Matizes*, por sua natureza dialógica, interseccional e intergeracional, alargou-me com base em saberes da vida, saberes que são plurais - como definiu Tardif (2010, p. 54) - "provenientes das instituições de formação, da formação profissional, dos currículos e da prática cotidiana" de cada pessoa convidada ao lado de integrantes da comissão de organização constituída por estudantes de Licenciatura em Artes Visuais da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), com coordenação da professora Sumaya Mattar (ECA/USP).

Deste modo, desde a primeira edição, iniciada em julho de 2021, ao fechar o caderno de anotações, de súbito, diferentes conteúdos passaram a integrar a produção da minha tese de doutorado (PENHA, 2023), os encontros do projeto social que coordeno desde 2014, os sonhos e anseios em fazer parte de mudanças significativas e de transformações estruturais. "O mundo dado é um mundo dando-se e que, por isso mesmo, pode ser mudado, transformado, reinventado" (FREIRE, 2000, p.30).

Os avanços, sobretudo em relação às questões sociais na universidade, são muito lentos, mas não podemos ignorar sementes de flores que podem brotar do impossível chão, como cantaram poetas. Das quatro primeiras conversas realizadas em 2021, com artistas, professoras e professores, pesquisadoras e pesquisadores negros que cursaram a graduação na Universidade de São Paulo - Marcelo D´Salete, Claudinei Roberto da Silva e Glaucea Helena de Britto (Artes Visuais na Escola de Comunicações e Artes) e Amanda Carneiro, que cursou Sociologia na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas -, assim como com Priscila Leonel, que cursou Artes Visuais na UNESP e participou do projeto *Matizes* em 2022, com uma visita guiada à exposição sobre Carolina Maria de Jesus no Instituto Moreira Salles, uma roda de diálogo e

[31] Doutor em Arte e Educação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP/2023). Especialista em Arte na Educação pela mesma instituição (2017). Possui Licenciatura em Artes, graduação em Administração, formação complementar em Pedagogia Social, em gestão de organizações do Terceiro Setor, em mediação cultural e formação técnica em teatro e dança. Integrante do Grupo Multidisciplinar de Estudo e Pesquisa em Arte e Educação (GMEPAE/ECA/USP). Professor de Arte de Educação de Jovens e Adultos, de cursos de graduação, de aperfeiçoamento e de especialização em Arte na Educação. Diretor do Projeto Social PALCO. Currículo lattes: https://lattes.cnpq.br/2645606448629936

uma oficina de cerâmica, percebi meu corpo afetado pelas dimensões estéticas, éticas, políticas e sociais presentes em cada uma das narrativas. Saberes e fazeres compartilhados que nos formam, nos transformam e impulsionam caminhos em uma perspectiva decolonial, enfatizando a "heterogeneidade cultural e pluralidade das formas de expressões artísticas de origem não eurocêntrica" (PAIVA, 2022, p. 37).

A partir de minhas marcas sociais, como homem, cisgênero, branco, de classe média, desde o envolvimento com *Matizes*, não há como seguir a trajetória como pesquisador, professor, coordenador, artista e estudante sem considerar o que aprendi e aprendo a partir do compartilhamento de experiências acadêmicas, profissionais, repertórios teóricos de intelectuais negros, que seguem tendo o menor espaço nas universidades. Segundo dados do Censo da Educação Superior de 2018, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a presença de estudantes negros aumentou nos últimos anos em decorrência de políticas de ações afirmativas, contudo apenas 14,4% de docentes das universidades públicas no Brasil são negros (autodeclarados como pretos ou pardos), em um país cuja população é majoritariamente preta (53,6%) (PRADO, 2020). Matizes nasceu, de forma genuína, dentro deste hiato, em uma universidade, majoritariamente, branca, classista e racista, responsável por episódios de sofrimento, de situações traumáticas de exclusão de discentes, docentes e colaboradores. Uma estrutura de opressão constituída que não permite que as vozes de sujeitos oprimidos sejam escutadas, tampouco proporciona um espaço para a articulação das mesmas" (KILOMBA, 2019, p. 47).

Outros temas ecoaram fortemente em mim e me levaram a refletir, de modo crítico, sobre ações a partir de meu lugar no mundo. A escassez de políticas de permanência de estudantes pretos e periféricos na universidade pública. A dimensão pedagógica da atividade artística. Arte em espaços públicos, periféricos ou em risco. A coerência entre discurso e prática, como destacava Paulo Freire. A gestão democrática nas escolas e para além delas. Pensamento decolonial não apenas como perspectiva teórica, mas como prática cotidiana. Arte na escola, arte na rua, arte no museu ou no ateliê: rótulos, segregações, hierarquias que servem a uma lógica burguesa e opressora.

Finalizo com a voz de Glaucea Helena de Britto soprando ao meu ouvido: "trabalhar sem horizonte nenhum de esperança é muito difícil. (...) É preciso criar estratégias para agir em rede" (informação verbal). Assim, sigo vigilante em relação ao exercício de minha cidadania, de minhas responsabilidades na busca coletiva por um mundo em que direitos, oportunidades e maiores expectativas de vida não sejam privilégios. Reflito constantemente sobre a escolha de referências na elaboração de novos textos, de novas aulas, de novos projetos, priorizando

autoras e autores não-hegemônicos, fico atento às minhas ações e hábitos cotidianos e reforço meu compromisso de integrar ou colaborar com a constituição de equipes de trabalho e pesquisa formadas, em sua maioria, por mulheres, pessoas pretas, indígenas, LGBTQIAPN+, com deficiência e/ou com modo de vida periférico - assim denominado, pelas vulnerabilidades sociais a que moradoras e moradores de periferias estão expostos, diante de direitos humanos não garantidos ou violados, e pela potência de suas práticas sociais, formas de luta e produção cultural. Por uma universidade plural, antirracista e inclusiva, vida longa ao projeto Matizes - um espaço essencial de formação com caráter extensionista.

Referências:

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

PAIVA, Alessandra Simões. **A virada decolonial na arte brasileira**. Bauru/SP: Mireveja, 2022.

PENHA, Leandro de Oliva Costa. **Das frestas dos muros**: o ensino de arte em diálogo com o território, a partir de Paulo Freire. 2023. Tese (Doutorado em Teoria, Ensino e Aprendizagem de Arte) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27160/tde-17112023-110348/. Acesso em 27 nov. 2023.

PRADO, Thais. (2020, 10 de setembro). Apenas 16,4% dos professores de ensino superior no Brasil são negros. **Mundo negro**. Disponível em: https://mundonegro.inf.br/apenas-164-dos-professores-de-ensino-superior-no-brasil-sao-negros/. Acesso em 27 nov. 2023.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

YAKINI, Michel. **Amanhã quero ser vento**. Jaú: 11 Editora, 2018.